REVISTA DA SEMANA

Nº 50 ★ 10-12-49

Cr$ 3,00 em todo o Brasil







NESTE NUMERO:

OS PEREGRINOS DA BOA VONTADE

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





Joaquim Mendes

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

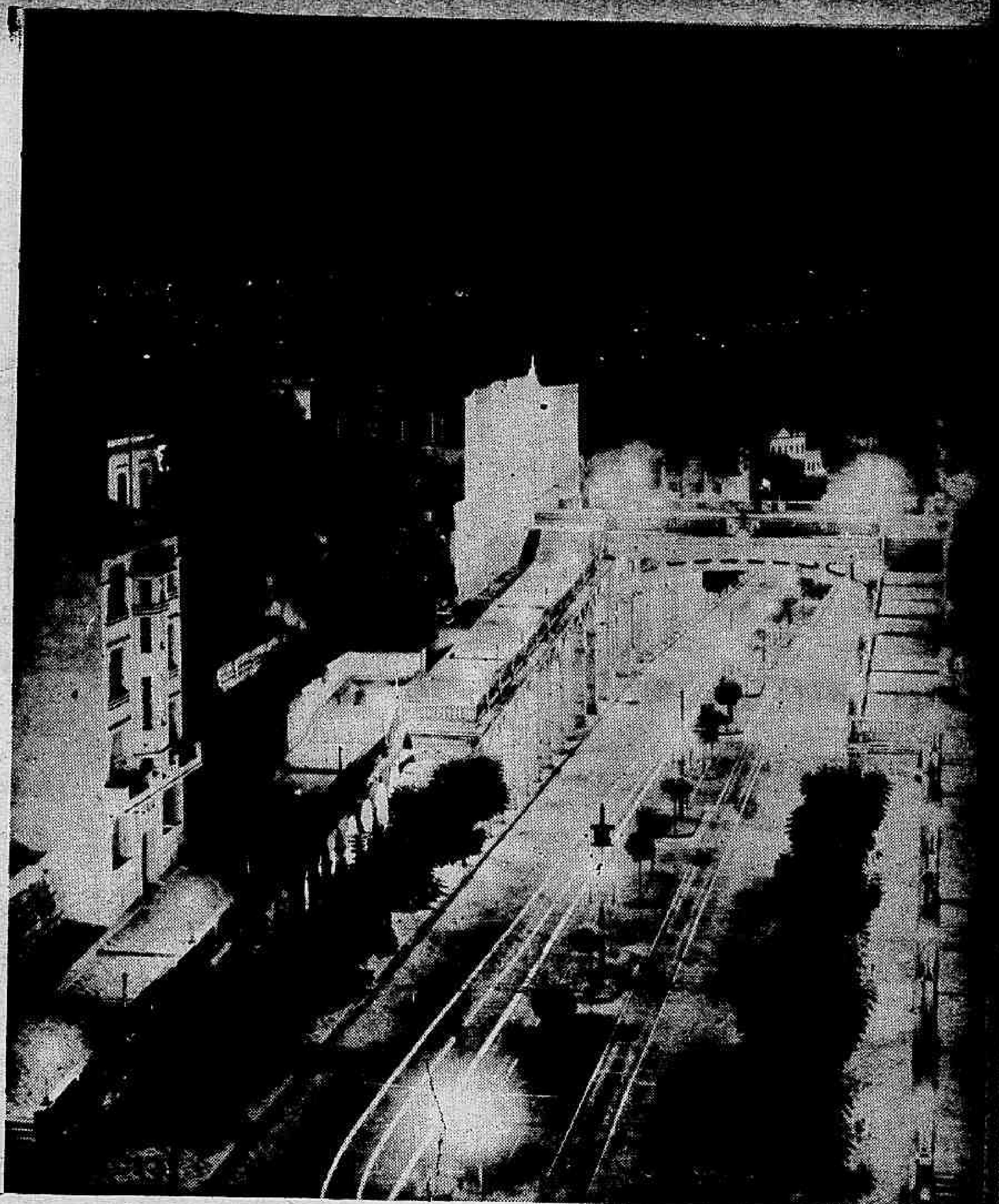
BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL CR$ 60.000.000,00

FILIAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 509

Agências no Rio: Bandeira, Catete, Castelo, Madureira e Ramos





DOIS sugestivos panoramas da modernissima capital dos Pampas, tal como vamos encontrá-la, dinâmica e surpreendente, depois de alguns anos de ausência: Avenida Borges de Medeiros, duraste o dia com seu movimentos intenso, e à noite, fartamente iluminada. Outras avenidas, amplas e bem traçadas enfeitam e dão imponência, hoje, a Pôrto Alegre

VISITA A PÔRTO ALEGRE

CELESTINO SILVEIRA

O Destino é quem manda na gente, é quem põe e dispõe. Êle nos impele, ao sabor de seus caprichos, hoje mais para um lado, amanhã para outro, levando-nos a conhecer terras que andávamos longe de admitir fôssem por nós visitadas tão cedo, enquanto nos arreda de outras que desejaríamos rever com frequência.

Quem menos manda em si mesmo é um repórter; nunca sabe para onde o vai jogar o dia de amanhã, e talvez nesse imprevisível se esconda um pouco da fascinação do "metier". Repórter tem de ser assim mesmo, pouco dono dêle mesmo, pertencendo mais aos seus deveres.

Foi o destino do repórter que nos afastou de Pôrto Alegre nestes últimos anos, dessa caprichosa Pôrto Alegre que vínhamos visitando insistentemente durante muito tempo. Novos roteiros surgiram, variaram os itinerários — e a velha Pôrto Alegre cuja vida central traçava fronteiras entre as ruas da Praia, da Ladeira e Voluntários da Pátria, teve de ficar à margem, embora não esquecida. Por vêzes a espiávamos do alto, de bordo do avião que nos impelia mais para adiante, até os céus de outras pátrias. Mas do alto não se enxergam as terras em sua exata proporção. A altitude de um Clipper nos envaidece, reduzindo a proporções de brinquedo até as mais ciclópicas metrópoles do mundo. Cidade é para ver de baixo para cima; em sentido inverso perde todo o sentido de proporção.

★

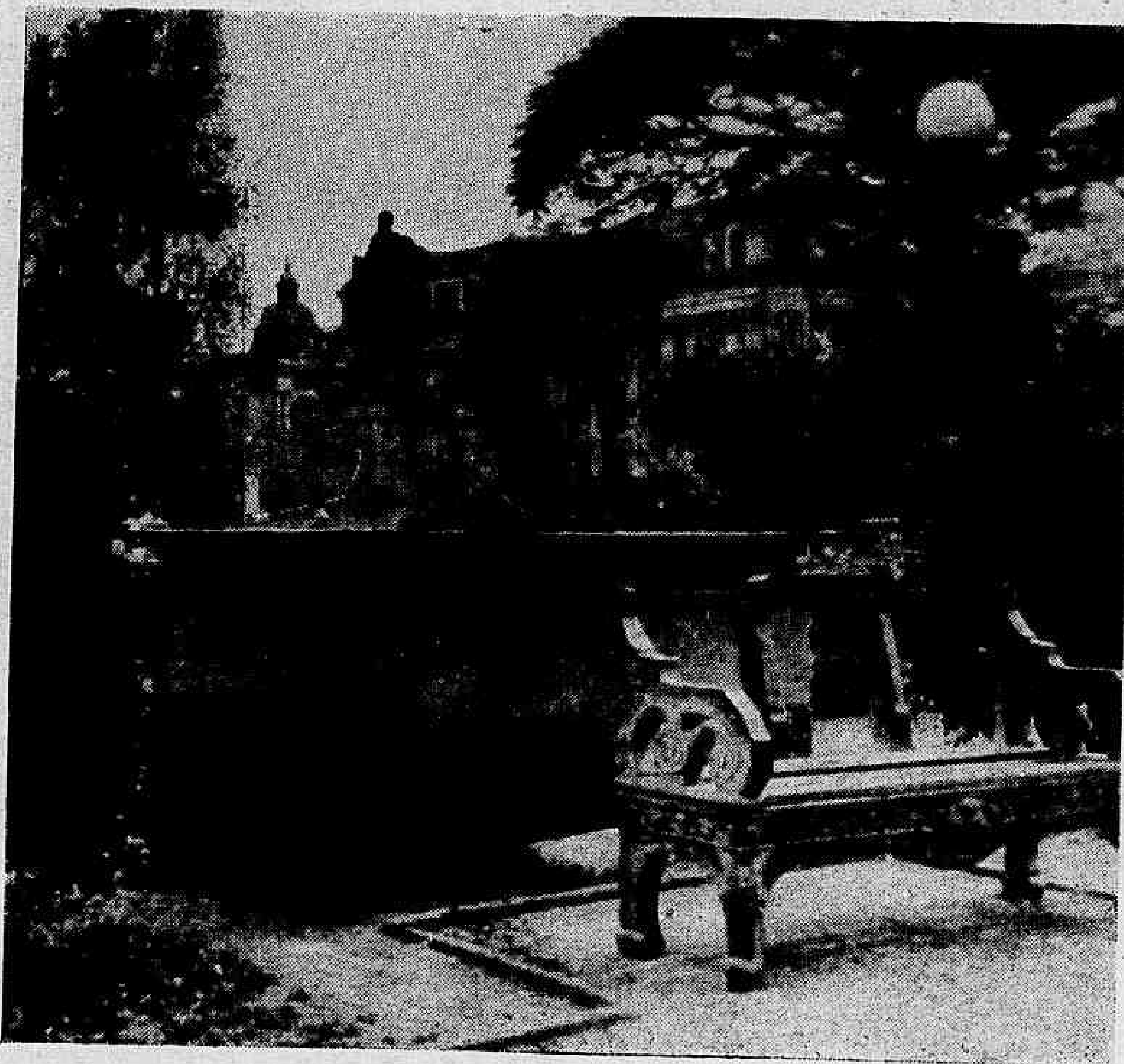
Lá voltamos, à saudosa Pôrto Alegre, um dêstes dias, levados pelo convite de Francisco Cupello, o homem que mais no Brasil, nestes últimos tempos, tem procurado melhorar as casas de diversões. O histórico Teatro 7 de Setembro, no Rio Grande, fomos encontrá-lo agora em cimento armado, todo novo, embora mantendo as placas dos grandes vultos que ali representaram.

Foi êsse ensejo que nos proporcionou vinte e quatro horas de Pôrto Alegre e nos devolveu à cidade onde apenas escassos aspectos se conservam dentro da fisionomia de outrora.

Se há uma capital de Estado brasileiro que mais tenha aproveitado o tempo rejuvenescendo, adquirindo novas tintas, vestindo-se com as roupagens garridas dos altos e esmagadores edifícios de cimento armado, é sem dúvida a capital dos Pampas. Vive-se longe de Pôrto Alegre, criminosamente, quando as distâncias já se encurtaram com as facilidades do transporte aéreo. Pode-se, hoje, sair do Rio sem ser de madrugada, ir saborear um bom churrasco nas imediações do novo e arejado bairro do Farrapo e estar de volta para o jantar aqui no Rio, sem o menor esfôrço. Mas o brasileiro viaja pouco, só o faz por necessidade, e na hora de tirar férias longas pensa em tôdas as terras menos naquela em que nasceu, para melhor conhecê-la.

★

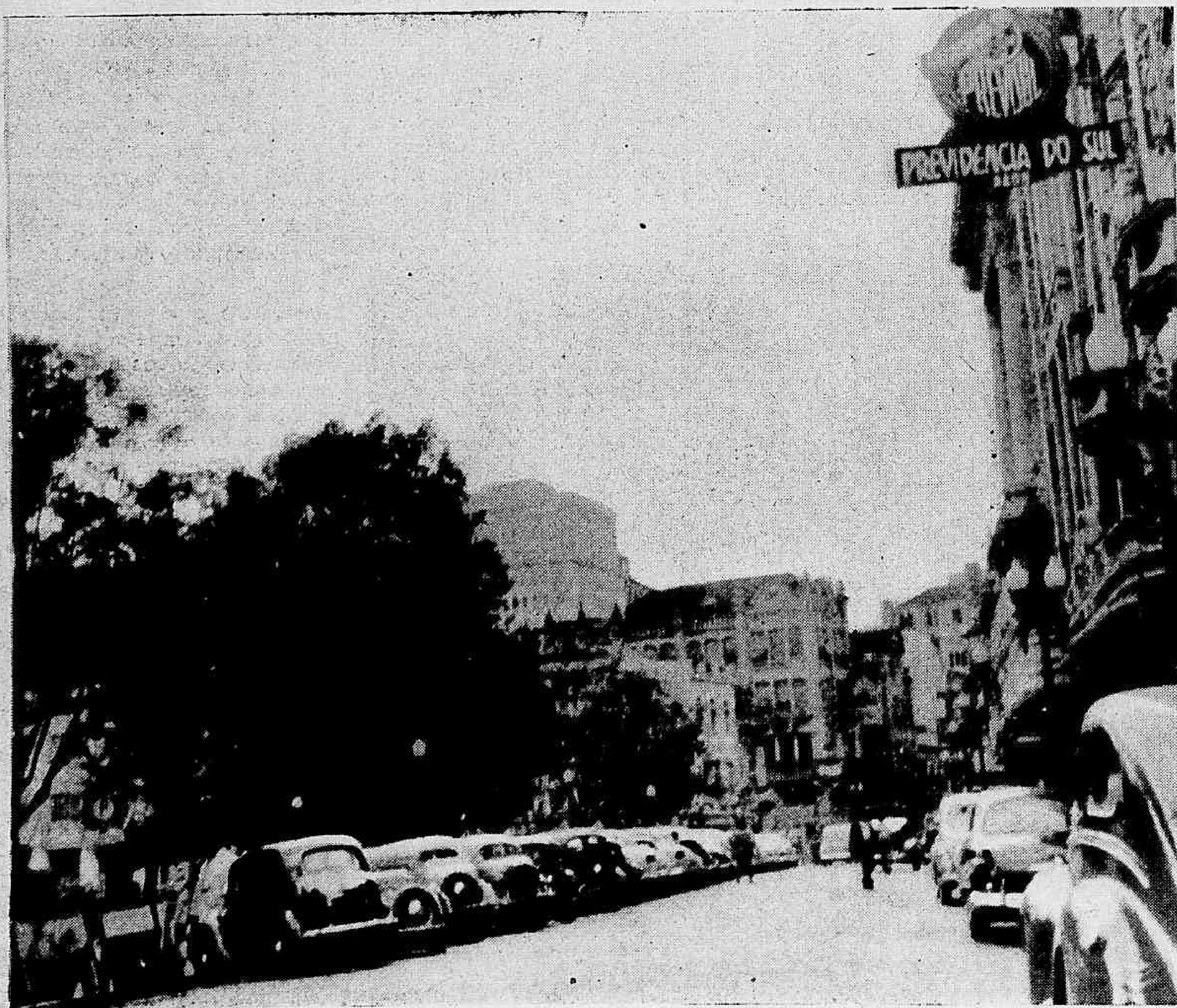
Claro que muitas nuances da fisionomia antiga portoalegrense



Banco da Praça da Alfândega, tradicional e amigo, em que os portalegrenses descansam, discutem negócios e política, se aquecem ao sol e... espiam as garotas que passam



COSTUMES da capital gaúcha: Reclamistas ambulantes do "enterrado vivo", utilizam taboletas e um microfone improvisado para levar público ao jejuador. Em baixo, automóveis na rua da Praia, esperam a volta de seus donos, com frente encostada ao meio-fio. No Rio e em outras cidades, êles encostam de marcha-à-ré. Inegavelmente, na hora de retirar o carro, assim é mais fácil



são conservadas, com suas tradições ao vivo, suas notas de personalidade: os bancos da praça da Alfândega lá estão, convidando o transeunte para dez minutos de repouso, que acabam sendo vinte, à sombra das árvores amigas em cujos galhos a passarada faz um alarido louco ao pôr do sol. Aquêle mesmo alarido dos pardais que sumiram do largo da Carioca.

E os bancos da praça da Alfândega são históricos, sim. Não servem apenas para descansar os ossos e nos dar sombras nos dias quentes — que o calor em Pôrto Alegre é de amargar — ou para nos aquecer a um sol generoso de inverno, nas manhãs de julho, quando andarem por longe os vestígios do minuano. Naqueles bancos muitos amôres começaram e feneceram; muitos negócios são discutidos em horas comerciais de maior intensidade; muita maledicência é cultivada, que falar mal dos outros é vício de todo mundo, graças a Deus; muito se discute política — e até, sabe-se lá, algumas revoluções neles devem ter sido armadas, em outros tempos, bem entendido, quando se falava em amarrar os cavalos no Obelisco. Os bancos da praça da Alfândega são um traço característico nas tradições da cidade.

Ou não são, amigos gaúchos dos velhos tempos?



Mas Pôrto Alegre, que não chegamos a conhecer rigidamente provinciana, cada vez mais perde as côres regionalistas. Não pensem encontrar gaúchos de bombachas e rebenque, fazendo bater as rosetas no asfalto — porque as ruas alargam-se, encompridam-se, enchem-se de mais gente, a população cresce como no Rio e São Paulo, o tempo é pouco para trabalhar, o barulho trepidante da cidade aumenta, os tímpanos dos bondes, o buzinar dos autos, o silvo estridente dos carros e caminhões, os pregões dos vendedores de loterias, de jornais, de excentricidades, tudo nos penetra o ouvido. E tudo fala de uma cidade que se agiganta.

Pôrto Alegre está ficando cosmopolita e irreconhecível para quem não a vê desde cinco ou dez anos. Só não perde aquêle ar sereno de terra máscula, consciente da sua fôrça, com o céu mais iluminado, as noites sempre tépidas, o perfume das árvores bem ativo.

Modifica-se o panorama que a mão do homem pode alterar — mas não o da Natureza, que é imutável

E quem pisa o solo dos Pampas sente-se ungido daquele sagrado espírito de aventura, bem forte, estuante de masculinidade, que vem do próprio solo. O Homem reflete-se, ali, na própria Natureza: tudo é macho.



O CÁIS de Pôrto Alegre, onde atracam navios procedentes do Rio Grande e também os barcos de sua extensa rede fluvial. Ao fundo, pormenor da Lagoa dos Patos, que ao revoltar-se em fases de temporal, fica ameaçadora e perigosa. Em baixo, telhados da capital gaúcha formam sugestivos contrastes com os "arranha-céus" que aumentam dia a dia



DUAS PÁTRIAS, UM SÓ CORAÇÃO

No Rio o responsável pela divulgação, em Portugal, das coisas brasileiras ★ A personalidade e a obra de Gastão de Bettencourt ★ Intercâmbio Luso - Brasileiro

Reportagem de SABINO CANALINI

ENCONTRA-SE no Rio, em rápida viagem, o Sr. Gastão de Bettencourt. Ocupa êle, em Portugal, a chefia da Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro subordinada ao Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo. Procuramos entrevistá-lo e à nossa pergunta sôbre a finalidade de sua viagem, respondeu:

— O motivo que deu margem a esta visita ao Brasil é, antes de mais nada, sentimental. Quis pisar ainda uma vez esta terra querida, rever os amigos, matar saudades, enfim. Como faço de vez em quando, aqui estou por um breve período de quinze a vinte dias. Aproveitando a minha vinda, a Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores convidou-me para realizar uma série de conferências e preparei, então, três palestras sôbre temas portuguêses.

— Há quanto tempo conhece o Brasil?

— Desde 1925, quando vim como jornalista. Já vivi alguns anos aqui, percorrendo quase todo o território brasileiro e, sempre que posso, volto.

— Sabemos que a Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro, em cujo chefia se encontra, deve-se, em grande parte, à sua iniciativa. Poderia nos adiantar quais foram as razões que o induziram a tornar realidade um Serviço de tanta importância para nós?

— Em primeiro lugar, chegando ao Brasil e conhecendo-o de perto, gostei imenso do povo e da terra, talvez por haver muita afinidade por causa da lingua, da história, da ascendência da mesma raça, dos costumes, das tradições, da cultura e da religião. Notei, porém, que o Brasil conhecido em Portugal era muito diferente do real. Êste país era, e ainda é, o desafogo natural para a maior parte de emigração portuguêsa. Isto deveria forçosamente provocar uma troca acentuada de notícias por correspondência, pela imprensa, visitas às famílias distantes; o fato das duas nações possuírem a mesma língua, também deveria concorrer para uma maior aproximação, ou pelo menos mais fácil, especialmente no que diz respeito à iniciativa particular. Apesar de tôdas essas circunstâncias, vi que apenas isso era insuficiente para se ter em Portugal uma idéia exata do Brasil. Percebi que era necessária a criação de um organismo qualquer para melhor esclarecimento e divulgação das coisas brasileiras. Foi assim que nasceu a Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro.

— Quais são as atividades dessa Seção?

— Elas constam de artigos de autores brasileiros e portuguêses nas publicações periódicas e nos livros, de audições de música clássica e popular, de conferências, concertos, "tournées" de artistas e conjuntos especialmente de teatro, de documentários cinematográficos, e de todo e qualquer esclarecimento e informação a quem o desejar.

Como exemplo daremos a relação dos livros escritos por Gastão de Bettencourt, de 1934 até esta data, somente sôbre o Brasil:

1934 — "Compositores brasileiros contemporâneos"; 1936 — "Alexandre Levy" (um compositor paulista); 1940 — "Mais alguns compositores brasileiros"; 1941 — "Temas de música brasileira" e "Brasil — Dádiva de Deus, milagre dos homens"; 1943 — "O homem primitivo do Brasil e o sentido eterno do ritmo"; 1944 — "Alguma coisa de Portugal na alma romântica do sertão brasileiro"; 1945 — "A vida ansiosa e atormentada de um gênio" (Carlos Gomes); e "História breve da música no Brasil"; 1946 — "A Amazônia no fabulário e na arte"; 1947 — "Os três Santos de Junho no folclore brasílico"; 1948 — "Os gloriosos caminhos da música no Brasil".

A exemplo de nosso visitante, outros intelectuais trabalham no mesmo sentido, em jornais e revistas portuguêsas, para maior conhecimento das coisas de nossa terra.

Não se pense, porém, que a atividade da Seção de Intercâmbio esteja limitada ao que descrevemos linhas acima. Vai mais longe, presta seus bons serviços a todo brasileiro que por lá chegue e que forçosamente procura a Seção. Preparados e aparelhados para êsse mister, êles dão informações precisas sôbre qualquer assunto que possa interessar os turistas ou os estudiosos que os procuram. Traçam roteiros de viagens, com os pontos

— VENHO frequentemente ao Rio. E cada vez que o visito, venho encontrá-lo maior, mais moderno e bonito



GRUPO coral Polyphonia, tal como se apresenta nos teatros e salões de concerto. Êste flagrante foi feito em uma de suas audições no Teatro S. Carlos, de Lisboa. Tem a direção de Mário de Sampayo Ribeiro e há sete anos vem divulgando os mestres portuguêses. Suas gravações, trazidas por Gastão de Bettencourt, ilutram, agora, suas palestras no Rio

a serem visitados, a condução, os hotéis, dados históricos, artísticos, folclóricos, técnicos e científicos.

— Não quero com isso, continuou o Sr. Bettencourt, dizer que procuramos somente o que nos convém, o que é bonito, evitando abordar os nossos defeitos. Absolutamente. Todos em Portugal, têm a máxima liberdade de ir aonde bem quiserem, inclusive os jornalistas. Nada fazemos para orientar, limitar ou cercear a liberdade da imprensa. Prova disso é o próprio Celestino Silveira, redator-chefe da REVISTA DA SEMANA, que em suas três viagens a Portugal nunca teve a ação tolhida.

Com a guerra o intercâmbio arrefeceu um pouco, pela exaltação do momento, política e as dificuldades próprias do conflito. Uma vez terminado êste, começou o trabalho de soerguimento do mundo inteiro, inclusive o de reaproximação entre Portugal e o Brasil. A emigração foi novamente orientada para cá e o afluxo de turistas para a Europa, aumentando cada vez mais.

— Portugal, explicou o Sr. Bettencourt, é o ponto de escala obrigatório para tôdas as pessoas que das Américas vão visitar a Europa. Sejam as linhas de navegação transatlântica como as internacionais de aviação, têm na cidade de Lisboa um pôrto de capacidade para os maiores navios e um aeroporto apto a receber diariamente dezenas de aviões de grande porte das muitas companhias que se dedicam a êsses serviços. Com a evolução espantosa da aviação, o mundo está ficando pequeno. Saindo do Rio, chega-se após 19 horas de vôo a Lisboa. Assim como quando nós, portuguêses, não sentimos a diferença da terra vivendo aqui, o mesmo acontece com os brasileiros ao visitarem Portugal. E' como se descessem no próprio país. Fraternal e carinhosamente recebidos, procura-se dar-se-lhes o maior confôrto e a impressão exata de estar em casa. Fazem logo amizades e arranjam "ciceronis" para conduzi-los a todos os lugares que desejem visitar.

Lembramos então alguém que, comparando as duas cidades, teve ocasião de falar sôbre as semelhanças entre o Rio e Lisboa. Pelo português falado em ambas, por pisar o mesmo mosaico das calçadas, por encontrar os mesmos cafés, os mesmos engraxates, os mesmos pequenos vendedores de jornais, os mesmos desocupados da Cinelândia e do Rocio, por serem as duas cidades de mar e como tal terem as ruas impregnadas de salsugem, uma invariavelmente lembra a outra. Ambas são o resultado assombroso da combinação de montanhas, praias e baías. Guardadas as devidas proporções, a amplidão do Tejo, visto do alto de São Vicente, lembra a Guana-

(Cont. na pág. 52)



DONA Maria Malafaia, ilustre cravista portuguêsa e colaboradora de Gastão de Bettencourt na divulgação do folclore luso-brasileiro, com sucesso, nas duas pátrias irmãs



DEZ obras já foram editados por êle, sôbre assuntos brasileiros, e entre elas "A vida ansiosa e atormentada de um gênio" (Carlos Gomes), de alto sentido histórico

A PERSONAGEM DA SEMANA

A SEMANA EM Revista


Sr. Nereu Ramos

Agita-se novamente a política nacional em face da sucessão presidencial movimentando-se os líderes partidários no sentido da arregimentação de suas fôrças para o embate das urnas.

Delineada em Petrópolis, com o rumoroso encontro Dutra-Milton Campos, a hipótese de um candidato único, dentro dos propósitos interpartidários, não conseguiram os seus arquitetos consolidar definitivamente o programa que se destinava a evitar convulsões políticas.

De quando em quando abrolhavam aqui e ali os geiseres de água fumacenta em altas temperaturas, que não chegam, porém, a converter-se em vulcões de perigosas consequências. Elementos de alguns partidos, mostravam-se interessados em conduzir o barco político dentro da harmonia interpartidária.

Nesse interim surge, no Rio, lançada pelos estudantes, a campanha pro-Brigadeiro Eduardo Gomes, à qual se aliam elementos da UDN, e fôrça manifestações do próprio líder do Partido, Sr. Prado Kelly. Parte da imprensa adere ao movimento. Nos arraiais do PSD os entendimentos prosseguem. Discute-se a fórmula Jobim, — a mesa redonda onde todos os partidos registrados deveriam reunir-se e deliberar o caso sucessório com igualdade de direitos. O Sr. Nereu Ramos, autoridade máxima do partido majoritário, embora conservando muita discrição, deixava transparecer que aquela fórmula lhe era mais simpática do que a interpartidária, somente exequível em face de um nome extra-partidário.

Surgiu então, há poucos dias, a fórmula mineira com cinco nomes, número que, logo depois, foi reduzido para quatro. O Presidente do PSD, Sr. Nereu Ramos, se mostrou reservado diante dessa fórmula e correligionários seus defenderam uma outra na qual se incluíssem ao lado dos mineiros, outros nomes pessedistas merecedores da consideração do país.

Reunida a direção do PSD saiu vitoriosa por maioria de votos a fórmula mineira defendida pelo Sr. Benedito Valadares. Diante dêsse resultado renunciou à Presidência do PSD, em caráter irrevogável, o Sr. Nereu Ramos, prestigiado em seu gesto por vários líderes do partido e felicitado por próceres de outros. O Sr. Benedito Valadares assumiu a presidência do partido e logo a transferiu ao Sr. Cirilo Júnior.

A atitude do Sr. Nereu Ramos teve extraordinária repercussão em todo o território nacional, sendo motivo de comentários em rodas políticas, entre o povo e até nos lares, de ordinário infensos às ebulições dos partidarismos.

Com o acontecimento precipitou-se a crise no seio do PSD, atingindo a órbita do próprio acôrdo interpartidário, estabelecendo-se distintamente, as linhas mestras do arcabouço da próxima luta sucessória, fato que, evidentemente, já era esperado.

Por tudo isso, tornou-se o Sr. Nereu Ramos o nome mais comentado e discutido da semana que passou.

O GRANDE OTELO

Os gregos souberam interpretar a vida representando em seu teatro ao ar livre os fatos mais impressionantes da humanidade de então.



A tragédia grega, porém, nunca terminava sem um ato para fazer rir o imenso público que afluia ao local das cenas. Era preciso que as multidões não saíssem dali apenas com lágrimas nos olhos e sim, também, com um pouco de bem estar pelo riso provocado. Eis por que motivo, nas decorações dos teatros de lá e daqui, sempre vemos duas máscaras: uma a rir, — a comédia — a outra, a tragédia, a chorar.

A vida, realmente se divide entre êstes dois polos: o riso e o pranto. O meio têrmo é apenas uma espécie de torpor, uma espécie de estado de santidade, de indiferença, de faquirismo.

O aplaudido ator negro conhecido em todo o Brasil pelo nome de Grande Otelo, acaba de sofrer o mais cruel golpe que o destino lhe poderia ter vibrado: o suicídio de sua esposa, arrastando consigo o filhinho de seis anos, assassinado pela própria mãe.

Otelo é um dos nossos maiores comediantes. Surgido nas ruas do Rio a fazer rir o transeunte com suas caretas e esgares com a beiçarra abundante. Sebastião Prata, talentoso e possuindo espírito de artista, passou ao teatro de revistas, subiu às emissoras, brilhou nos cassinos, tornou-se astro do cinema nacional, firmou-se no conceito de nossas platéias. Batisado com o nome de "Grande Otelo", triunfou tornando-se absoluto. E quando tudo lhe parecia azul, uma tragédia lhe despedaça o coração.

Dizem que êle, após tamanho golpe, compareceu ao palco do Recreio para representar. Será que um contrato pode exigir de um artista uma dupla crucificação?

VAMOS TER A TELEVISÃO?

Dizem-nos telegramas dos Estados Unidos para a imprensa do Rio que, no fim de 1950, nada menos de 5 milhões e seiscentos mil aparelhos de televisão estarão em uso e, daqui a cinco anos o seu número terá subido para 19 milhões e trezentos mil, segundo dados apurados em pesquisas constantes do estudo sôbre novos mercados.



Quem realiza êstes estudos é uma organização de extensa e intensa influência e prestígio em todo o mundo, a General Electric, e, indiscutivelmente, deverá ter razão.

Tudo isto foi revelado pelo Sr. G. L. Reark, gerente de vendas de aparelhos eletrônicos em Nova York, num almôço promovido pela "Essex Electrical League".

A procura é tão avultada que a General Electric e outros grandes fabricantes não podem produzir aparelhos em quantidade suficiente, tendo voltado ao rateio da produção das fábricas.

Entretanto, a despeito dessa grande procura por parte do público, os comerciantes devem ter em mente os velhos princípios segundo os quais, servir ao consumidor é o que há de mais importante em tôda transação.

Os aparelhos de televisão se destinam a modificar completamente a indústria de rádios e a própria profissão de rádio-atores, sucedendo com o rádio o que já sucedeu com o cinema.

Ao tempo do cinema silencioso qualquer estrela servia, mesmo que tivesse voz horrorosa; quando passou a "falar", já não bastava a beleza física, era necessário ter voz. Com o rádio vai se dar o inverso:

CARLOS ALBERTO

Durante dez dias, tôda a cidade do Rio de Janeiro esteve interessada no aparecimento do menino que se sumira da praia de Ipanema, onde, em companhia do pai e de alguns amigos maiores e menores, passava horas de alegria à beira-mar.



A praia sempre foi o mais atrativo dos sítios para o espírito irrequieto das crianças. O mar constitui um fascínio para os menores, e nada mais agradável a uma criança do que cavar buracos na areia alva das praias, correr das ondas, mergulhar nas pequenas depressões que o mar cava, nutrê ou êle mesmo entope.

As crianças dão belíssimo colorido às praias e os seus alaridos, suas carreiras, suas quedas, suas risadas cristalinas e inocentes, seus folguedos, dão vida à própria natureza.

Carlos Alberto, uma criança de seis anos, estava na idade ideal para brincar na areia das praias. Em companhia de seu pai, êle se divertia, proibido de tomar banho, em virtude de seu estado gripal.

De um momento para outro, houve um alarma: dois banhistas viram o corpo de uma criança sendo suspenso por uma onda, e, em seguida, desaparecendo no turbilhão das espumas. Todos os que tinham menores sob sua guarda na praia do Leblon, se afligiram e procuraram verificar se algum daqueles garotinhos faltava. Só um deles não apareceu: Carlos Alberto.

Deram buscas nas águas. Mergulharam aqui e ali. Nada. Nem o corpo do menino visto nas vagas, nem Carlos Alberto aparecia. O que se sucedeu daí até domingo, 27 de novembro é indescritível. A tragédia como que atingia tôda a população. E surgiu o corpo de Carlos Alberto, em Ipanema. Estava morto. A família inconsolável, tão duramente golpeada pelo destino cruel, a expressão de nossos sentimentos.

OUTRAS FONTES

Nada mais caro neste país do que a água mineral. Quem visita o sul de Minas e vai às chamadas estações hidroelétricas, sabe que, se em algumas fontes a água é escassa, como sucede com S. Lourenço, noutras a água corre em catadupas, como em Lambari.



Nessa cidade o parque das águas possue diversas fontes, mas só está em exploração comercial a gasosa dividida em quatro espécies: Ns. 1, 2, 3 e 4. Das bicas flui a água com fôrça e continuidade, perdendo-se cêrca de 26 mil litros que são escoados para as sargetas marginais.

Para os aquáticos (hoje se diz aquistas...) a água é de graça, nos hotéis, custando nos parques uma assinatura de baixo custo. Entretanto, na primeira esquina dos arredores de Lambari, uma garrafinha de água mineral custa três cruzeiros...

Dizem que foram descobertas agora em Divinópolis, zona Este do Estado de Minas, duas fontes de águas minerais do grupo alcalino.

As águas já foram devidamente examinadas pelos técnicos do Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais, Srs. José Marcelino de Oliveira e Vladimir Belezki, geólogo russo, confirmando-se o que se dizia antes, isto é, que ditas fontes são ricas em vários sais e elementos dignos de exploração industrial.

Vai Minas possuir mais estas fontes. Que resultará disso? Baixará o preço da água mineral? Não cremos. Achamos mesmo que o truste das águas do Brasil intervirá e, ou entupirá as novas fontes, ou as incorporará ao vasto lençol de monopólio que existe no país. As fontes de Rio Verde, ao lado da cidade de Conceição, provam nossos prognósticos.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ N.º 50 — 10 DE DEZEMBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Em que lugar receberam os discípulos de Jesus, pela primeira vez o nome de cristãos:
Em Roma?
Em Antióquia?
Em Jerusalém?

2 Que significa, nos garimpos, o têrmo capangueiro:
Chefe de bando de capangas?
Comprador de diamantes?
Os que escavam cascalhos?

3 A que temperatura o diamante pode converter-se em carvão:
Mil gráus centígrados?
Dez mil graus centígrados?
6.500 graus centígrados?

4 Que significa a palavra hieroglifo:
Escrita sagrada?
Coisa misteriosa?
Vida de santos?

5 Quantos anos levou o sábio francês Champollion, para decifrar os hieroglifos egípcios:
Doze anos e meio?
Quinze anos e cinco meses?
Vinte anos?

6 Maomé, fundador da religião muçulmana, que gráu de instrução tinha:
Primária?
Secundária?
Era analfabeto?

7 Qual a semelhança entre Cristo e Zoroastro:
Eram judeus?
Ambos foram tentados pelo demônio?
Ambos morreram na cruz?

8 De quem é êste mandamento: "Não matarás":
De Cristo?
De S. João?
De Buda?

9 A quem pertence êste outro mandamento: "Não faças a outrem o que não desejarias que fizessem a ti":
De Confúcio?
De Moisés?
De Buda?

10 Em quantos livros está dividida a Divina Comédia de Dante:
Cinco?
Quatro?
Três?

11 De onde se originou o nome de Música:
De Musa?
De Mosca?
De Músculo??

12 Que significa a palavra metrônomo:
Medida de terras?
Aparelho de fins musicais?
Espécie de autoridade italiana?

13omo era o nome todo do poeta Musset:
José Alfredo de Musset?
Pierre Alfredo de Musset?
Luiz Carlos Alfredo de Musset?

14 Quais os pintores que, primeiro, pintaram a óleo:
Os irmãos Van Eyck?
Rafael e Miguel Angelo?
Leonardo da Cinci e Tintoreto?

15 Como se chamava a famosa Marília, enamorada do poeta Gonzaga, da Inconfidência Mineira:
Maria José de Sousa?
Dorotéia Joaquina Soares
Maria Dorotéia Joaquina de Seixas?

16 Por que motivo não pôde casar-se o poeta Gonçalves Dias:
Por ter morrido a noiva?
Por ser mestiço?
Por estar êle doente?

17 A que deveu Carlos Gomes a inspiração para sua ópera "O Guarani":
A um romance de José de Alencar?
Saudade de sua pátria?
Sugestão de Verdi?

18 Por que foi amputado um dos pés de Castro Alves:
Em virtude de um duelo?
Queda de um cavalo?
Acidente numa caçada?

19 Em que lugar começou Euclides da Cunha a escrever "Os Sertões":
Na Capital Federal?
Nos sertões da Bahia?
Em S. José do Rio Pardo?

20 Quem serviu de modêlo para as Madonas de Frei Lippo Lippi:
Uma freira?
Uma artista teatral de Florença?
Uma camponesa de Milão?

(Respostas na página 58)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, àzia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

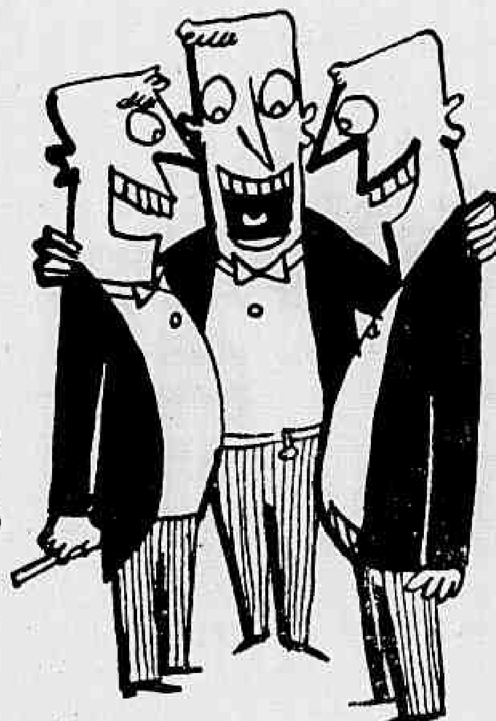
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

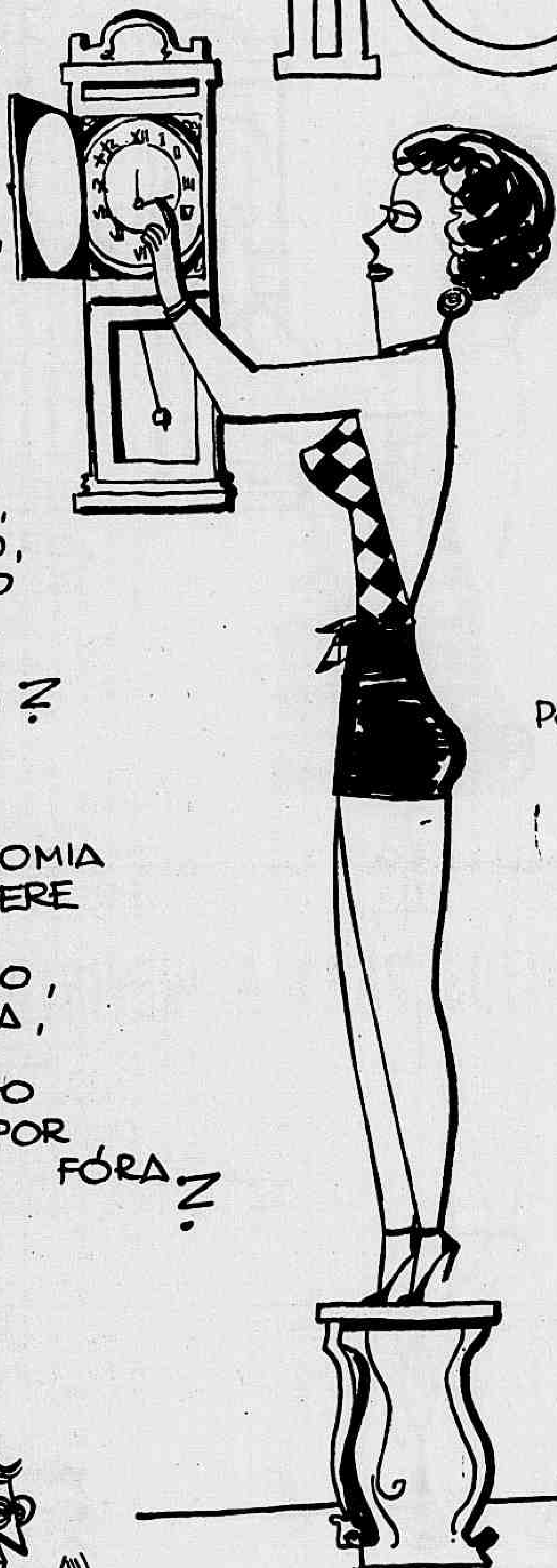
Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

Nicodemus vos põe em dia com as

HORAS



SE
SE ADIANTAM
OS PONTEIROS
DO RELOGIO
DO BURGUÊS,
DA CEBOLA
DO
OPERARIO,
DOS
D'ALTA CLASSE,
NÃO VÊS?



NÃO VÊS
QUE ONZE
SÃO DEZ,
LERO-LERO,
LERO-LERO,
NA NEGAÇÃO
À VERDADE,
UM AGORA
VALE ZERO?

NÃO VÊS,
NÃO VÊS,
MEU IRMÃO,
QUE
TUDO ISSO
NÃO PASSA
DUMA MANOBRA
GOLPISTA
PRA CIMA
DA NOSSA RAÇA?

NÃO VÊS
QUE A ECONOMIA
QUE SE SUGERE
POR ORA,
COM ANUNCIO,
PROPAGANDA,
OCULTA
ALGO
POR
FÓRA?

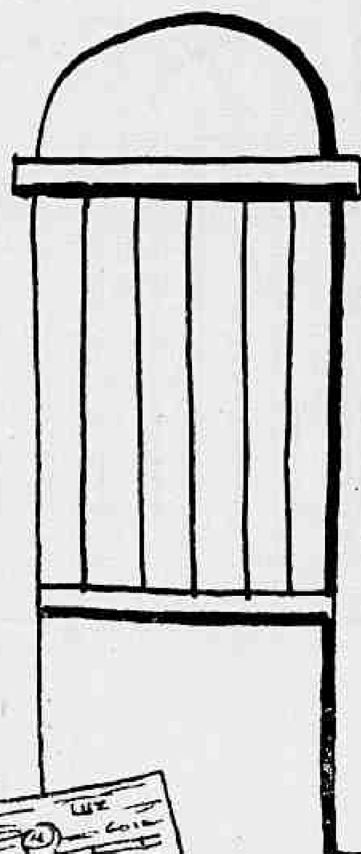
POIS SE HA RACIONAMENTO
DE FÔRÇA, ELETRICIDADE,
RACIONAMENTO NÃO HA,
CONVENHAMOS, É VERDADE,
DA GANANCIA POR DINHEIRO,
POR L'ARGENT, MONEY, CRUZEIRO,
GAITA, ARAME, BAGAROTE;
FICA
CERTO,
VEM
PERTINHO,
O
AUMENTO
DO

KILOWATT!





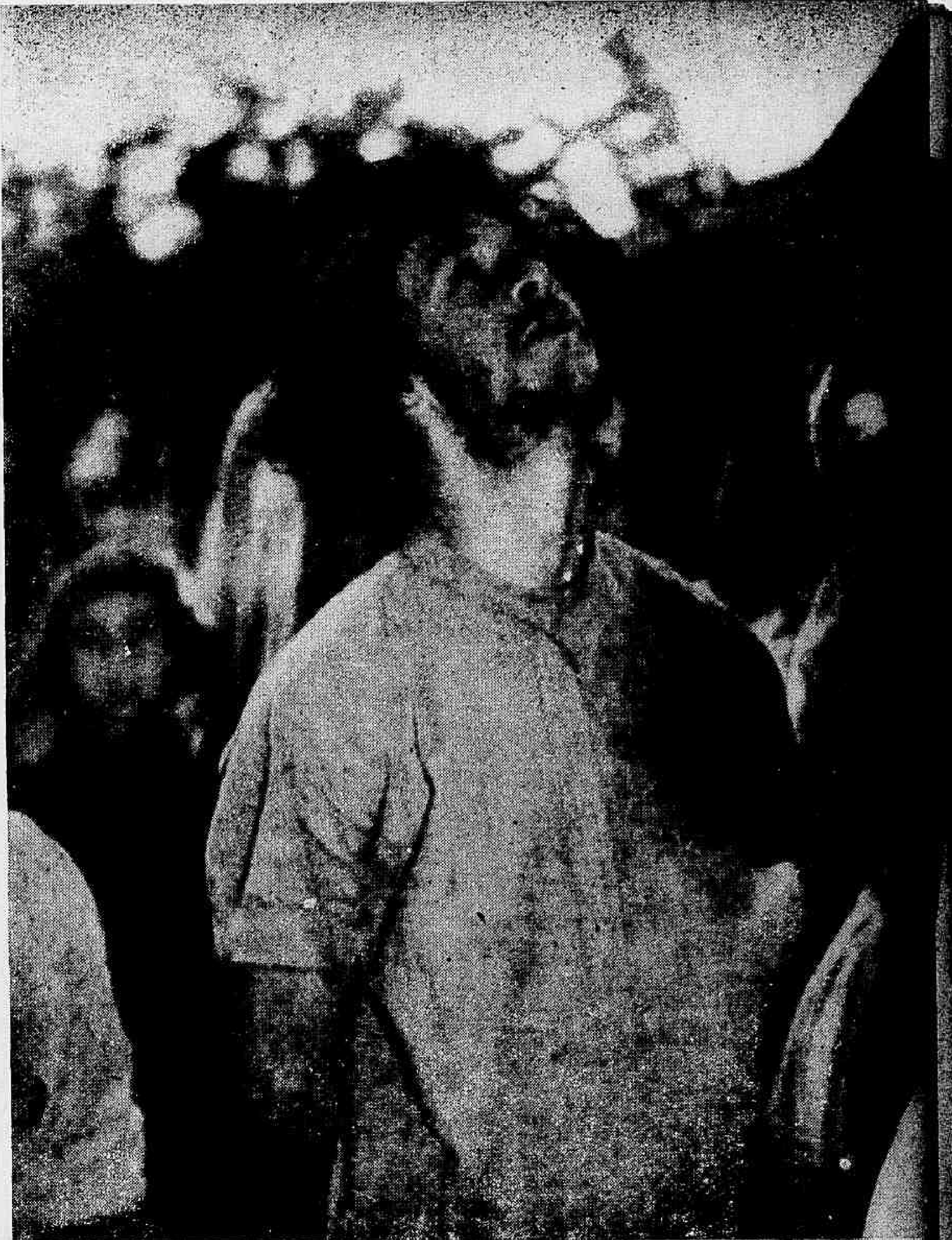




OS PEREGRINOS DA BOA-VONTADE

Trezentos quilômetros através do Distrito Federal, fazendo caridade ★ Conseguirão unificar as crenças, os membros da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal? ★ Êles se dispuseram a realizar uma obra quase impossível... ★ Um repórter acompanha a peregrinação de caridade de uma sociedade espiritualista ★ Milhares de pessoas à procura do "Mestre Yokaanam"

Texto e Fotos de VINICIUS LIMA



OS PEREGRINOS acamparam em Madureira onde o repórter foi encontrá-los, manhã cedo, rendendo graças ao Senhor. De túnica, olhar contrito, braços nas costas. Oram!

DESDE os tempos mais remotos que as religiões e seitas se degladiam. Na antiga Roma, uns foram queimados vivos, outros lançados às feras porque acreditavam em Cristo. O mundo evoluiu. Novas idéias foram lançadas, novos templos foram erguidos e uma infinidades de idéias tomou forma, espalhando-se pelo Universo, milhares ou talvez milhões de seitas e igrejas. No Brasil não houve exceção à regra. O Bispo de Maura teve a sua igreja posta fora da lei, outros viram as suas esperanças desvanecidas porque não encontraram apôio por parte do povo. No entanto, os espiritistas que formam um exército de grandes proporções, vêem aumentar em cada dia o número de sociedades e organizações de todos os preceitos e das mais variadas formas.

E surgiu em meio disso tudo o charlatanismo dos exploradores que, embora combatidos pela própria polícia, jamais deixou de existir, pois a influência da raça negra no Brasil é tão acentuada que as macumbas, perseguidas, combatidas, estão em cada esquina do Rio de Janeiro, envolvendo muitas vezes pessoas de projeção social.

Dentre as seitas religiosas, muitas são transformadas em motivo de comércio, de exploração a êsse povo pachorrento que só deseja a calma... Outras há que beneficiam o povo num socialismo interessante, tentando assim angariar as simpatias da gente, sempre ávida de novidades. Os espíritas, ao contrário de outras seitas, não são bem organizados. Essa falta de comando, que é uma questão de princípio, priva as autoridades de agir, des-



SACERDOTES do novo culto, podem casar-se, raspar ou deixar crescer as barbas, mas objetivam uma finalidade impossível: a união de tôdas as crenças e religiões. São esotéricos por princípio e não combatem outras seitas, achando que todos chegam a Deus se praticam a caridade sem se combaterem mutuamente. À sombra de uma árvore, trocam idéias



PRATICANTES de um culto comum entre as sociedades congêneres, moças e velhas, bonitas e feias, pobres e ricas, movidas pela mesma convicção, oram e aspiram a União





UMA bandeira e uma legenda: Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Mais de 300 quilômetros percorridos, anualmente, para amenizar o sofrimento do próximo

cobrindo assim os que, se prevalecendo de bons intuitos, praticam o mal. Mas, por incrível que pareça, surgiu em 1946, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a Sociedade mais audaciosa que poderia vir à Terra: a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, cuja principal finalidade (a qual julgamos difícil), é unificar as religiões, sejam elas quais forem.

Positivamente os dirigente da Fraternidade Eclética terão que lutar contra empecilhos naturais que surgem numa iniciativa de tal natureza. Será bem fácil às congêneres, habituadas nessa luta titânica, voltarem-se contra a mesma porque a finalidade mútua é justamente combater. Entretanto, é de admirar o apôio que os Ecléticos vêm angariando do povo do Distrito Federal. Êles fazem uma peregrinação anual, distribuindo óbolos, medicamentos e cultos religiosos aos habitantes do Rio de Janeiro. Percorrem cêrca de 300 quilômetros, arrebanhando milhares de fiéis em cada peregrinação.

Não resta dúvida de que a maioria que procura a Sociedade, tem como único objetivo, usufruir os benefícios, já que na condição social em que vive atualmente o nosso povo, qualquer socorro serve, venha de onde vier. Porém, mesmo assim, é espantoso o espetáculo que se desenrola, ao ar livre, sendo esta a primeira divulgação pela imprensa, de espetáculos de tal natureza. Tôda uma coletividade no mais variado "ballet" espiritual, num ritmo impressionante.

NO ACAMPAMENTO DE MADUREIRA

O repórter chegou a Madureira numa tarde chuvosa. E apesar disso, a afluência de fiéis era enorme. Grande massa comprimia-se no interior e imediações do bosque onde realizavam os cultos. Doentes, aleijados e sãos, numa fila gigantesca, em busca de socorro espiritual e material, procuravam minorar os seus sofrimentos.

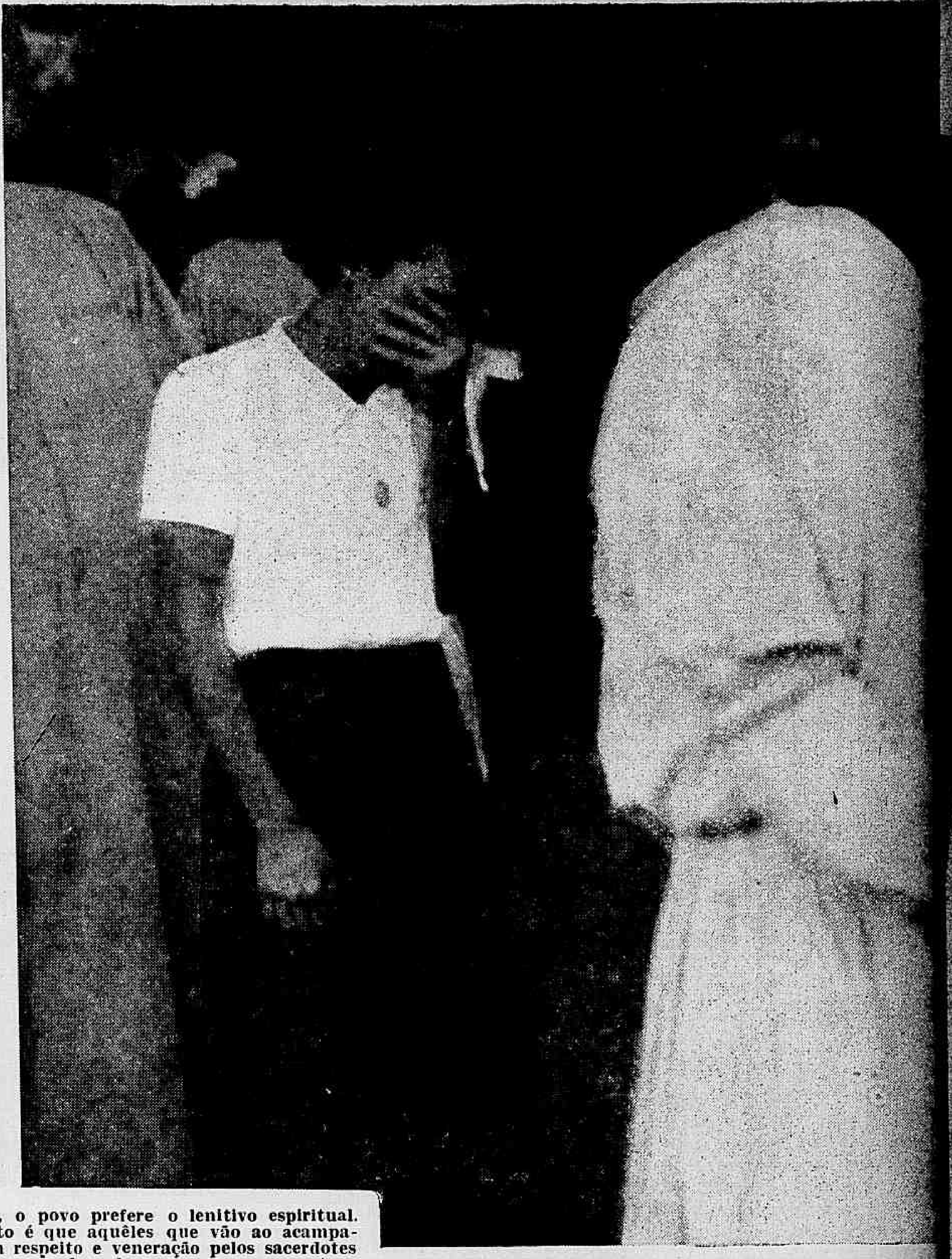
Debaixo de cada árvore, um agrupamento, em êxtase, procura convencer os presentes. Os que entravam por curiosidade saíam impressionados, imitando os crentes que numa espécie de alucinação, choravam, gritavam e debatiam-se de encontro ao chão, num espetáculo impressionante, onde indivíduos com as feições deformadas apavoravam as crianças que observavam, atônitas, através dos cercados do bosque.

Não desejamos criticar o que lá observamos, já que é de nossa conduta respeitar as idéias e crenças de quem quer que seja. Mas é realmente impressionante o momento de transe, o qual foi explicado cientificamente pelos sacerdotes da Sociedade Eclética.

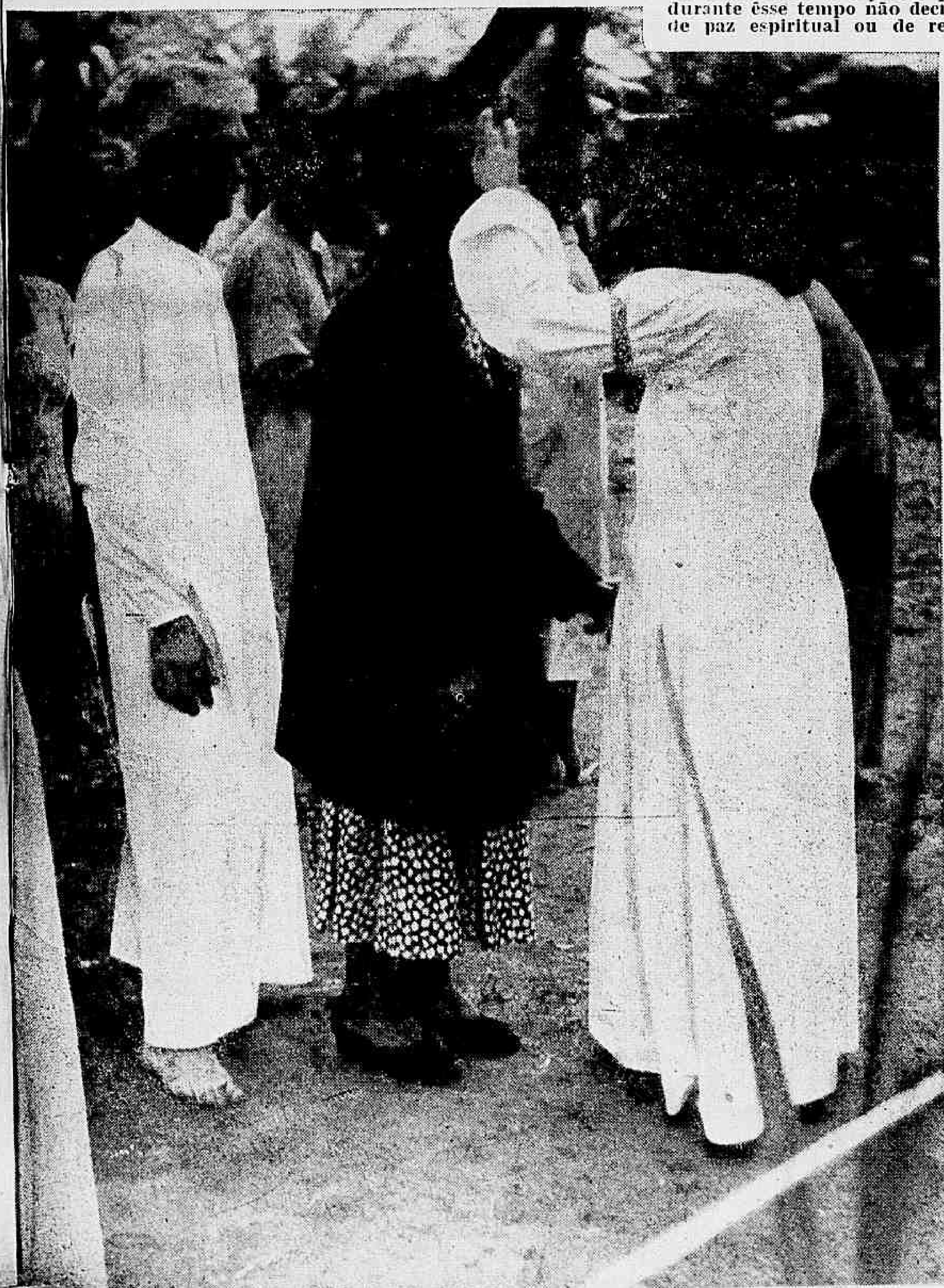


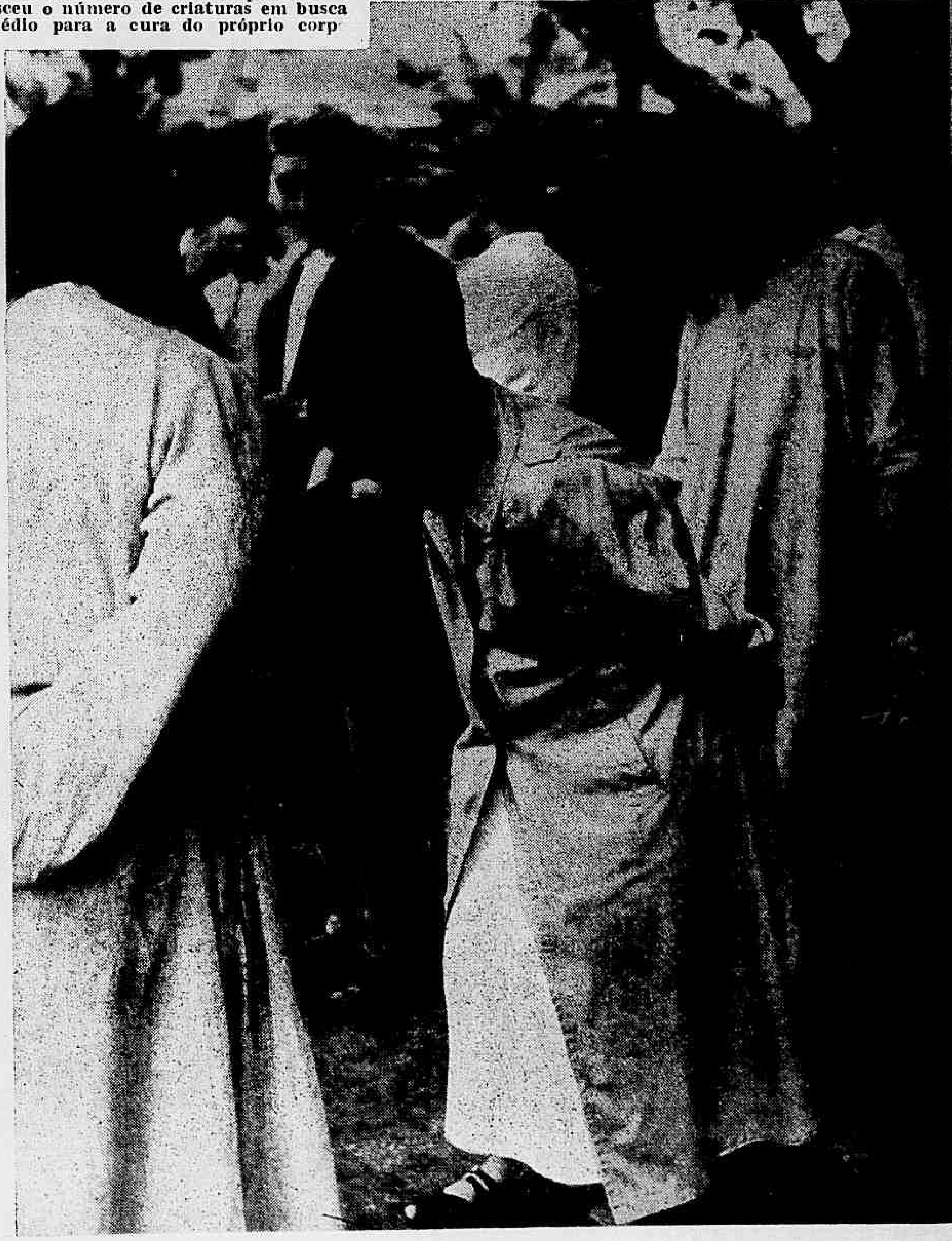
REMÉDIOS são distribuídos gratuitamente aos que acreditam nas suas preces, mas preferem a química aos "passes". A Sociedade tem médicos e enfermeiras para êsse fim.





E POR incrível que pareça, o povo prefere o lenitivo espiritual. Produto de ignorância? Certo é que aquêles que vão ao acampamento dos ecléticos mostram respeito e veneração pelos sacerdotes da nova seita. O repórter passou doze horas no acampamento e durante êsse tempo não decresceu o número de criaturas em busca de paz espiritual ou de remédio para a cura do próprio corp







ÊXTASE coletivo. Estas cenas foram batidas à luz do dia. Atitudes impressionantes, lutas tremendas para conter os que eram tomados de súbita exaltação que a ciência atribue ao estado hipnótico, fruto da sugestão. Mas os crentes afirmam que o "transe violento" é em consequência do poder exercido por "entidades atrasadas" sôbre o ser humano





DE MÃOS postas, filas intermináveis se estendem pela rua. De uniformes alvos, os adeptos da Sociedade aguardam o momento para ministrar aos clientes o seu "passe coletivo"



INCRÉDULOS não faltam. Olham através da cêrca, sorridentes, galhofeiros. Outros apenas curiosos. Um garoto faz caretas, duvidando do que ocorre no interior da sede

ÊLES SÃO MENTALIZADOS

Em Belém do Pará, a Sociedade Espírita Paraense é formada do que existe de mais culto no elemento mundano. Desembargadores e juízes, autoridades, jornalistas, pertencem a essa sociedade, uma das mais destacadas do Brasil. A Sociedade Eclética Universal possue um caráter religioso original, tendo por principal base a caridade, que deve ser feita, custe o que custar. Mas o que surpreende não é apenas a Sociedade que poderia ser apenas uma das inúmeras que abundam neste país, e sim, as pessoas de responsabilidade que a integram, tais como médicos e advogados. A sociedade em aprêço tem até quadros de enfermagem modernamente equipados. E as receitas e medicamentos são fornecidos depois de exame detalhado, êste sem interferência de caráter sensacionalista, ou seja: o propalado exame feito através da mediunidade.

CINEMA, RÁDIO E TEATRO

A Sociedade Eclética possue um departamento especializado de cinema, rádio e teatro. Chefia-o, um dos sacerdotes por nós entrevistado. E aqui vão as palavras textuais com as respectivas perguntas feitas a êsse cidadão de barbas compridas e aparência singela que nos orientou:

— Qual o chefe supremo da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal?

— E' o Venerável Mestre Yokaanam.

— A Fraternidade Eclética Espiritualista Universal tem haveres?

— A Fraternidade não tem bens, devido ao fato de não cobrar a caridade que presta e a cuja prestação se dedica, isso mesmo por fôrça do princípio que esposa e que se pode resumir na seguinte afirmativa do Venerável Mestre Yokaanam: — "Onde quer que haja paga aos serviços religiosos e de caridade de qualquer espécie, é sinal inequívoco de que o Evangelho está ausente!", baseada no que está escrito no Evangelho de N. S. Jesus Cristo: "Dai de graça o que de graça recebestes". O profissionalismo religioso, portanto, é o aviltamento das religiões, em sua pureza e divindade, pelos religiosos acomodados e interesseiros.

— Como angaria a Fraternidade os fundos para as caridades de fim de ano?

— Mediante listas de arrecadação para essa expressa e exclusiva finalidade, devidamente autenticadas pelo tesoureiro geral, distribuídas entre os simpatizantes da causa e jamais entre instituições religiosas quaisqueer, cujo dispêndio iria forçosamente em prejuízo de seus programas próprios.

— Os casamentos e demais cultos, como são realizados e por quem?

— São realizados pelos membros ativos categorizados espiritualmente para tais funções. Assim é que se tem como manancial capacitador a Iniciação Templária, em Ritual Essênio, onde, do primeiro ao sétimo gráu, pela realização indeclinável, cada qual se prepara, se qualifica, para tôda e quaisquer incumbências de ordem espiritual, seja em que ritual fôr, porém nos moldes puros em que as diversas seitas, que obram no sentido do Bem, assentam realmente, apesar do desvirtuamento que os religiosos, na maior parte das vezes, interpretando-as para amoldá-las aos seus defeitos, impõem.

Os batismos e casamentos (os primeiros bem mais raros), são real e exclusivamente espirituais, gratuitos, como tudo o que constitue atividade nossa em qualquer setor, e realizados no Ritual da Igreja de Tiago de Alexandria, anterior, por conseguinte, à Igreja Romana. Neste Ritual tem a Fraternidade, aos domingos, em tempo normal, a celebração de

(Cont. na pág. 51)



ENTÃO começa a passagem por sob os braços, numa atitude de "ciranda". Velhos e moços, até o fim da coluna composta de dezenas de pessoas, recebem o influxo divino



E QUANDO todos passaram, ungidos da bênção, sacerdotes e sacerdotisas unem as mãos numa atitude de súplica. Conservam essa expressão, enquanto outras filas chegam...



A TAL LUCRÉCIA

Conto e ilustração de **LUIZ CANABRAVA**

PENSEI nele só depois que entrei para o grupo. Os outros meninos falavam sempre nos seus pais, e comecei a sentir falta do meu. Se Chico Pitanga contava uma pescaria que fizera com seu Manuel, procurava lembrar-me de papai e ficava, algumas vezes, pensativo, porque êle era um mistério para mim. Não tinha morrido, lá isto não. Mamãe dissera-me, procurando mudar de assunto, que estava viajando. Eu esperava que êle voltasse um dia, mas não sabia se era gordo como o João da Sinhá, ou se seu nariz era do tamanho da "bicanca" do Sebastião da venda. O tempo avivou-me as recordações: um pobre vagabundo, impossível de endireitar-se, ainda forte, com os cabelos pretos maltratados e os olhos rajados de vermelho. Falava cheirando a cachaça, numa lenga-lenga arrastada, quando chegava à casa, altas horas da noite, vindo dos botequins.

Minha mãe esperava-o, trabalhando na cozinha, e várias vezes acordei com o barulho que êle fazia. Numa delas, não consegui dormir de novo. Sentia a boca sêca e o calor comichava-me o corpo. Escutei a voz de mamãe e resolvi levantar-me nas pontas dos pés. Donozir ressonava, com a luz vinda da sala batendo-lhe no rosto pálido e a barriga descoberta.

Olhei pela porta. Meu pai gritava, arrancando cada palavra com esfôrço:

— Olha aqui, Dejanira... eu acho... melhor... ocê... num me amolar. Me deixa em paz... tô cansado de te aturar.

— Mário, pelo amor de Deus, vai deitar!

— Que nada! Ocê tem alguma coisa... comigo? Eu ando... por onde quiser e... fica sabendo que ninguém... me marca hora de chegar em casa, não... ouviu?

Minha mãe impacientou-se, talvez pensasse na tal Lucrécia, e gritou que êle tomasse vergonha.

Papai, com o rosto vermelho como se estivesse prestes a brotar sangue, segurou-a pelo braço e empurrou-a brutalmente.

Fiquei apavorado e entrei na sala, aos gritos.

Êle fitou-me por longo tempo, parecendo estar calculando a minha ousadia, e tirou a correia da cintura. Arrancou-me dos braços de mamãe.

Safei-me, graças ao amolecimento que lhe ia produzindo a tontura e corri para o quarto. Êle foi atrás, bambeando nas pernas, tropeçando nos móveis, e vociferando:

— Isto são... hora de menino... tá de pé, seu desgraçado?

Encolhido no catre, senti o rosto, as pernas, os braços e as costas queimarem-me, como se a correia fôsse feita de fogo.

★

Nossa casa ficava numa rua esburacada de uma cidade do interior. Tinha duas janelas na frente e uma escadinha de três degraus, que levava à cancela pintada de verde. Entrava-se logo na sala atijolada, com as paredes cobertas de estampas de santos e flores de papel "crepon". Uma porta à direita dava entrada no quarto dos meus pais, e a outra no meu e de Nonozir. A cozinha ficava nos fundos, escura de picumã, mostrando o rebôco nas brechas das paredes e um fogão de tijolos, onde sempre se encontrava um tacho de doce. O quintal era grande, limitado por uma cêrca de bambus coberta de São Caetano. Mamãe levantava-se pela madrugada e ia labutar com as tachadas de goiabada, e preparar o fôrno, numa coberta pegada à cozinha, para assar quitandas. Passava os dias com o rosto afogueado e suarento, um pano amarrado na cabeça, correndo para fazer o almôço e vender frutas á porta, enquanto eu e Donozir brincávamos sob as mangueiras, jaboticabeiras, um de maracujá e outro de fruta-de-conde.

Ela arcava com as despesas da casa e, apesar de tudo, amava meu pai.

Pouco a pouco, depois de casados, êle abandonara a carpintaria e, se trabalhava algumas vezes, o dinheiro não aparecia. Sugava, então, o que o suor de mamãe produzia. Ela procurava esconder as pequenas economias numa caixeta de sabonetes, dentro do bolso de um surrado casaco de frio. Eram para levar Donozir ao médico. Mas nunca chegavam ao preço da consulta, no fim do mês iam inteirar o pagamento de alguma conta, ou, desconfio seriamente, iam parar nas mãos de papai, pois minha mãe tinha o coração mole e nada sabia negar-lhe. Meus avós e duas tias pelo lado materno moravam numa casa pegada à nossa. Vovó passou os seus últimos sete anos entrevada, numa cadeira de pano. Meu avô fumava cachimbo e tinha um longo bigode branco, meio amarelado de nicotina. Com muita razão detestava meu pai, e dizia a mamãe:

— E', Dejanira, isto precisa acabar de um jeito ou doutro! Nem que seja pra escorraçar êsse sujeito (nunca dizia Mário) a pontapés! Êle nunca regulou bem, eu sempre disse que falta um parafuso na cabeça dele!

Minhas tias solteironas xingavam, xingavam, vovó lamuriava-se, mas vencia o amor e mamãe respondia, receosa de que se deixasse influenciar pela conversa dos parentes, e reforçando uma idéia antiga:

— Deixa, gente, êle conserta. Tenho fé em Deus! Mário faz muita loucura, mas coitado, é o vício... Eu sei que êle tem bons sentimentos!

Houve tempos em que ela julgou que Deus, por fim, havia resolvido consertar meu pai, colocando o parafuso que meu avô dizia faltar-lhe na cabeça. Êle recomeçou a trabalhar, esqueceu a bebida, deitava-se cedo, e deixou de andar às voltas com a tal Lucrécia, que era o motivo da maior raiva da minha mãe. Se o dinheiro não aparecia, era porque o guardava cuidadosamente.

Começavam os bons tempos, diminuiram as rugas que traçavam na testa de mamãe. Numa noite friorenta, em visita ao meu avô, que não ia à nossa casa por causa do genro, ouvi-a dizer:

— Não lhe disse, papai? Olha Mário como está mudado! Ás vezes fico boba de ver como está diferente!

Vovô pigarreou, minhas tias olharam-na de soslaio, sem muita fé no que ela dizia. Apesar de cedo, levou-nos para dormir, porque sabia que êle estava em casa.

Do meu quarto, vi-a acariciar o peito forte de papai, que estava deitado, e oferecer com a voz doce e agradecida, como se estivesse recebendo um favor:

— Ocê quer um cafezinho, Mário? Tem aí umas pamonhas gostosas...

Êle comeu as pamonhas, tomou o café, e apagaram a luz.

Na madrugada seguinte, mamãe viu que o lugar ao seu lado estava vazio. As gavetas da cômoda estavam abertas, as roupas espalhadas, o casaco de frio jogado no chão e a caixeta das economias desaparecera.

Instintivamente pensou em ladrão e gritou:

— Mário!

Só então compreendeu. A agitação momentânea desapareceu, e ela ficou quieta, sem fôrças. Na nossa cidade, o noturno para Belo Horizonte, passava numa hora morta, pouco depois das duas horas da manhã.

Desde aquêle dia, também, a tal Lucrécia nunca mais foi vista.

O DIA NACIONAL DE AÇÃO DE GRAÇAS

O que foram as solenidades de sua primeira comemoração ★ Uma data necessária ao povo ★ Nos altares, nos lares, no céu, em terra, o brasileiro agradece a Deus as dádivas concedidas à sua Pátria

HÁ nos Estados Unidos um dia de festa nacional que movimenta tôda a nação. Milhares de pessoas o comemoram, e todos os anos as expansões se elevam a tal grau de intensidade que se registram acidentes graves, ligeiros e fatais em todo o território nacional.

Êste ano a celebração dessa data causou, só em mortes, 118 vítimas, conforme telegramas publicados em nossa imprensa procedentes de agências telegráficas com sede na grande república do norte.

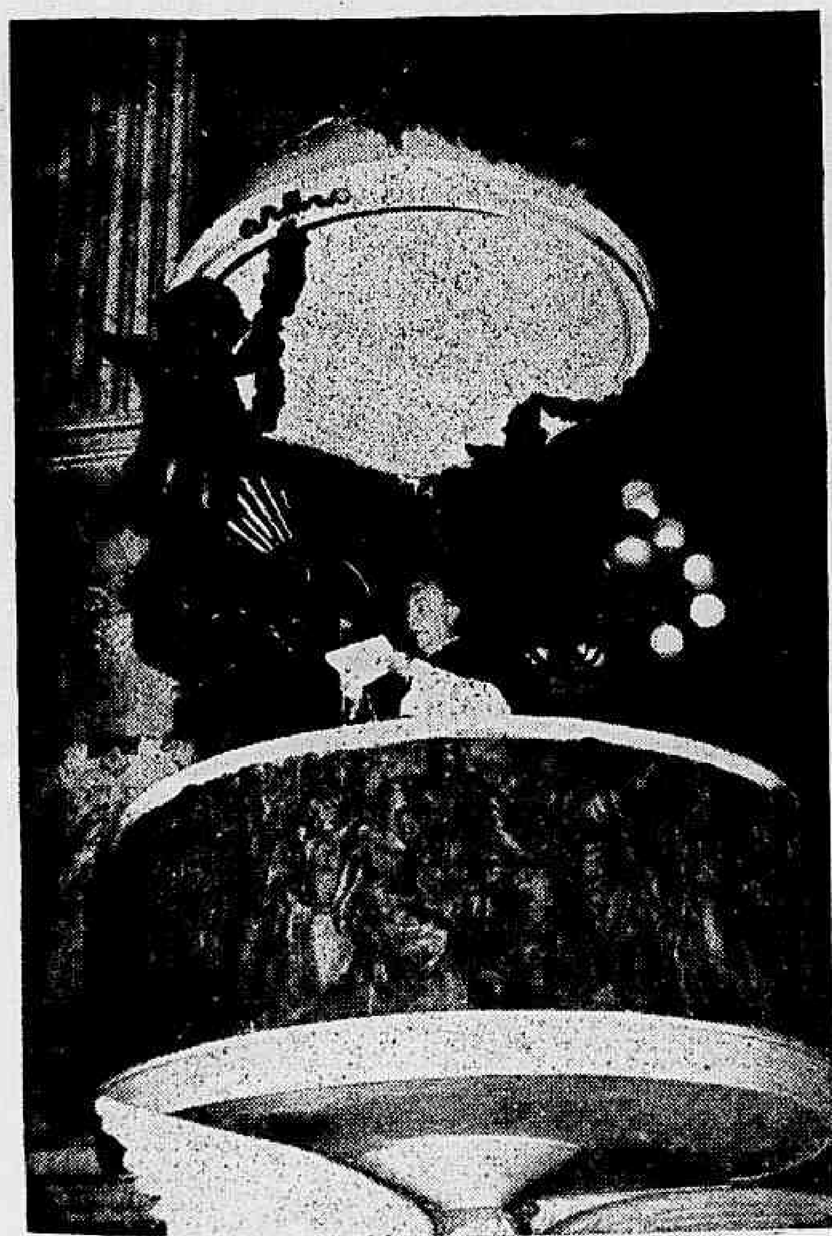
Trata-se do "Dia de dar Graças a Deus", ou dias dos agradecimentos ao Criador pelos benefícios concedidos durante o ano à nação.

Tem êle nos Estados Unidos o nome de "Thanksgiving Day", e é celebrado todos os anos, numa quinta-feira de novembro, a última dêsse mês.

Todo aquêle povo se reúne nos templos, nas associações, nas ruas e praças, em clubes e sociedades para dar graças a Deus pelos favores recebidos do Altíssimo.

Essa praxe remonta a muitos séculos passados. Muitos países da antiguidade pre-cristã já adotavam festas de caráter religioso dedicadas aos seus deuses.

Alcançar uma graça sempre foi um sonho e uma ansiedade em todos os tempos e em todos os lugares. Na mitologia, na idade neolítica, ou nos tempos que correm, o homem sempre se dirigiu ao Criador dos mundos e das coisas para pedir-lhe uma graça de sua misericórdia.





DOIS ASPECTOS do interior da Candelária, o principal e maior dos templos católicos do Rio de Janeiro, quando o cardeal D. Jaime Câmara presidia as solenidades do Dia de Ação de Graças



S. EMINÊNCIA O CARDEAL D. JAIME CÂMARA, EM COMPANHIA DO PREFEITO GAL. MENDES DE MORAIS, NA CANDELÁRIA, POR OCASIÃO DAS SOLENIDADES COMEMORATIVAS DO DIA DE GRAÇAS A DEUS

No Brasil não havia uma data fixada para darmos também graças a Deus pelos benefícios recebidos e derramados sôbre o nosso país. O atual govêrno instituiu êsse dia que cairá, todos os anos, na última quinta-feira de novembro.

O primeiro "Dia Nacional de Ação de Graças" foi celebrado a 24 de novembro, última quinta-feira do mesmo mês.

Tôda a imprensa, o rádio, os órgãos governamentais, colégios, escolas, o clero, etc., se integraram na instituição e levaram a efeito o seu programa preestabelecido.

Dia, evidentemente, de caráter religioso, coube à Igreja Católica dar todo o brilho ao evento recém-instituído em nossa terra.

Aos templos desta cidade e de tôdas as demais cidades do Brasil afluiu grande multidão para entoar seus cânticos e fazer suas orações piedosas.

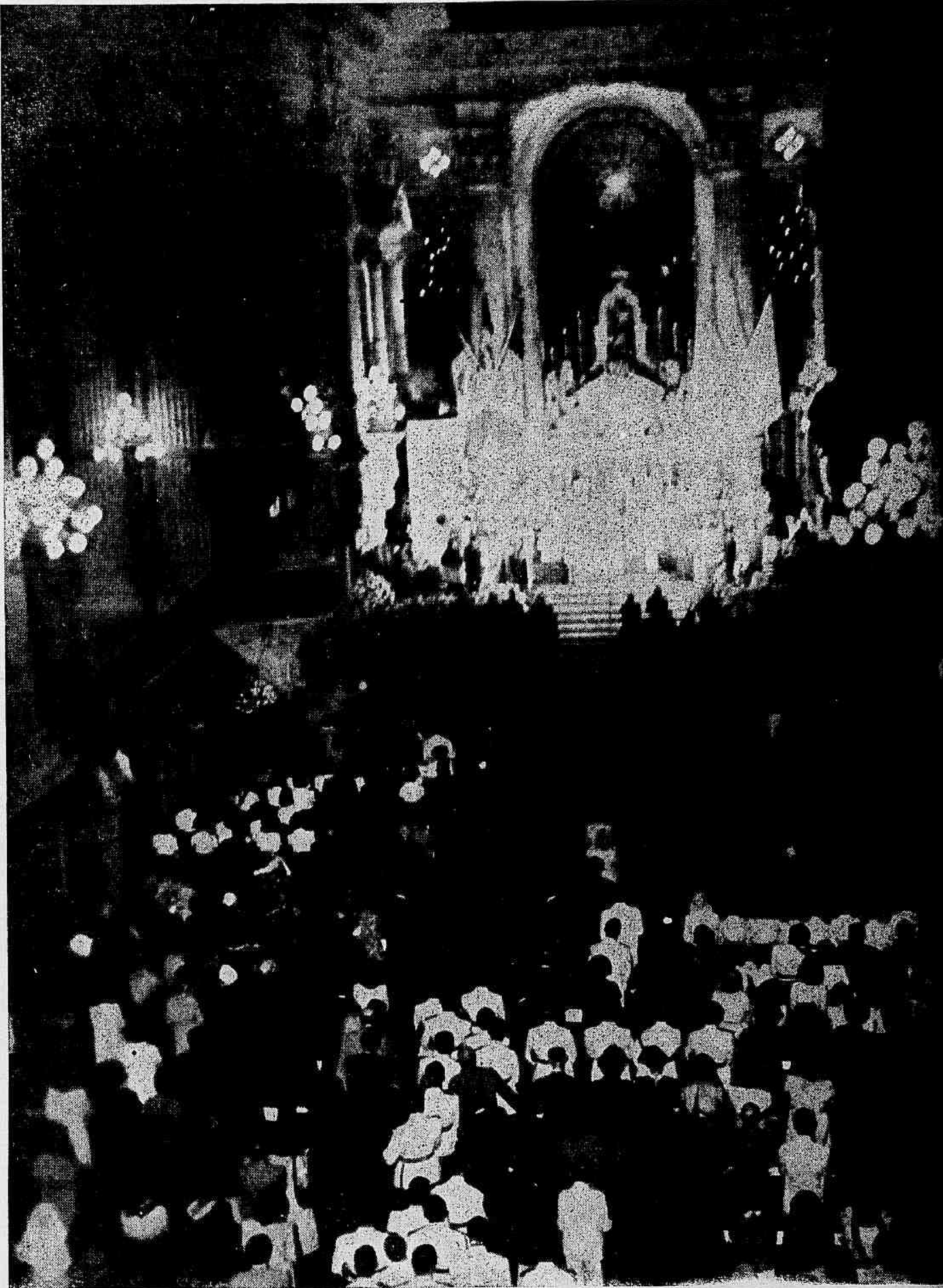
O "Dia Nacional de Ação de Graças" irá aumentando de intensidade e de extensão à proporção que o nosso povo se fôr acostumando a celebrá-lo com todo o rigor e entusiasmo.

Em verdade, precisava o Brasil de um "Thanksgiving Day"; nação que surgiu à luz da civilização quando o mundo entrava em plena transição da Idade Média para a Renascença, o Brasil sofreu tôdas as influências dos novos sopros do progresso, dos descobrimentos e do avanço científico, mantendo-se, apesar de tudo, fiel às suas tradições cristãs, de respeito às coisas do espírito.

Para qualquer sociólogo que estuda a formação brasileira, quer seja em face de sua imensa extensão territorial, quer diante dos episódios que tentaram subdividir o seu povo em vários setores, não deixa de causar surprêsa a unidade que mantivemos desde o descobrimento até hoje.

Originalmente o Brasil teria um têrço de sua extensão territorial em virtude das obrigações internacionais de Portugal para com o Vaticano e a Espanha, em razão do tratado de Tordesilhas; mas, contrariando o meridiano daquele tratado, os paulistas e baianos invadiram as terras a oeste da mesma linha imaginária e levaram o domínio brasileiro até as faldas dos Andes.

Com um território enorme, um dos cinco maiores países do mundo, o Brasil pôde manter-se uno, embora sofresse durante os dois primeiros séculos de sua existência, os embates perigosos de fortes elementos que tudo fizeram para subdividí-lo em várias regiões independentes.



MOMENTO CULMINANTE das solenidades da primeira celebração religiosa do "Dia Nacional de Ação de Graças", ocorrida na última 5.ª feira de novembro, vendo-se o ofício divino na Candelária com a presença de autoridades e fiéis



UMA SENHORA rende suas graças a Deus pelos benefícios recebidos pelo nosso país no primeiro dia da celebração no Brasil



O PRESIDENTE da República, general Gaspar Dutra, e o sr. Nereu Ramos, vice-presidente da República, na igreja da Candelária, por ocasião das cerimônias



UMA COLEGIAL das muitas que assistiram às celebrações, com sua atenção voltada para o pregador que ocupava o púlpito sagrado



GRUPO DE VOZES de jovens de ambos os sexos formando o côro com que foram homenageadas as duas nações amigas, Brasil e Estados Unidos, nas comemorações do "Dia Nacional de Ação de Graças", no edifício da Associação Brasileira de Imprensa do Rio

Aqui sofremos as vagas destruidoras dos invasores franceses que vieram implantar a França Antártica; da Bahia para o norte, holandeses e franceses tudo fizeram para organizar um Brasil separado do restante do centro e do sul.

O elemento aborígene se dividiu. Muitas tribos aderiram aos invasores inimigos dos portuguêses que descobriram e estavam colonizando o país, enquanto outras ficaram fiéis aos lusitanos e aos brasileiros já nascidos no solo em desenvolvimento.

A luta foi árdua e demorada. Sofrendo as conseqüências de sua guerra e de suas alianças forçadas com a Espanha, a maior potência colonizadora daquela época, Portugal

(Continua na pág. 52)



NOSSO PAÍS, em recente decreto do Govêrno Federal, adotou o seu "Thanksgiving Day", cuja primeira celebração ocorreu a 24 de novembro último. Nesta fotografia vemos altas autoridades e elementos do Brasil e dos Estados Unidos, na A.B.I. irmanados nos mesmos propósitos

A OPINIÃO DO DOENTE













A ENFERMEIRA — Ora, essa! Onde já se viu o doente escolher o remédio?!



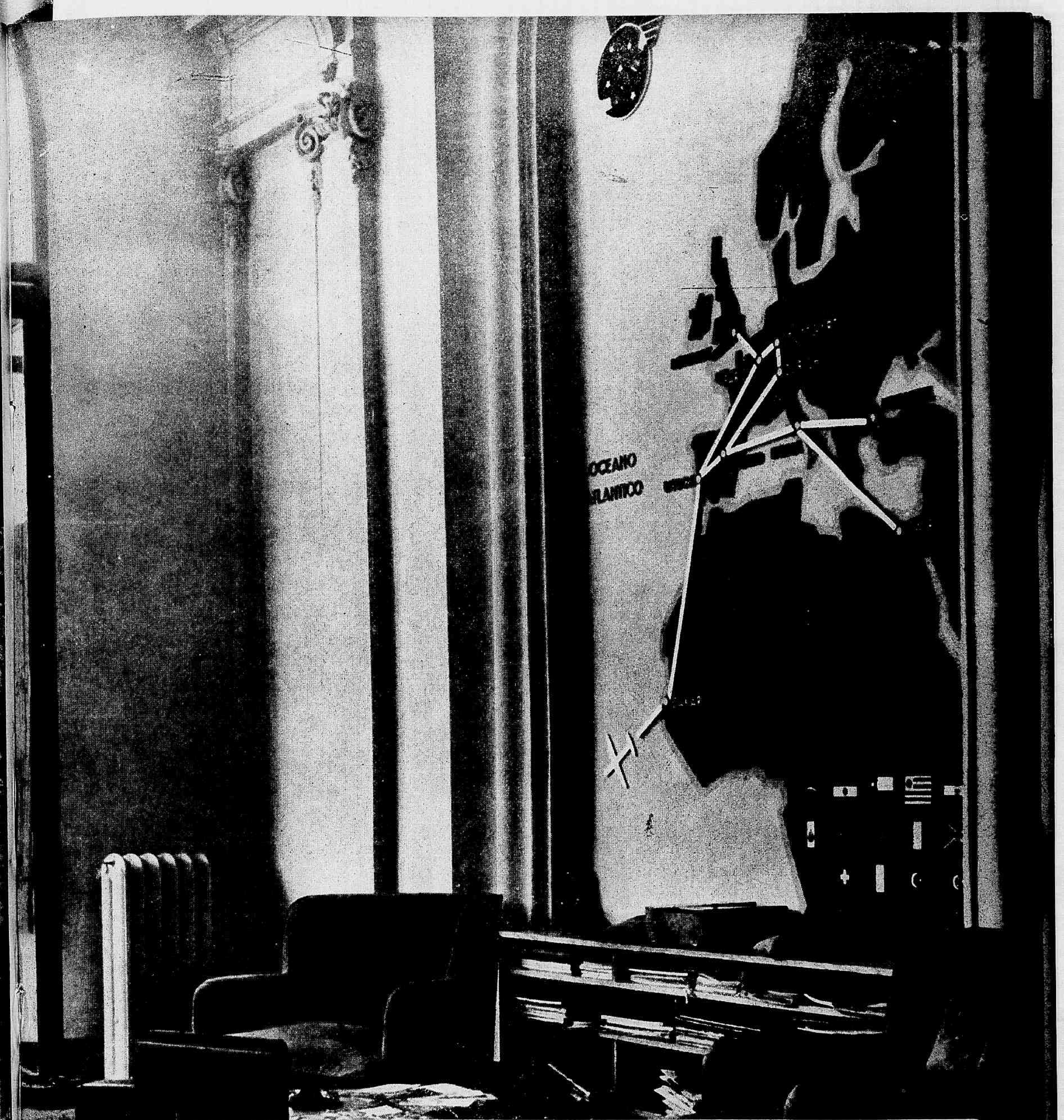
TURISMO E NAVEGAÇÃO AÉREA

O papel importante da aviação comercial. Desaparecerão as vias internacionais sem o amparo oficial

É preciso ter observado, no estrangeiro, os bons serviços prestados pela aviação comercial brasileira, para atestar com conhecimento de causa sua verdadeira extensão. Somos um país onde a indústria do turismo vive à sombra das iniciativas particulares, mais do que das oficiais, e até certo ponto por circunstâncias óbvias, mais ou menos justificadas.

Mas, porque tão preciosa contribuição advém das empresas privadas, é que se faz justo amparar essas emprêsas de modo a lhes permitir o desenvolvimento daqueles bons serviços. Em muitos países, também a propaganda de turismo está afeta às companhias de transportes; cimentos ao acaso o Canadá, onde essa atribuição é confiada às estradas de ferro, para tanto ajudadas pelo Estado, e nós sabemos o resultado dessas iniciativas. Terra do pioneiro da aviação, berço de Santos Dumont, foi também o Brasil uma das primeiras nações em que a navegação aérea comercial ganhou impulso, e quando chegou o momento de se espraiar para as linhas internacionais, o mesmo aconteceu. A Panair do Brasil, a Aerovias e a Cruzeiro do Sul fizeram-se as pioneiras de nossas comunicações aéreas com os Estados Unidos, a Espanha, a África e o Oriente Médio, assim como com os países vizinhos da América do Sul. Bem poucos podem avaliar o que representa de esfôrço, de inversão de capitais, de espírito empreendedor, presidindo a êsses cometimentos.

Entretanto, tudo isso resulta em propaganda, e da melhor, para a nossa terra. Quem tiver visitado Paris nestes últimos tempos, mesmo



não fazendo a viagem pelo ar, certamente visitou a Panair Accueil, na Plaza Athenée, uma loja instalada com amplo confôrto e mesmo luxo. Não será demais apelidá-la de sucursal do consulado brasileiro, pois lá encontramos, além dos jornais e revistas mais recentes, do Rio e dos Estados, também um delicioso café feito "à moda da terra", mate-chimarrão, guloseimas brasileiras e um serviçal corpo de auxiliares. Até ingressos para os teatros parisienses, sem ágio, podem ser adquiridos por intermédio da Panair Accueil.

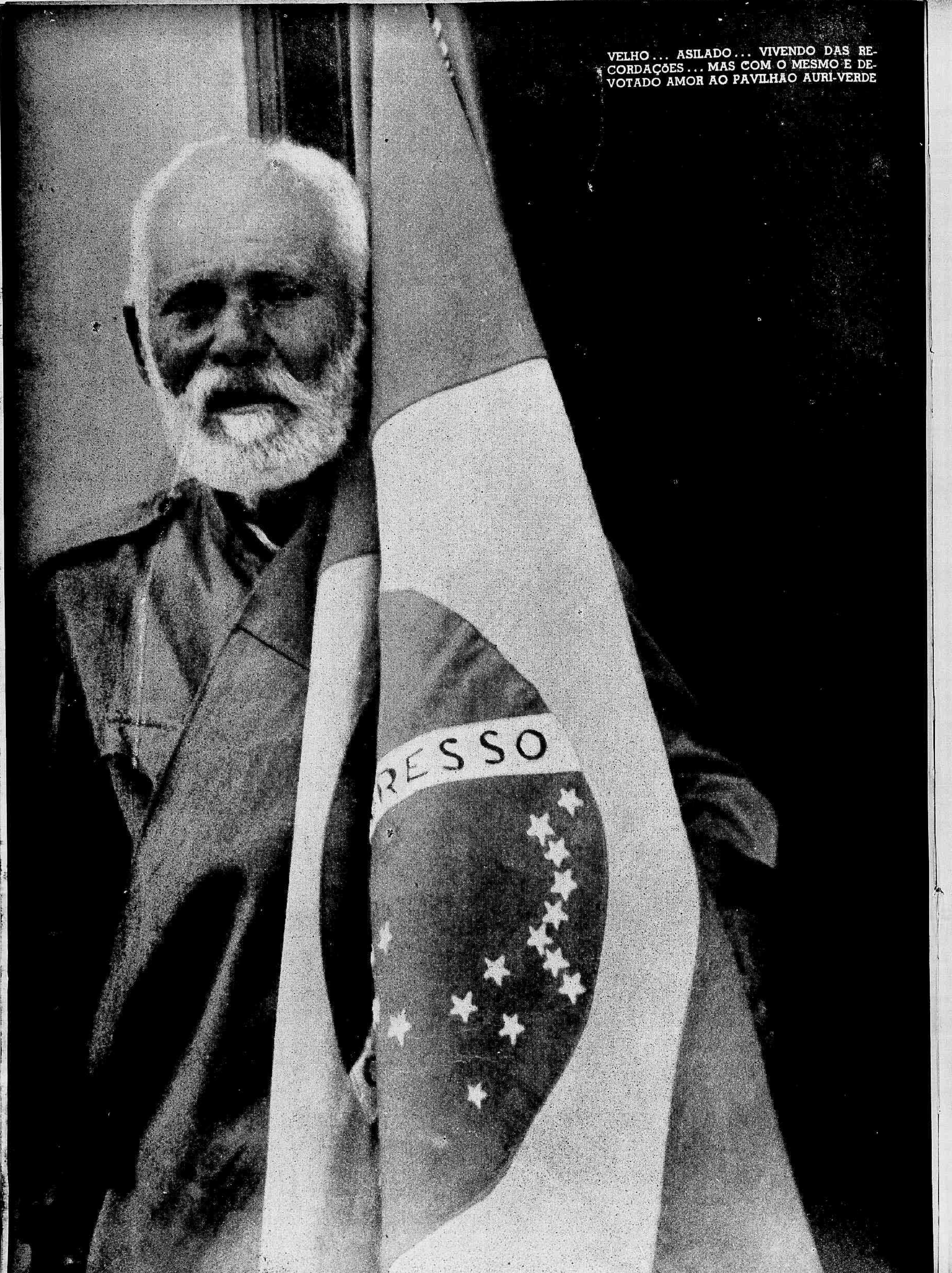
Entretanto, sabe-se agora, todo êsse trabalho está correndo o risco de desaparecer, em face das dificuldades surgidas. Embora a preferência do público continue a ser dada às companhias nacionais, a competição veio, cada vez maior, e a tal ponto que dificilmente essas entidades terão capacidade para vencer os obstáculos financeiros surgidos, sem a boa vontade dos poderes públicos.

Levando em conta o serviço de propaganda para o nosso país, acima detudo, é que resulta oportuníssimo o projeto apresentado à Câmara dos Deputados pelo Sr. Vasconcelos Costa, autorizando o govêrno a conceder subvenções às empresas brasileiras de transportes aéreos que exploram linhas internacionais. Mesmo quando não existisse aquela situação deficitária, tal auxílio seria oportuno e imprescindível, considerando as razões já expostas. Convém lembrar que até nos Estados Unidos as companhias aéreas são subvencionadas, embora elas pudessem subsistir com ou sem auxílio.

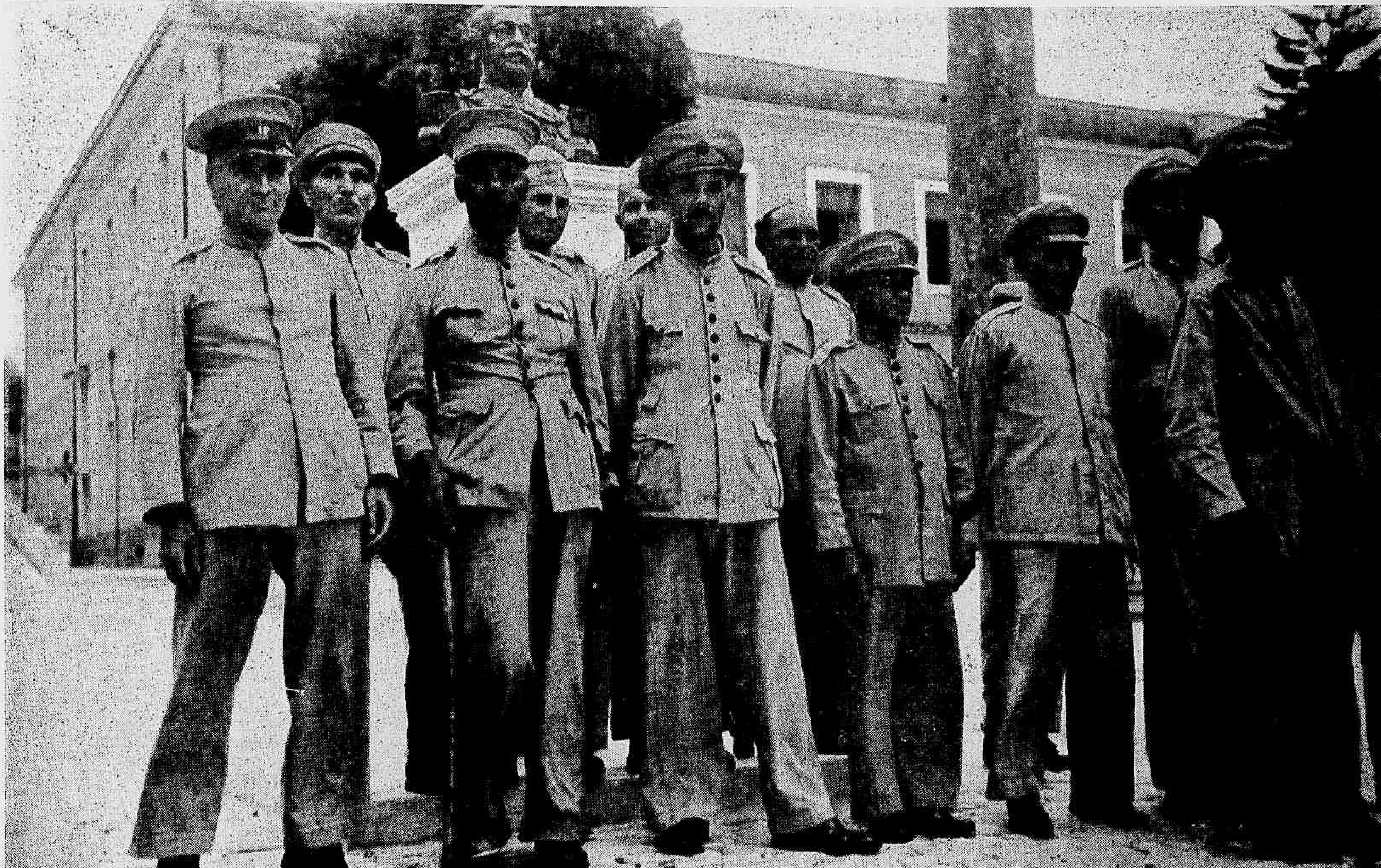
Não nega a verdade quem já assegurou que os destinos do Brasil estão ligados à aviação. Todos os interêsses da Aeronáutica, tanto comercial como civil, merecem o amparo do poder público; não podem nem devem desaparecer as vias internacionais mantidas a trôco de sacrifícios pelas companhias de aviação brasileiras.

Vamos ampará-las, então, porque delas está surgindo o fruto mais produtivo para a propaganda do turismo rumo ao Brasil. Nossas companhias aéreas souberam firmar, lá fora, um nome de relêvo e inspiraram tal confiança, servindo de veículo de propaganda do país, que seria um rude golpe no prestígio nacional se qualquer interrupção surgisse nesse particular.

Dois flagrantes da Panair Accueil, o luxuoso departamento da Plaza Athenée, em Paris, onde, pela manhã, sempre são encontrados os jornais brasileiros da véspera e um cafezinho feito "à moda da terra"



VELHO... ASILADO... VIVENDO DAS RECORDAÇÕES... MAS COM O MESMO E DEVOTADO AMOR AO PAVILHÃO AURI-VERDE



A BRIGADA DO PASSADO — Figuras que lutaram em Canudos, Amarração, Santa Cruz. São soldados de outrora que vivem apenas de recordação. Muitos trazem no corpo o vestígio das lutas em que se empenharam e exibem com orgulho, como se fôssem medalhas, as velhas cicatrizes

SOLDADO VELHO DE GUERRA!

VULTOS DE HERÓIS À SOMBRA DE BOM JESUS ★ UM DIA ENTRE REMANESCENTES DE CANUDOS, PARAGUAI E ARMAÇÃO

Reportagem de VITOR LEAL

ALÉM, perdidos talvez nos momentos de cisma e reflexão, um pouco além do que nossa imaginação pode alcançar, êles vivem do passado! Vêem os instantes de brilho e garbo militar, sentem o cheiro da pólvora penetrar nos pulmões envelhecidos e a fumaça toldar o olhar cansado de tanto olhar a vida! Esfregam as mãos trêmulas sôbre as pálpebras enrugadas e, quando as retiram dos olhos, trazem muitas vêzes a umidade de uma lágrima teimosa, de uma lágrima que a saudade de muitos anos quer fazer deslisar sôbre a face de soldado, dêsse soldado velho e cansado de guerra, que, como soldado, não chora e descansa apenas de árduas, de muitas lutas sangrentas, no calmo sossêgo da Ilha de Bom Jesus!

São os Asilados da Pátria, os inválidos que lutaram pela legalidade da Constituição, pela integridade do solo, pela sobrevivência do ideal de 1822 e que o govêrno ampara e procura ascultar nas suas necessidades, nos seus desejos ou nas de seus dependentes que vivem na Ilha e transformam aquêle pedaço de terra situado na baía de Guanabara, num paraíso perdido que apenas poucos conhecem e se abalançam a visitar.

Meia hora de ônibus e doze minutos de lancha são su-



CRISPIM GOMES DOS SANTOS, 3.° sargento, foi integrante da Brigada Mimosa, combateu em Canudos, Amarração e Santa Cruz



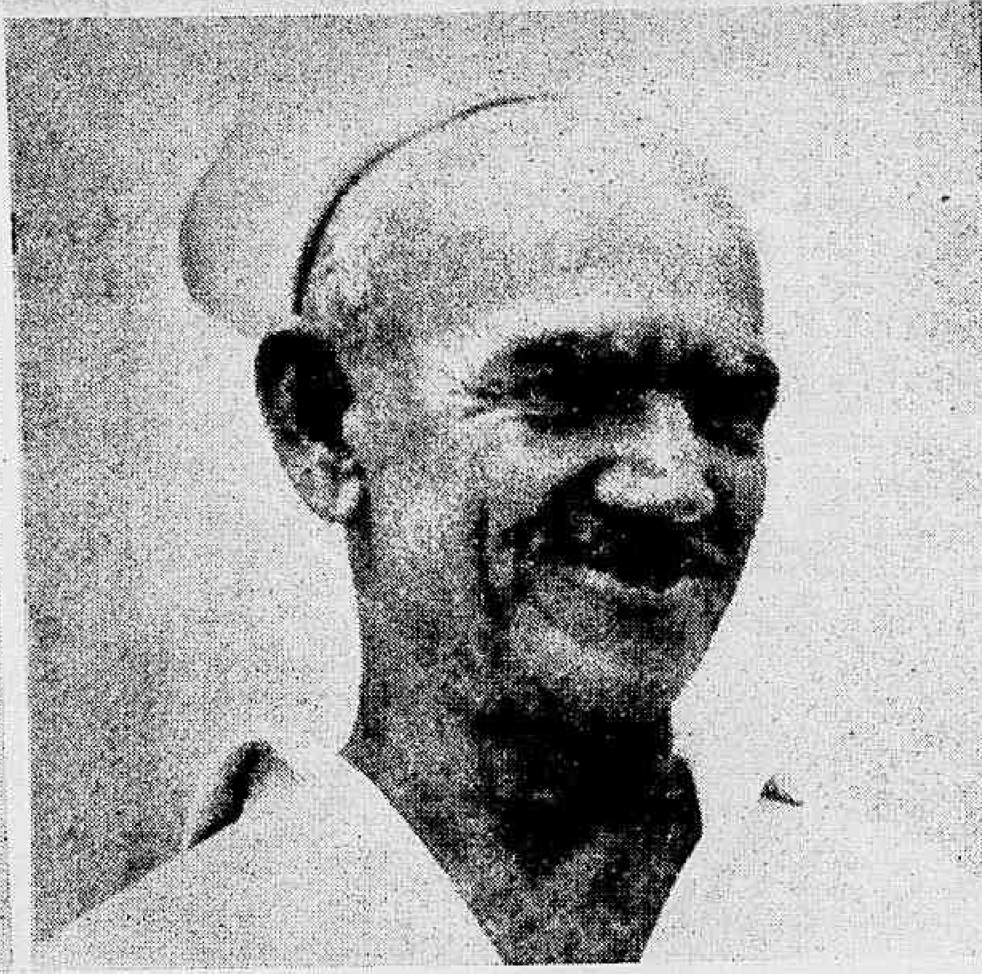
JOÃO FIRMINO DOS SANTOS é o encarregado da horta do Asilo e foi reformado como 2.° sargento depois de uma longa fôlha de serviços



LEOPOLDO BARBOSA DA SILVA, sobrevivente de Canudos. Tem 89 anos e conta, com minúcias tudo o que assistiu



JOAQUIM MOREIRA foi no seu tempo o terror dos lugares onde serviu, nortista valente e robusto. Hoje se fêz construtor de barcos



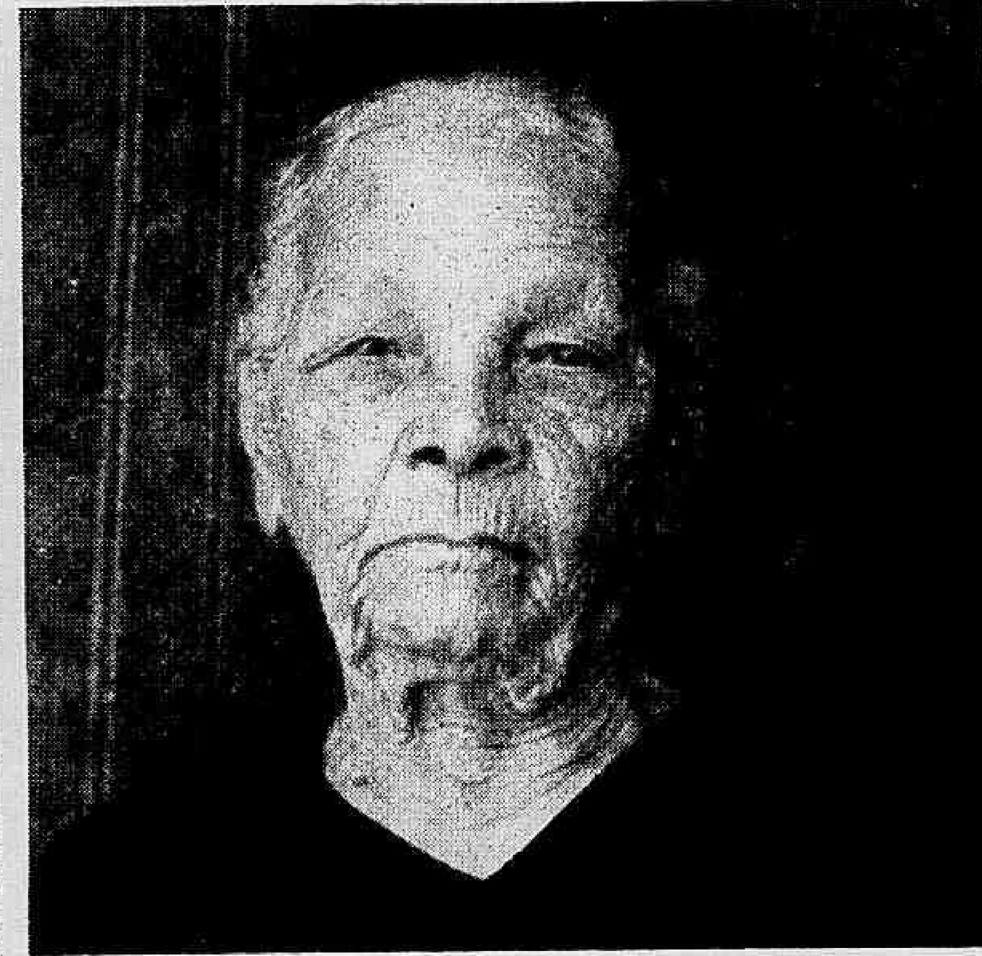
ÊSTE é o cozinheiro da turma: José Soares Bezerra, o "Popeye", serviu na Marinha e conheceu de perto o Aquidaban



ANTÔNIO TOMAZ DE AQUINO BEZERRA, sargento músico, sofre da mania de perseguição e tem sempre uma história para contar



MORREU-LHE O MARIDO mas restou a amizade de quantos a conheceram e o carinho de duas netinhas que vivem com ela na própria ilha



CRISTIANA, MAURÍCIA, DEOLINDA? Que importa o nome dessa mulher que vive do amparo do Estado e está quase com cem anos!...



ESTA é Atauhae, uma índia Carajá que vive entre os asilados. Ainda não sabe falar o português e apenas sorriu para o repórter

ficientes para nos porem em contacto com os Inválidos da Pátria. Ainda no caminho, de bordo da lancha que nos conduz, alçamos a vista aos céus e vemos uma igreja, imponente pelo seu aspecto arquitetônico, debruçando-se sôbre a ilha e ostentando, na sua tôrre quase mourisca, a marca de uma construção que data de mais de duzentos anos! E' a Igreja do Bom Jesús, um símbolo da religião católica, erguido no local, em 1705, quando a Ilha passou a pertencer à Companhia de Jesús. Conta-nos o nosso companheiro de viagem que a ilha, primitivamente, se chamara Caquerada e, alguns anos mais tarde, ao passar para os religiosos, tomou o nome de Ilha dos Frades. Aquela igreja que atesta o domínio dos padres e conserva entre as suas paredes inúmeras preciosidades dos antigos santeiros lusitanos, foi construída antes da criação de Ouro Prêto, a antiga capital mineira que tantos e tão belos monumentos históricos possui! E ali, na Capital da República, numa ilha calma e sossegada, povoada apenas por 1.300 pessoas, descendentes ou dependentes de asilados, há quase três séculos, o templo de Deus acolhe os crentes que passam pelas suas portas atendendo ao chamado alegre de seus sinos nos dias de domingo!

Mas, não existe apenas na ilha o Asilo dos Inválidos da Pátria, não figura entre o correr de casinhas limpas e bem traçadas, apenas a família daqueles que o Estado ampara, não. Também ali se ergue o Presídio Militar, uma obra que, mais recente do que o Asilo, não deixa contudo de interessar às classes armadas!

Fundado em 1843, com 21 anos após a Independência do Brasil, o Asilo dos Inválidos da Pátria mostra, desde então, o espírito social do govêrno desejando amparar aquêles que servem às nossas fôrças militares! No ano de sua fundação, o Asilo foi instalado na Ponta da Armação, em Niterói, onde se travou um dos mais violentos combates da Revolta Custódio de Melo e cujos sobreviventes ainda encontramos no asilo. Vinte e cinco anos mais tarde, porém, é que os Inválidos vão ter a sua casa na Ilha da Caquerada, onde se encontram desde 1868!

Hoje o Asilo é uma das poucas dependências militares de nossa pátria que dá prazer ao estranho visitar. A ilha, muito limpa e arborizada, ostenta uma escola pública, com 103 alunos matriculados e um Jardim de Infância especializado, com perto de 40 crianças! O corpo docente da Escola é dirigido pela professôra Diva Novais Martins e conta com cinco adjuntas, tôdas professôras municipais. Pôsto Médico e Dentário, mantidos pelo Exército, atendem asilados e moradores bem como à freqüência escolar. Casas, pavilhões, praças e jardins, como se estivéssemos numa cidade, atestam o zêlo do Coronel Osvaldo Malquias de Almeida, um administrador inteligente e moço que se dedica à causa do velho e da criança com um carinho de educador e psicólogo.

A seu lado, sentindo a cada instante os pequeninos

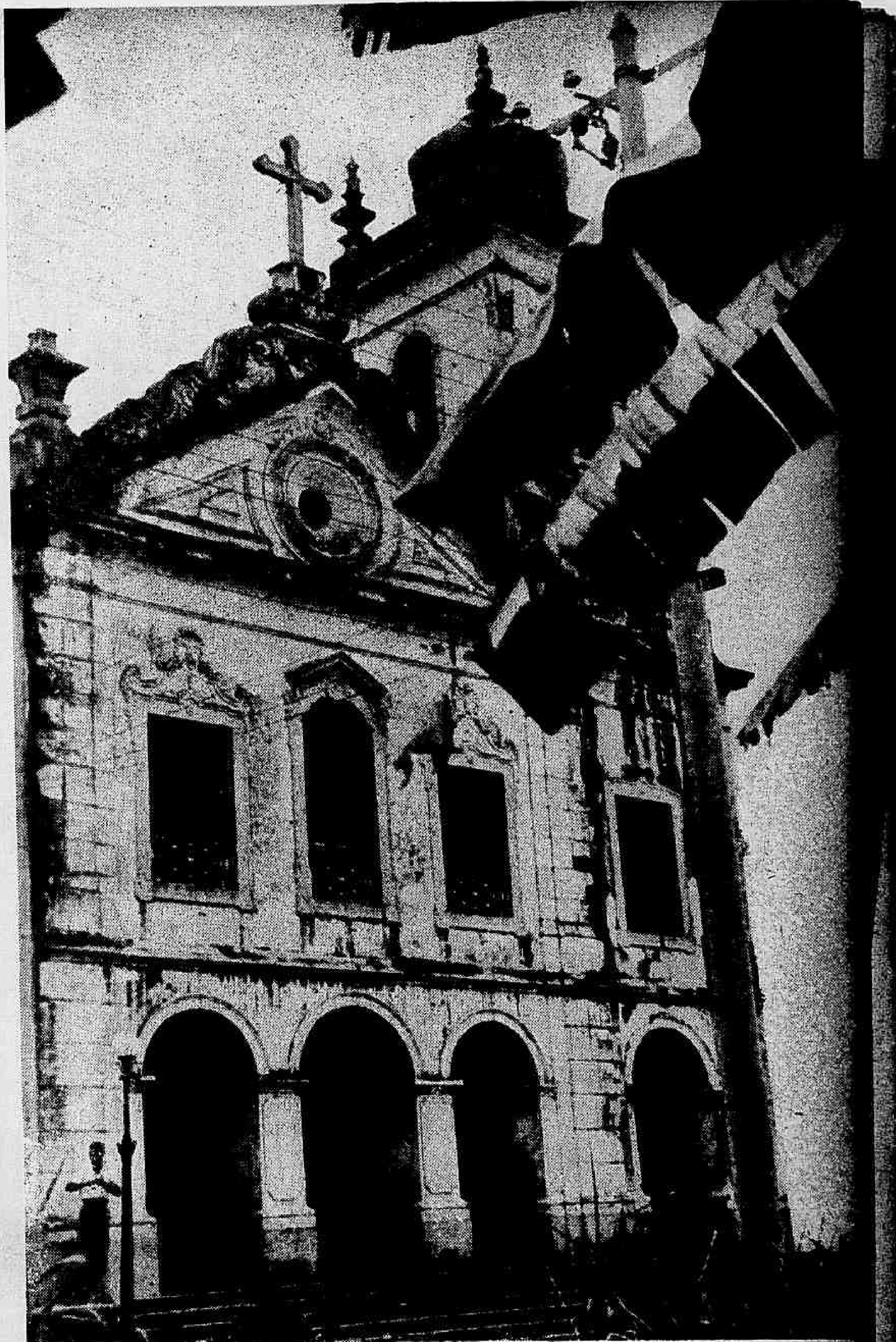


ESTÁ NA HORA do almôço. O prato de sopa, moderna instituição dos educadores, é fornecido pelo Exército no grupo escolar municipal



A PROFESSÔRA Diva Novais Martins e alguns dos seus 103 alunos matriculados. Êstes pertencem ao Jardim de Infância da ilha





À ESQUERDA — Na aula nem a presença do repórter consegue desviar a atenção dos alunos... À DIREITA — Velho templo que data de 1705. No seu interior estão alojadas as maiores preciosidades da escultura em madeira dos santeiros lusitanos

problemas que surgem entre uma população de homens e mulheres que vive do amparo governamental, é que sentimos como é necessária uma grande dose de compreensão e carinho, de simpática solicitude para resolver tantas e tão diferentes questões. Velhos, muitos já incapazes de formar um raciocinio certo, rabugentos e maniacos, êles oferecem momentos de séria preocupação com suas queixas, suas pretensas dificuldades, ou seus mexericos. Homens da Marinha e do Exército, admiradores de Osório, Tamandaré, Caxias ou Barroso, competem entre si, se enciumam e levam suas questões até o Comandante, êsse homem que talvez surja como o mais novo dos generais do Brasil, pois não lhe faltam méritos, instrução e competência.

Entre os asilados do Coronel Osvaldo Melquias de Almeida, existem também várias senhoras, espôsas de militares já falecidos e para as quais foi construido um pavilhão, com quartos separados, dependências sanitárias e que, além do sôldo ou montepio de seus maridos, percebem uma etapa alimentar idêntica a distribuida aos soldados e inferiores.

Elas vivem felizes cosendo, lendo ou ouvindo rádio, sem se preocupar com os problemas domésticos da alimentação, e esperando apenas que os dias passem... Algumas têm parentes na cidade que as poderiam acolher mas preferem permanecer na ilha, vivendo entre os companheiros de seus maridos e sentindo de perto, o zêlo daqueles que o govêrno determinou olhar pela sua paz e sossêgo.

Durante horas percorremos tôdas as dependências da ilha acompanhados do Coronel Osvaldo ou de seu auxiliar imediato, o coronel Nilo, um homem calmo e ponderado que, como todos na ilha, admira o comandante e exalta as suas virtudes administrativas. E foi assim que encontramos os dois casos mais interessantes do Asilo: Um descendente da Guerra do Paraguai, o veterano Manuel Ribeiro da Silva, 1º sargento, que completou 101 anos no dia 17 de julho e é o mais velho dos asilados. O outro, a india Carajá Atauhac, de 16 anos e cujo marido, descendente de um asilado, reside na ilha. Atauhac não fala quase o português e é alvo da curiosidade de quantos vão até aquêle recanto da baia de Guanabara.

Mas não são apenas os que ali estão, um grupo de homens cansados e veteranos, que constituem o grosso dos Inválidos da Pátria. O seu número, no asilo, vai a menos de 100, porém, espalhados pelos vários recantos do país, residindo fora da ilha, mais de mil homens recebem assistência e confôrto das nossas autoridades. Êles formam um contingente de verdadeiros heróis remanescentes de Canudos, do Paraguai, da Armação, de Santa Cruz e tantos outros pontos da terra onde o fogo da metralha causou estragos e dizimou batalhões! Vimos, entre um páteo e outro, homens que nos falaram de tantas conquistas da Pátria, de tantos feitos e de tantas lutas! Homens que lutaram por Floriano contra Custódio José

(Continua na pág. 52)



O CORONEL OSWALDO MELQUIAS divide as suas atenções entre velhos e crianças. [illegible] é a mais aplicada do primeiro ano



ESTA PLACA figura no centro da nave da igreja que há duzentos e quarenta e quatro anos acolhe os fiéis para a prática



A Itália, o país da Arte, mal saída da catástrofe da guerra, procurou refazer-se em todos os setores de suas atividades sociais e comerciais. A Riviera Italiana faz parte dêsse programa de soerguimento italiano e, pelo que vemos nesta fotografia, a sociedade peninsular prestigia o plano, vindo de vários pontos para as férias à margem mediterrânea

SOL E PRAIA NA RIVIERA FRANCEZA

Competição de turismo entre a praia da França com a da Itália ★ Onde os milionários se divertem ★ Também ilustres figuras brasileiras descansam ás margens do Mediterrâneo

(Serviço Exclusivo KEYSTONE)

VAI entrr o calor. Nossas praias começam a povoar-se, tôdas as manhãs e tôdas as tardes, de alegre multidão de gente de tôdas as idades e de ambos os sexos. Amplos guarda-sóis se fincam na areia dando a impressão de gigantescos cogumelos coloridos a cuja sombra as sereias se resguardam dos raios quentes do sol.

Vamos ver nas fotos destas páginas como se divertem as populações de outros povos admiradores de férias à beira-mar, à luz de um sol revigorante e primaveril.

Todo mundo conhece, pelo menos de nome, a famosa "Riviera Francesa". E' o favorito "playground" dos milionários do Novo e do Velho Mundo.

Lugar ideal para temporadas de turismo, para luas de mel, a Riviera Francesa recebe, anualmente, milhares de visitantes, dentre os quais se notam príncipes indus, banqueiros norte-americanos, turistas da América do Sul, estrêlas e astros de Hollywood, gente que se extasia diante das belezas naturais das costas mediterrâneas e os que vão apenas jogar em Monte Carlo.



A Condessa Foresti e Senhora Calimosti, duas italianas da alta sociedade, gozam as delícias de um verão na praia de Rapallo

Orlando a costa do Mediterrâneo, vêem-se "vilas" fabulosas, iates de luxo balouçando sôbre as ondas mansas de um dos mais privilegiados recantos do mundo.

O céu sempre azul e o mar sempre bonanças, tudo emoldurado pelo panorama de uma natureza que entusiasma e inspira poemas, amores e canções.

Mas, com a restauração da paz e dos negócios na Europa, surge uma nova Riviera, a italiana, como rival da francesa. Possui ela excelentes praias, enseadas divinais, debruada de encostas verdejantes e acariciadas pelo esplendoroso sol do Mediterrâneo.

Milionários de todos os pontos afluem para a nova atração marinha, que, embora não constitua perigo para sua rival, promete tornar-se em futuro próximo, ponto de convergência de milhares de turistas do mundo inteiro. Os interessados pelo progresso da Riviera Italiana tudo estão fazendo para dotá-la dos mais modernos e atrativos divertimentos, de maneira que, quem fôr uma vez, irá sempre...



VISITANTES DE VARIOS PAISES DA EUROPA INVADEM A RIVIERA ITALIANA. NOS TERRAÇOS DE AGRADAVEIS BALNEARIOS ESTAS JOVENS SUECAS RECEBEM AS CARICIAS DO SOL DO MEDITERRANEO EM PARAGGI

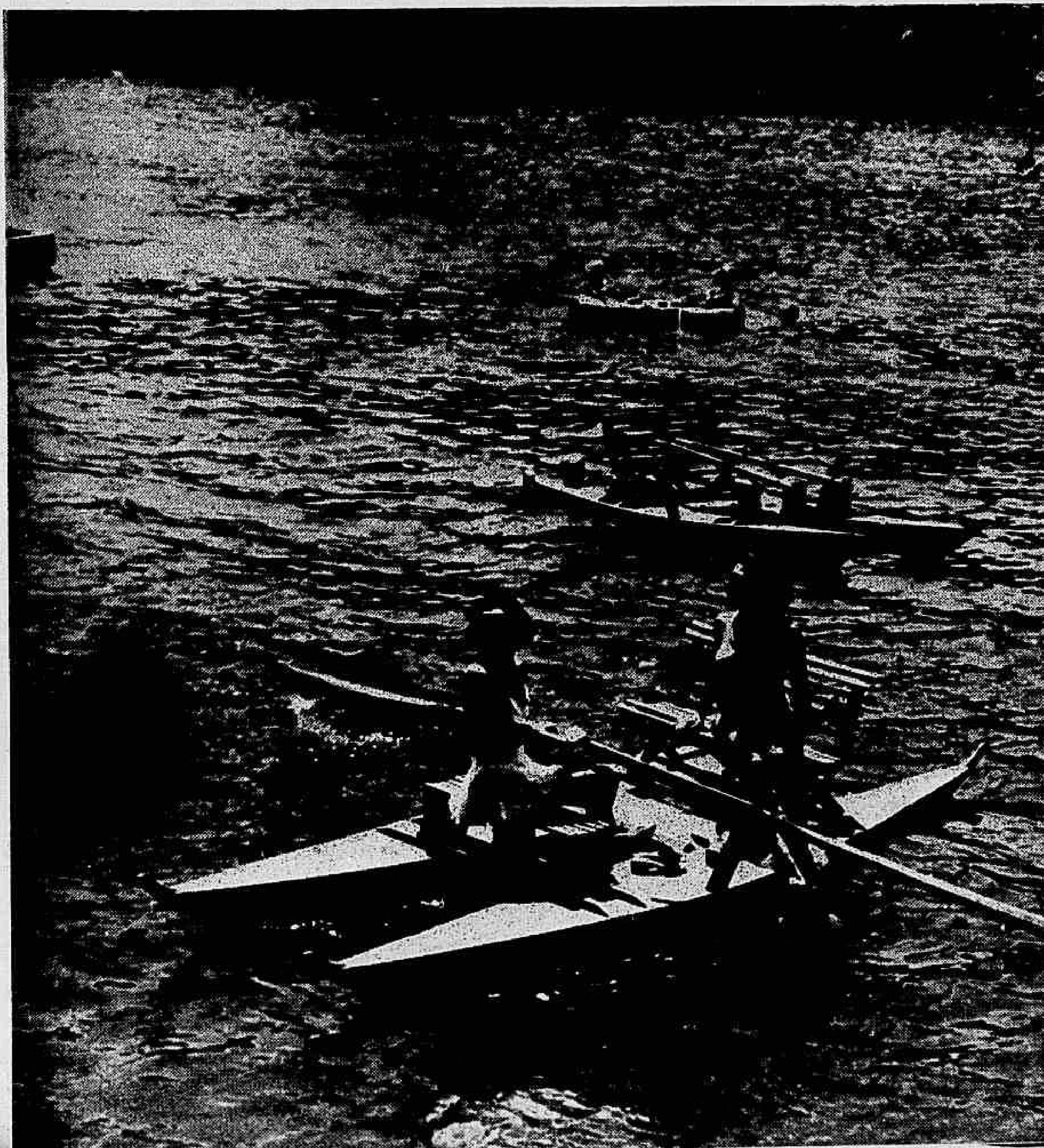


MRS. COLEMAN, ESPÔSA DE UM BANQUEIRO NORTE-AMERICANO DE MIAMI, VEIO A RIVIERA ITALIANA PASSAR UMAS FÉRIAS E SE MOSTRA ENCANTADA BEIJADA PELO SOL NO TERRAÇO DO EXCELSIOR EM RAPALLO





À esquerda: Senhorita Alberta Rigo, da sociedade italiana, senta-se a uma "preguiçosa" no balneário de Paraggi e se protege contra os raios do sol. (À direita): Entre as mais destacadas personagens que foram êste ano à Riviera Italiana, registrou-se a presença de Consuelo O'Conner, esposa do Conde Rudy Crespi, conhecido milionário ítalo-brasileiro. Vemos aqui a encantadora Condessa, concedendo uma entrevista a um jornalista em Rapallo. (Em baixo): Ir a praias e ficar apenas em terraços e na areia, ou tomando banhos de mar, não completa a satisfação de turistas e banhistas. E' preciso um pouco de esporte. Aqui vemos senhoritas a remar em interessantes "gôndolas". (À direita): O casal Nisson, norte-americanos procedentes de Boston, acorreu à Riviera Italiana e se delicia em passeios pelos arredores e em barcos pelas águas mansas do Mediterrâneo.



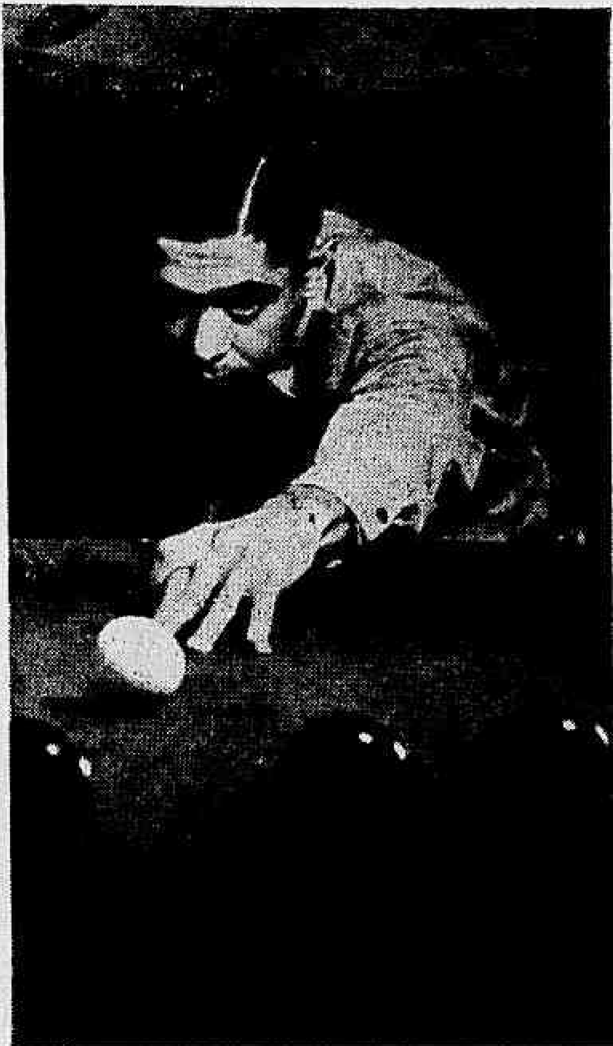




JOSÉ RUY ALVAREZ
(Rio Grande do Sul)



PAULO FERNANDO PEDROSA
(Distrito Federal)



JOSÉ BRANDÃO LISBOA FILHO
(Distrito Federal)



JOSÉ LUIS DE MELO FORTES
(Piauí)



JOSENY RAPOSO TOVAR
(Distrito Federal)

OS CADETES DA AERONÁUTICA

OUTROS ASPIRANTES DA TURMA DE 1949 ★ COMPLETANDO A RELAÇÃO DOS SETENTA E DOIS JOVENS QUE TERMINARAM O CURSO COM PROVAS BRILHANTES ★ MELHORES DA SÉRIE

DEMOS na edição anterior flagrantes fotográficos de trinta e sete cadetes da Aeronáutica Brasileira que, sob o comando do brigadeiro do ar João Corrêa Dias Costa, são candidatos ao título de aspirantes e componentes da turma do ano que vai expirar, prometendo para êste número a relação final. Ela aqui está, a exemplo da anterior obedecendo à respectiva ordem alfabética e completando a série de setenta e dois jovens patrícios, do Rio e dos Estados, que se dedicam à quinta arma.

Publicamos no número anterior um instantâneo do primeiro aluno da turma, Hugo de Oliveira Piva, natural de São Paulo; damos, acima, uma foto de José Rui Alvarez, do Rio Grande do Sul, que é por sua vez o primeiro aluno da Escola.



LEÔNIDAS BRON HERNDL
(Distrito Federal)



LUIS AUGUSTO AFONSO TINOCO
(Estado do Rio)



LUIS CARLOS DE AVELAR
(Distrito Federal)



LUIS GONZAGA DOS SANTOS
(Distrito Federal)



LUIS PEDRO MIRANDA DA COSTA
(Distrito Federal)



MANUEL MARTINS LISBOA NETO
(Minas Gerais)



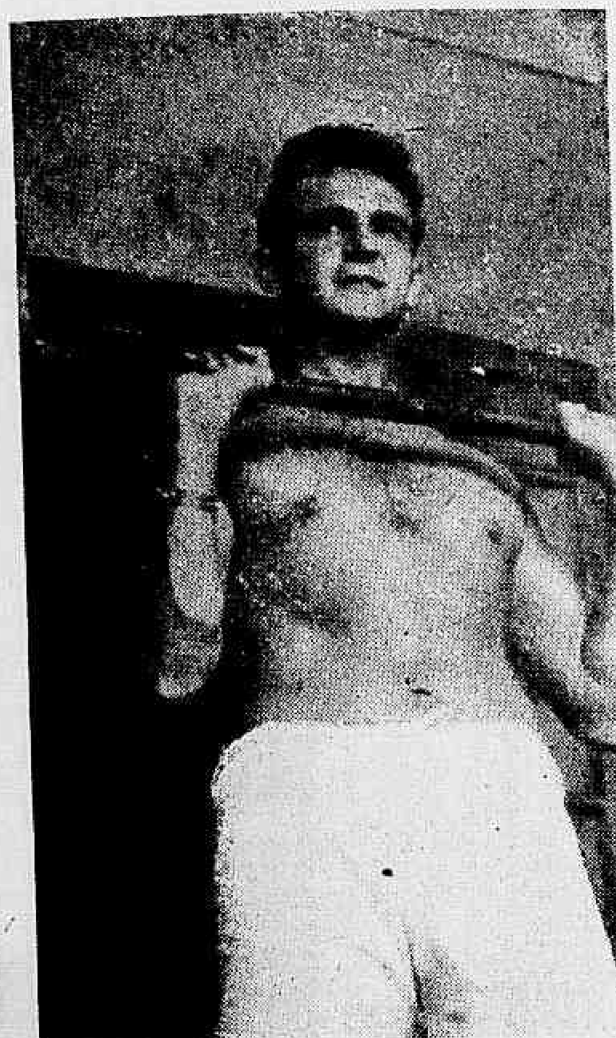
MARCO AURÉLIO CAMPO TAVARES
(Estado do Rio)



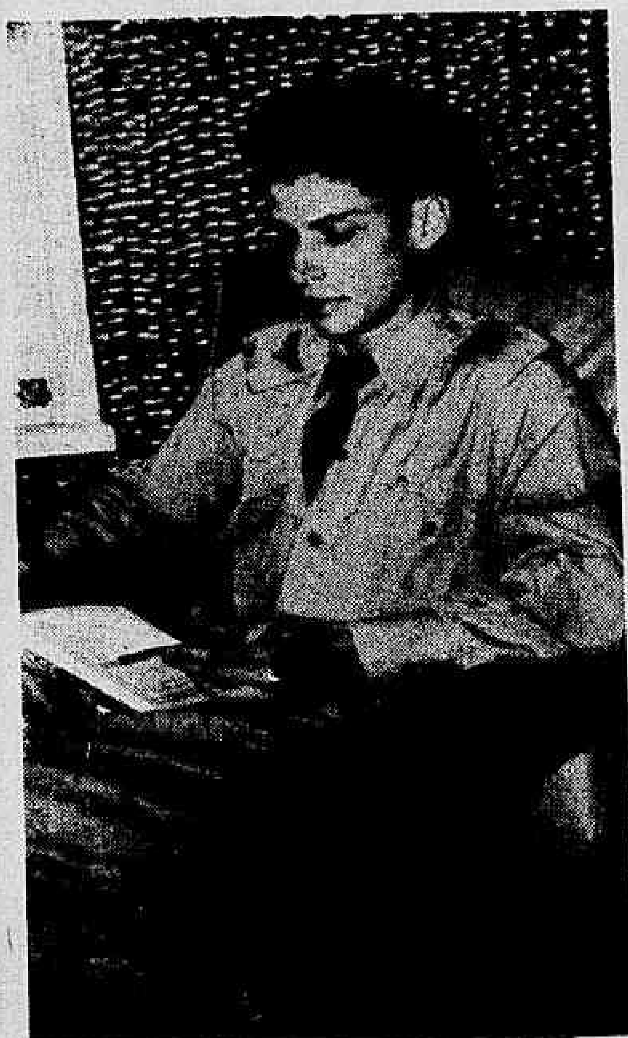
MÁRIO DE MELO SANTOS
(Piauí)



MAX ALVIM
(Distrito Federal)



MÚCIO MARTINS FIGUEIRA
(Pernambuco)



NELSON FISH DE MIRANDA
(Distrito Federal)



NELSON PINTO MORAIS
(Minas Gerais)



NELSON TAVEIRA
(Distrito Federal)



OSVALDO BASTOS DE ALBUQUERQUE
(Distrito Federal)



OTO JUNQUEIRA VIANA
(Distrito Federal)



PAULO IRAJÁ MACHADO SILVA
(Rio Grande do Sul)



PAULO NILSON SECUNHO GABETTO
(Minas Gerais)



RIVALDO GUSMÃO DE OLIVEIRA LIMA
(Paraíba)


ROY HERMÍNIO AFONSO FRIEDE
(Distrito Federal)


RUBENS ROZSA
(Distrito Federal)


RUI ÁLVARO SILVEIRA DE ARAÚJO
(Rio Grande do Sul)


SILVINO DOMINGOS PICCOLI
(Santa Catarina)


TABIRA DE BRAZ COUTINHO
(Pernambuco)

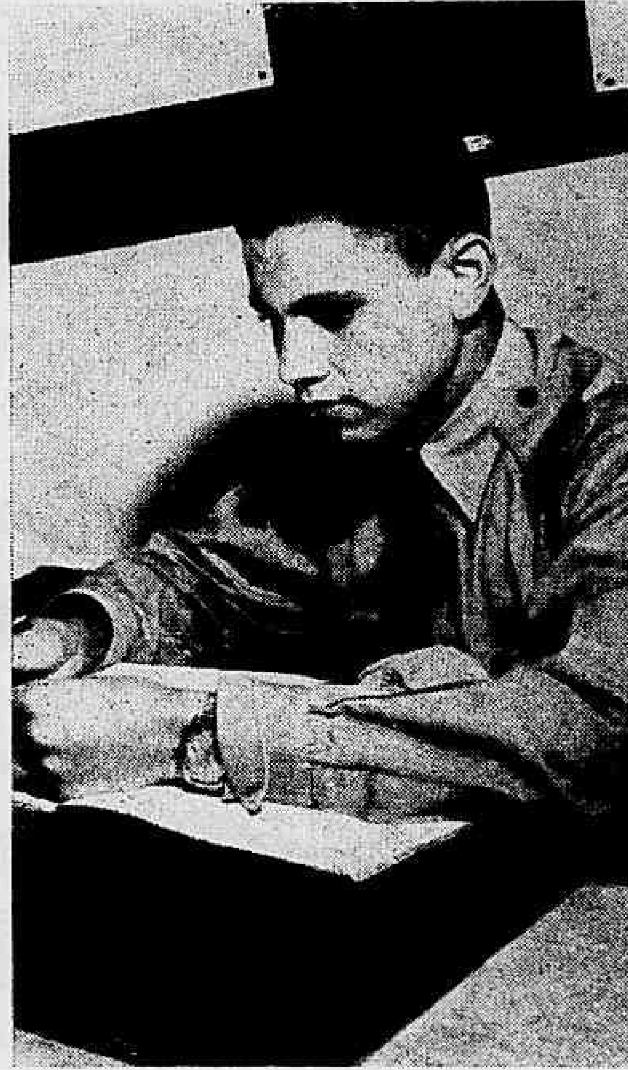

TANCREDO FERREIRA FILHO
(Distrito Federal)


TARCÍSIO ALCEU LOPES DE FARIA
(Minas Gerais)


TALES ESTANISLAU DO AMARAL
(São Paulo)


TÉO CARLOS TREPTOW
(Rio Grande do Sul)


VALTER DE SANTANA LOPES
(Piauí)


WASHINGTON AMUD MASCARENHAS
(Distrito Federal)


ZAIRO AULER CARDOSO
(Distrito Federal)

QUE DEVO FAZER?

Muitas mulheres conhecerão sua própria história lendo a minha. Mas, de qualquer forma, tenho agora um problema profundo e muito sério que não me acho com fôrça bastante para resolver sòzinha.

Com certeza, as mulheres que me lêem e que terão experiência própria desta aventura na qual a vida se joga tôda inteira, não poderão negar-me seus conselhos.

E, estou certa, se as leitoras tiveram também momentos como êste que sofro, não se excusarão de dar-me seus conselhos, de julgar-me como devo ser julgada.

Creio que preciso muito de um pouco dêsses conselhos, de um julgamento razoável que me venham sôbre o espírito como um jato de luz, um pouco de esperança.

Não posso reviver tôdas estas lembranças ainda tão presentes à minha alma, sem grande emoção, e estou certa que as minhas amigas desconhecidas e fora destas páginas, sentirão também o reflexo de minha emoção.

Tinha eu apenas quinze anos. Idade em que tudo sorri, tudo é sonho, e tôdas as garôtas procuram ver nos rapazes em cujo meio vivem, um ideal de amor, de venturas, de felicidades. Idade em que ainda nos vemos ligadas às nossas bonecas e às cordas de saltar nos parques, nos recreios, nas praias, até que tudo silencie e morra o nosso paraiso perdido, o paraiso de nossa infância.

Mas comigo a situação foi diferente. Muito jovem ainda me vi entregue a uma vida sem confôrto, sem tempo e recurso para a coquetaria muito permissiveis em moças de minha idade.

Meu pai andava muito doente e minha mãe teve que arcar com todo o pêso da casa o qual foi descarregado sôbre meus ombros, em virtude de meu pai enfêrmo exigir cuidados permanentes de minha pobre mãe. Assim, tinha eu que trabalhar duplamente: no lar e na escola. E que lar o nosso! Uma pensão...

Uma tarde, entrava eu em casa vinda do liceu e vi minha mãe muito pálida a fazer qualquer coisa na cozinha.

No quarto próximo vi dois vizinhos nossos e a silhueta de um padre. Logo que me viu, minha mãe correu para mim a exclamar: "Minha pobre filha!"

Abraçou-me e beijou-me a chorar.

Imediatamente compreendi tudo. Depois de seis meses de enfermidade, perdia meu pai. Era a desgraça que desabava sôbre nós de maneira violenta e até certo ponto inesperada.

— Que faremos agora sem êle?... — lamentava minha mãe.

Papai era um homem bom e digno. Todos lamentavam seu desaparecimento. Seu entêrro se deu no dia de meu aniversário, para aumentar mais em minhalma a infelicidade de perdê-lo.

Nós continuamos a residir em Hendaya. Papai nos deixara aquela casinha modesta, — a pensão — alguma terra e direitos de caça e pesca.

Mamãe era uma deliciosa mulher, viva, ágil e fina, ótima dona de casa sempre dedicada a dotar o lar com um novo ornamento, uma fantasia apropriada e encantadora. Era, portanto, completamente ao contrário de um homem de negócios. Seis meses depois da morte de papai, tais eram as dificuldades e as perfidias até daqueles que nos deviam ajudar, que nos vimos à borda da falência e forçadas a vender aquela propriedade para salvar-nos a ambas.

Estávamos num belo dia de junho. Eu e mamãe conversávamos sôbre a critica situação em que nos achávamos, quando a porta se abriu e vimos um visitante.

— Sr. Pierre! — exclamou mamãe cheia de surprêsa.

— Sr. Pierre... — murmurei eu em voz muito baixa, como se quisesse reproduzir a exclamação de mamãe. Pierre era um senhor de elevada estatura, de uns trinta anos e parou no vestibulo.

Não o haviamos visto desde a morte de papai. Eu não sabia nada a seu respeito, embora sua figura ocupasse lugar em minha imaginação.

Pierre morava na cidade de Bordeus e gozava de excelente situação de poder e riqueza. Eu sabia que êle era casado mas um tanto infeliz com a espôsa. Na pensão de mamãe hospedava-se êle sempre, todos os meses e, quase sempre viajava pelo mar no barco de papai. Gostava também de caçar e muitas vêzes o via de espingarda e petrechos para distrair-se em caçadas nos Pireneus.

Pierre não era, pois, um pensionista comum, vulgar. Êle que podia ficar-se nas grandes cidades, frequentando salões e restaurantes de luxo, preferia vir para nossa pensão, passar dias no mar, ou dedicar-se à caça, tagarelando com papai, conversando conosco, fraternalmente. Uma sólida amizade o ligava a meu pai, pois ambos eram amantes da pesca e da caça, gostavam das aventuras nas montanhas e florestas, em contacto com a natureza.

Pierre foi recebido como devia ser. Ficou conosco durante uma semana. Mamãe lhe contou tôdas as nossas desditas. Êle então colocou à nossa disposição sua energia e sua inteligência de homem afeito à vida. Enfrentou os credores, defendeu-nos perante advogados contrários, forneceu-nos numerários indispensáveis para afugentar oficiais de justiça e nos livrou de concorrentes quase sempre pouco honestos. Quando Pierre partiu, os ventos que sopravam já nos pareciam de inteiro otimismo. Êle tornou a voltar à pensão e, tôdas as vêzes que o fazia, nossas esperanças, nossa confiança no futuro eram maiores. Êle nos dava conselhos, orientação, tudo conforme sua experiência e habilidade de homem de negócios.



Os meses passaram. Eu cresci. Meus cabelos que eram até há pouco encaracolados, desciam agora pelos meus ombros. Quando me olhava ao espêlho, sentia que a mulher surgia em mim em tôda a sua plenitude. Contudo não era coquete e não costumava frequentar os meios sociais de minha classe — a classe dos pescadores — entre barcos à beira-mar. Até achava fútil tôda aquela gente.

— Pascale, você já está uma jovem muito crescida — disse-me Pierre um dia. — Gostaria de acompanhar-me à pesca, amanhã?

Confesso que corei de prazer e senti grande entusiasmo.

Pierre havia voltado novamente à nossa pensão e estava preparado para ir à pesca em alto-mar, onde devia passar todo um dia.

Eu não sabia que o sol ao levantar-se no oceano fôsse tão belo. Nosso barco lá seguiu sôbre as ondas, o motor a roncar docemente, num ambiente de paz daquela manhã memorável. Pierre firme na cana do leme.

Enquanto iamos singrando as vagas mansas de um mar calmo, êle ia-me contando suas aventuras, como lançar as linhas, evitar os bancos de areia, aproveitar os ventos quando deixamos o motor e usamos as velas. Só regressamos à tardinha. Eu estava ao leme. Um pouco de vento soprava da costa. Pierre veio sentar-se ao meu lado. A luz vermelha do crepúsculo lhe dourava o rosto. Passou-me o braço pelas costas e puxou-me para si.

Ficamos assim uns instantes, silenciosos.

— Minha querida — disse êle. — Êste é o dia mais belo de tôda a minha vida.

Meu coração batia apressadamente e eu reclinei minha cabeça sôbre seu ombro.

— Gosto da caricia de seus cabelos — murmurou. — E' como um sonho que vem visitar-me em minha solidão. Minha querida pescadora, você se sente feliz?

Lancei os meus braços em tôrno de seu pescoço e o apertei contra mim. Então, muito baixinho, eu lhe disse: — Pierre, até hoje nenhum rapaz, ninguém obteve minhas caricias; mas eu desejei que êste momento não me fugisse. Creio que o amo, Pierre...

Mas, ao dizer isto, senti uma espécie de arrependimento e procurei corrigir:

— Que fiz eu? Agi mal? Ofendi-o?

— Não, tolinha... Nada de mal fêz.

Apertou-me contra seu corpo, abraçando-me docemente, longamente. O vento crescia e as ondas aumentavam de fôrça batendo contra nossa barco.

Pierre assumiu a direção do pesqueiro e o dirigiu dentro da noite que nos envolvia. Eu me conservei unida ao seu corpo, dominada inteiramente por aquêle homem que estava exercendo em mim o mais inesperado fascinio.

Pierre partiu para Bordeus no dia seguinte, mas me prometeu voltar a ver-me no Natal. Pediu-me que não lhe escrevesse, mas tôdas as semanas eu recebia uma carta sua. Tinha eu apenas dezessete anos e me achava entregue à mais louca das alegrias.

Chegara o Natal. Mamãe saira para assistir à missa do galo com algumas amigas, não devendo voltar senão lá para as três horas da madrugada. Eu ficara sòzinha em casa, velando por tudo e sonhando com o meu futuro.

De momento ouvi baterem à porta.

Temerosa de abrir sem antes saber quem batia, perguntei:

— Quem é?

— Abre, Pascale! Não deixes à neve o pobre Papai Noel!

— Pierre!...

Era êle. Vinha carregado de presentes. Logo que se desfez de tanto pacote e embrulho, caimos nos braços um do outro.

— Como está linda minha pescadora! Ainda se lembra de nosso passeio?

Mas, antes de receber minha resposta, Pierre sentou-se num divã da sala de jantar, e, acomodando-se disse:

— Como são fatigantes estas viagens!

Sorrimos. Fui sentar-me junto a êle e o afaguei docemente. Sòmente então pude falar.

— Não, Pierre. Não esqueci nosso passeio.

Tomou-me em seus braços. Mergulhei meu rosto em seu ombro e me senti transbordante de alegria. Nossos lábios se misturaram em beijos ardentes, apaixonados, longos...

Quando mamãe chegou com suas amigas, já eu estava a sós e inundada de alegria. Eu me julgava feliz.

(Cont. na pág. 48)

NOVELA DE **N. PIERRE** ★ TRADUÇÃO DE **RENATO DE ALENCAR**



1 Na casa do desenhista Douglas, sua senhora, Jane (Cirene Tostes), está à espera da filhinha Lyne, que chega da escola. Aparecendo a garota tôda suja, por ter brigado na rua, a mãe despede-a para o quarto a fim de trocar de roupa. Recebe, em seguida, a visita da tia Martha (Belmira de Almeida) e do primo Frank (Jardel Jercolis Filho). Do atelier descem o desenhista Douglas (Rodolfo Arena) e sua modêlo Vivian (Márcia Real). A todos Frank anuncia a próxima chegada da prima Evelyn, que, a convite de Jane, passará uma temporada naquela casa. E' com surprêsa, pois, que todos vêem chegar Evelyn (Bibi Ferreira), que é recebida em meio a demonstrações de afeto e carinho

HIPÓCRITA

(Quest in the House)

Três atos de DALE GUSMAN e HAGER WILDE

Tradução de BIBI FERREIRA

Fotos de CARLOS VIEIRA



2 Evelyn é uma moça de 23 anos, doente de coração e que vivia com o velho pai, em pouca harmonia. Os médicos recomendaram-lhe mudança de ambiente e por isso aceitou o convite da prima. Criatura gracil, extremamente sensível e nervosa, deixa transparecer o seu estado nos gestos, nas palavras e nas reações psíquicas a que está sujeita. Demonstra gôsto pela música e em especial modo pela sonata "Rêve d'amour", que passa a escutar seguidamente na vitrola portátil que acabou de ganhar. Debruçando-se à janela, que fica sessenta metros sôbre o mar, quase tem um desmaio, fortemente empressionada pela altura. Com verdadeiro pavor olha para um passarinho que a pequena Lyne lhe apresenta numa gaiola.



3 Aos poucos o ambiente alegre da casa vai sendo substituído por uma atmosfera de desconfiança, de incompreensão e de ciúmes. Tudo é provocado pela influência maléfica do espírito doentio de Evelyn, a qual, com sua maneira esquisita de encarar a vida, com sua mania de perseguição, traz o desassossêgo naquela família. Ela assiste no atelier ao trabalho do primo Douglas, que está pintando uma série de desenhos encomendados por um editor, de moças pouco vestidas. Como vê na casa a presença constante da modêlo em trajes sumários, escandaliza-se e começa a insinuar desconfianças nos parentes. Isso provoca revolta em Vivian, a bela modêlo, que asperamente a repreende pela sua malícia.



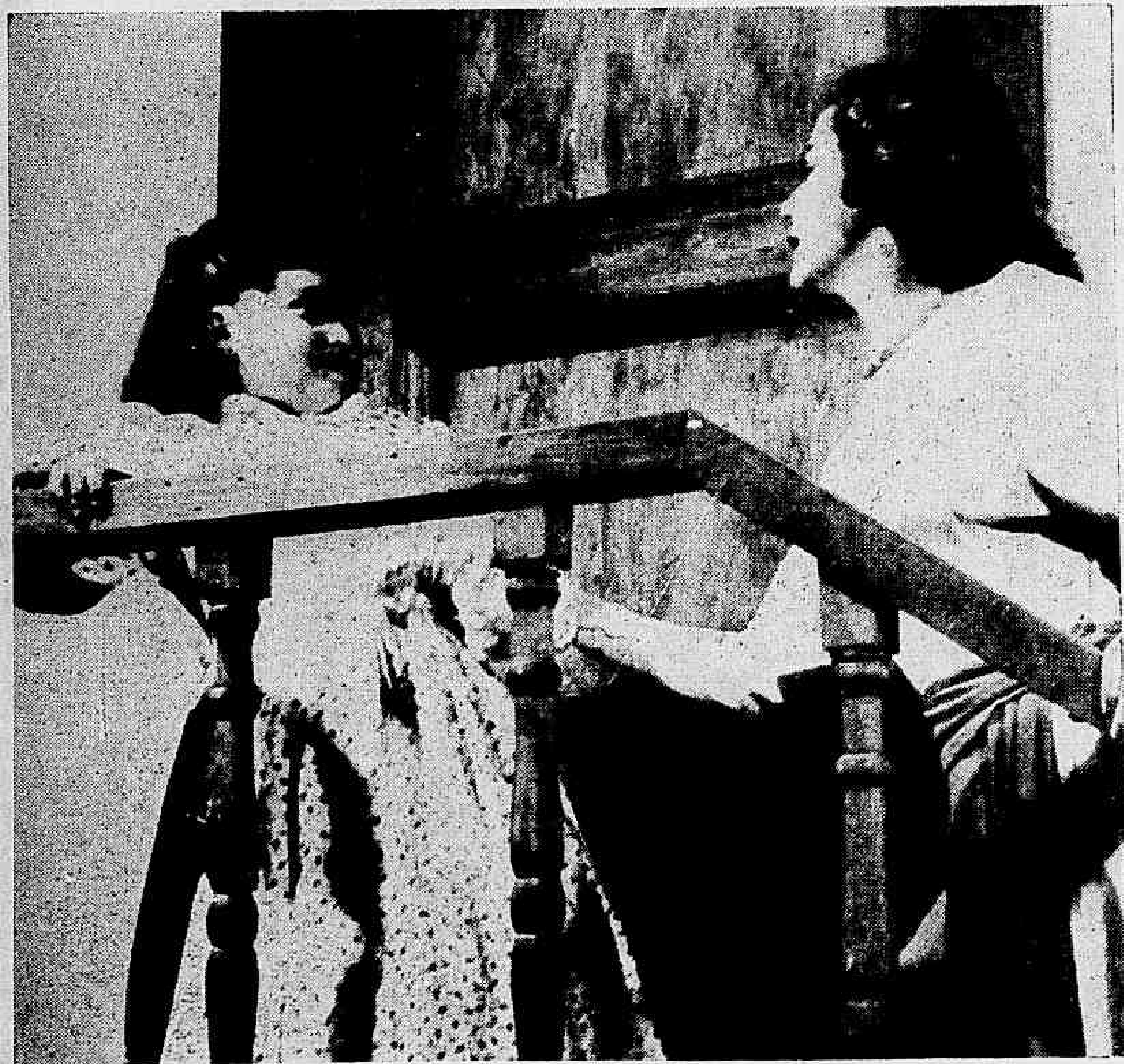


5 Passaram-se quatro meses. A situação foi piorando, trazendo como consequência, além das preocupações de ordem moral, também as de ordem financeira. Sim, porque Douglas deixou de produzir como antes. O editor devolveu os últimos desenhos. Êle agora passa o tempo a beber e a atender os contínuos chamados de Evelyn que a todos importuna com seus caprichos e que conseguiu captar a confiança de Douglas e da pequena Lyne. Um dia em que a empregada Hilda (Laís Dias) está atarefada preparando o jantar que a dona da casa dará ao ex-patrão, Evelyn chama insistentemente apenas para encher a jarra de água. Hilda, já saturada de trabalho extra e de maus tratos, despede-se do emprêgo.



4 Esta situação de intriga termina por alertar a própria Jane, que é cinicamente avisada por Evelyn da suposta má influência das atitudes, do exemplo e da presença de Vivian. Jane retruca que nunca teve motivos de queixas da modêlo, e que sempre foi considerada e respeitada na sua dignidade de dona de casa. Evelyn, apesar de "não querer se meter no que não lhe diz respeito", insinua, com maldade e eficiência, a suspeita na alma simples de Jane. E' impossível que Douglas e a modêlo, ficando tanto tempo juntos no atelier, e ainda por cima Vivian quase sempre em "déshabillé", não tenham nada mais em comum. Com isso está lançada a semente da discórdia. Não haverá mais paz.

6 A saída da empregada Hilda descontrola Jane, que recebe a visita de Mr. Dow (Luis Cataldo) e sua senhora (Aída Ferreira), dono da emprêsa onde era empregada e onde quer voltar a trabalhar para auxiliar nas despesas da casa. Mas parece que tudo lhe sai ao contrário. Além de não poder contar mais com a empregada justamente naquela hora crítica, o marido Douglas aparece bêbado, impressionando desagradavelmente as visitas. Porta-se de maneira inconveniente e derrama "wiskey" no traje de gala de Mr. Dow. Enquanto isso, Evelyn continua a sua farsa, fingindo humildade perante as visitas, contando seu triste destino e aproveitando a cerdulidade de Douglas para conseguir o que deseja.





7 A pequena Lyne é tão impressionada pelas atitudes de Evelyn que passa a imitá-la em tudo. Já não é mais alegre como antes, agora vive inventando doenças, cansaço e falta de ar. Visita constantemente Evelyn e deixa-se enlevar na escuta do "Rêve d'amour". Êstes fatos desagradam Jane e, uma vez que Lyne passa a desobedecê-la e a responder-lhe em maus modos, abala-se com a estranha influência exercida pela prima na filha; de acôrdo com a tia Martha, decide afastar temporariamente Evelyn que irá morar com ela. Evelyn recusa-se a deixar a casa e insinua que a medida é sugerida pelo ciúme de Jane que aos poucos está perdendo o marido enquanto êle mais se aproxima da prima.

8 Em seguida refugia-se nos braços de Douglas que, não estando a par do acontecido, lhe dá razão. Jane, irritada, deixa a casa e acompanha a tia. Disso aproveita-se Evelyn para seduzir Douglas que, compreendendo a falsidade da prima e vendo que foi logrado por ela, lhe intima a sair imediatamente de casa. Evelyn nega-se e fecha-se no quarto. Jane volta com a notícia de que o pai de Evelyn morreu há mais de quinze dias. A situação entre ambos explica-se. Evelyn não poderá deixar a casa em hora tão avançada da noite. Mas é isso o que ela quer fazer para ir até o reverendo dr. Shaw e criar um escândalo. Douglas e Jane, para evitá-lo, dormem na sala. Evelyn, aproveitando o sono dêles, sai.





9 Na manhã seguinte chegam dois repórteres. Douglas deixa-os trabalhar à vontade. Aparece Vivian, aborrecidíssima e querendo explicações. Ela também foi visitada pela reportagem que está à procura de provas para um escândalo forjado por Evelyn. Douglas corre até o quarto desta e verifica que de fato fugiu. Surge a tia Martha para confirmar tudo e dizer mais que o caso é de domínio público pois o reverendo o abordou no púlpito. Douglas é acusado de conquistar as modelos e de manter na casa um ambiente de amoralidade. A repórter sai do quarto de Evelyn escondendo alguma coisa na bolsa. E' surpreendida e Douglas arranca-lhe o diário que Evelyn escrevia, o qual posteriormente seria de utilidade para Douglas.

10 Chegam o reverendo dr. Shaw e Evelyn. O reverendo pede explicações para o que lhe foi contado. Mas Douglas está senhor da situação, pois na posse do diário de Evelyn veio a conhecer tôdas as confissões que a moça teve o cuidado de registrar sôbre as suas intrigas. Evelyn vê-se descoberta e tenta arrebatar o livro. Douglas não cede, pelo contrário exige ampla retratação por parte da prima, pois de outra forma fará publicar o diário. Evelyn pede aos jornalistas para não levar adiante a reportagem e na frente do reverendo reconhece suas faltas. Douglas, por via das dúvidas, esconde o diário no cofre de parede atrás do quadro na escada. Talvez venha a precisar dêle.





11 Após uma longa viagem, Frank volta. Êle, que já gostava de Evelyn, agora está mais enamorado do que nunca. Os parentes não lhe contam o que aconteceu na sua ausência e êle pede Evelyn em casamento. Esta aceita e, com um pretêxto qualquer, faz-lhe abrir o cofre e restituir o diário. A notícia do casamento espanta todo o resto da família. Frank sai e Douglas exige que Evelyn o deixe em paz. Ela ri e diz que agora ninguém mais poderá nada contra ela. Douglas vai buscar o diário; verificando que foi surripiado enfurece-se e corre atrás de Frank para convencê-lo a não dar aquêle passo em falso. Não conhece o espírito perverso de Evelyn e deve ficar a par das situações por ela criadas. Evelyn está radiante com a sua vitória...

12 A pequena Lyne, na inocência do seu mundo infantil, pede para soltar o passarinho no jardim e volta trazendo a gaiola vazia que deixa em cima de uma cadeira. Evelyn, que preparara tôda a sua bagagem, apronta-se para sair de casa após haver magoado a tia Martha com suas frases cortantes. Nisso vê a gaiola aberta e vazia. O pavor que sempre sentiu pelos pássaros aumenta ao imaginar que há um sôlto em casa. A tia Martha aproveita a circunstância para vingar-se, insinuando a presença da ave em todos os lugares onde Evelyn quer refugiar-se. Até que esta sobe na janela, escondida pela cortina, e alucinada agarra-se na mesma, perde o equilíbrio e despenca-se da janela. E' o fim da "hipócrita".

DOMINEMOS NOSSOS IMPULSOS

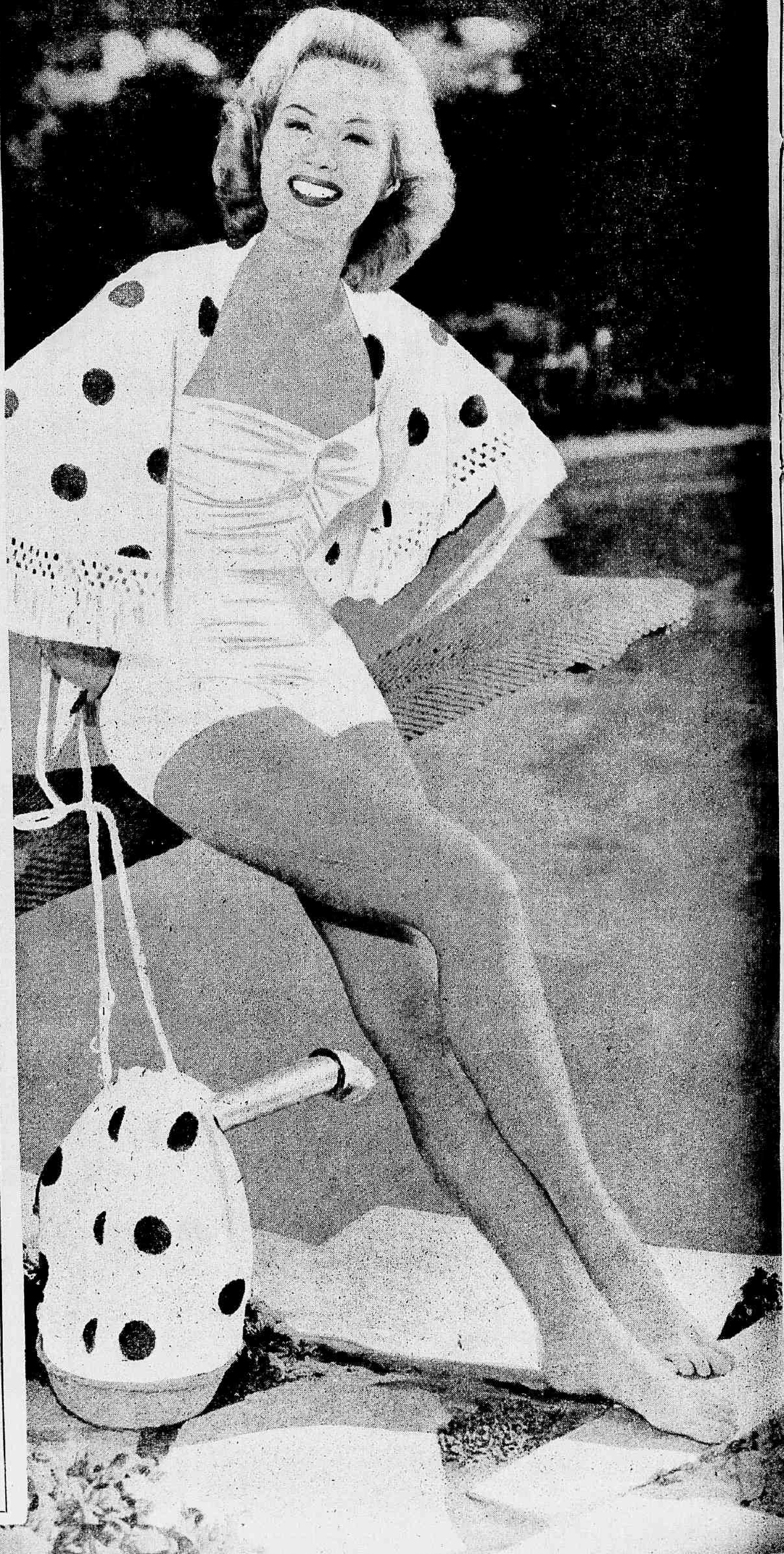
A emoção pode fazer acelerar as batidas do nosso coração, aumentar a pressão do sangue e provocar tensão muscular. Um grande desgôsto pode provocar perturbações estomacais e um grande susto pode até provocar desmaios.

Expressões tais como "isto me enlouquece", "aquilo me põe doente", "você me fatiga", etc., indicam que as pessoas, desde há muito, já perceberam que a emoção as conduzem a sintomas físicos. No entanto, tais expressões raramente revelam a verdade. Não são os outros que nos cansam e fazem adoecer, mas as nossas próprias reações emotivas. Nossa maneira de pensar é de grande importância. Se nos detemos a meditar sôbre a injustiça, a infelicidade de uma situação, ou nas consequências desastrosas que podem resultar dela, se produzirá, sem dúvida alguma, uma intensa agitação emotiva. Porém se limitarmos o nosso pensamento ao que deverá ser feito em tal situação, é provável que a emoção não se torne excessiva.

Existem outras pessoas que se sentem sempre ameaçadas de qualquer coisa; elas mesmas não saberiam explicar bem o motivo exato da ameaça; apenas sentem que alguma coisa lhes pode acontecer e dizem com frequência: "Espero que nada aconteça". Se, ao invés disso, se preparassem para qualquer situação; se por exemplo dissessem "aconteça o que acontecer, saberei enfrentar", sofreriam muito menos e viveriam com maior tranquilidade, pois da sua decisão de luta viria a segurança necessária a todos os que querem viver bem.

E' claro que não pode ser feliz uma criatura que vê ameaças e fantasmas em cada canto; uma criatura que está sempre "prevendo" coisas más e "adivinhando" desgraças e tragédias. Naturalmente, tal criatura estará sempre amargurada, sempre pessimista e sempre predisposta à tragédia e à desgraça. Não há razão para nos aborrecermos com antecedência por motivos que muitas das vêzes só existem na nossa imaginação. Supor que tal infelicidade nos poderia acontecer, ou que poderíamos também ser vítimas de situações aflitivas, só serve para perturbar o nosso estado mental e físico.

O que deveríamos fazer era dominar as nossas emoções e os nossos impulsos; guardar as nossas reações para quando fôssem realmente necessárias; deveríamos também aprender a descansar. Quando nos levantamos e quando nos deitamos são momentos oportunos. Basta fechar os olhos e não pensar em coisa alguma. Relaxar os músculos e não ver nada, não pensar em nada. Isto fará bem, pois o descanso mental é, muitas vêzes, muito mais necessário do que o próprio sono. E não antecipemos as nossas emoções, as nossas dores. — **O. B.**



Na foto, **Virginia Mayo, da Warner Bros.**







PARA A PRAIA

ATUALMENTE os grandes costureiros de Paris não se preocupam somente em lançar os modelos "habillés" que somente algumas privilegiadas podem usar, mas também modelinhos simples e encantadores que podem ser usados por qualquer pessoa de gôsto, e ainda "maillots" e trajes para a praia, os quais também são facilmente copiados. As sugestões aqui apresentadas são uma prova disso. Os modelos para a praia, quer se trate de "maillots", "shorts" ou vestidos, são simples e encantadores e por certo serão vistos em breve em tôdas as nossas praias.





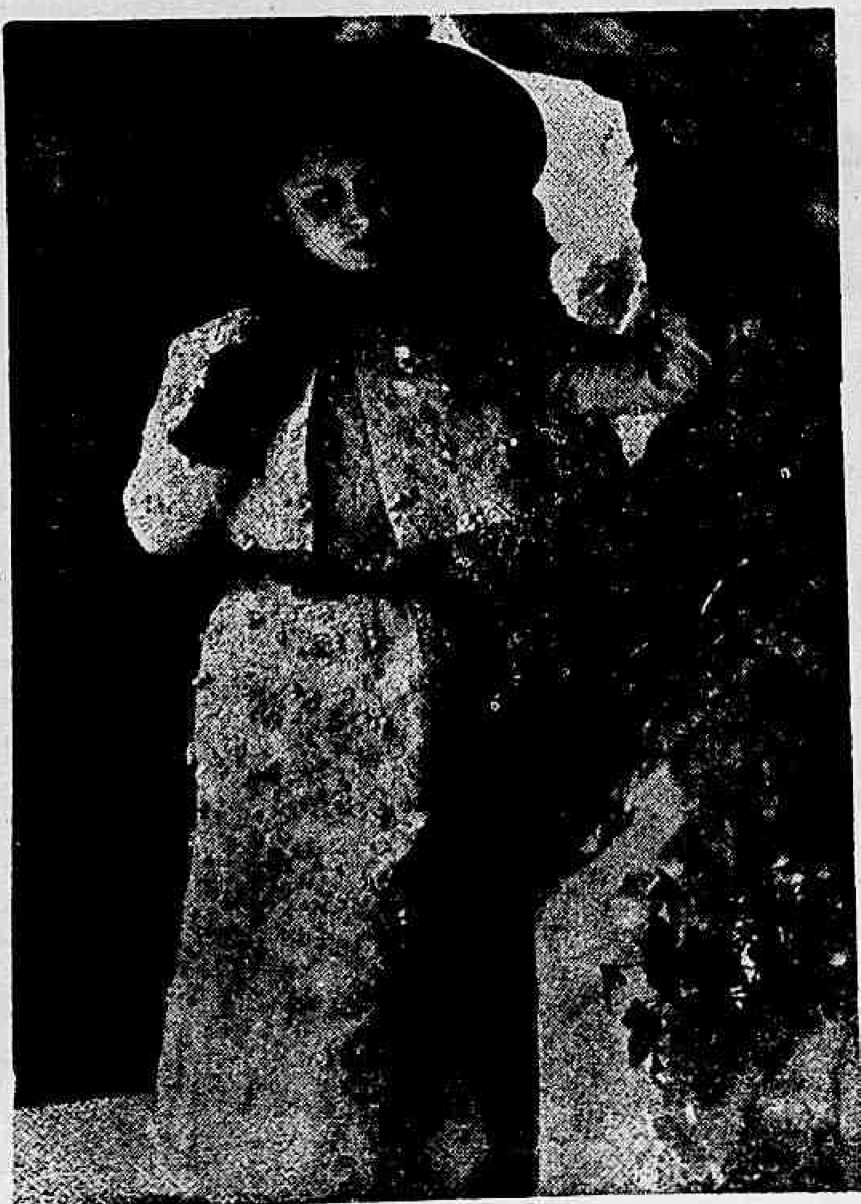


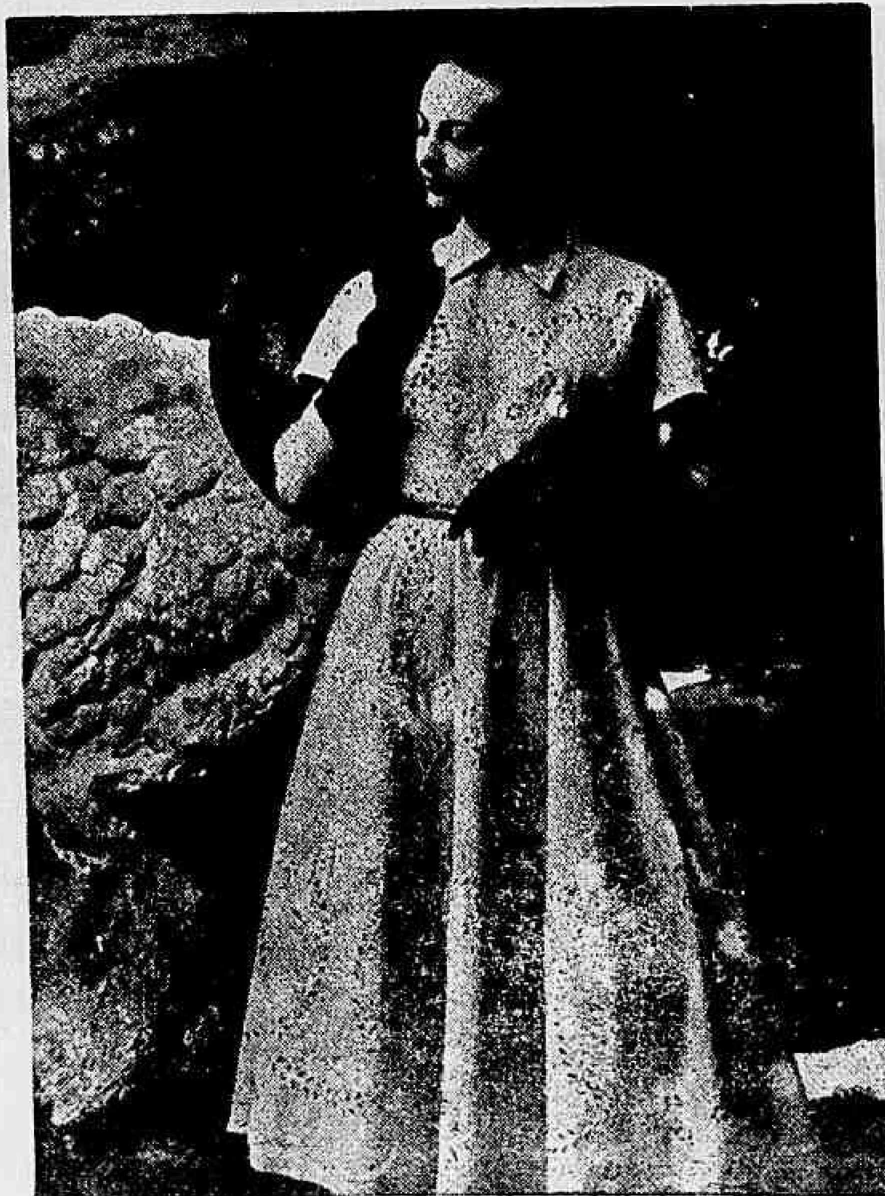




VESTIDOS BORDADOS

OS vestidos bordados, que tanto sucesso fizeram no verão passado, voltarão ainda a ser usados nesta nova temporada. Em linho ou mesmo em **sêda, alguns são** ricamente bordados, outros trazem um detalhe como, por exemplo, um bolero, outros ainda um ligeiro bordado sôbre o busto. Balenciaga lançou **um modêlo em organdi** branco com bordado inglês e todo guarnecido de pequenos "pom-pons". Marcelle Chaumon escolheu o lindo rosa para um modêlo embelezado por original trabalho de "jours". Jacques Heim apresenta um bolero branco com bordado inglês usado sôbre um vestido prêto. Christian Dior borda de ricos motivos em "soutache" um modêlo de pesada sêda beige, acompanhado de um bolero também bordado. Belíssimo é o bordado em linho de modêlo de Pierre Balmain, e de Agnes Drecoll é um modêlo em sêda com saia plissada e blusa bordada.







MESMO no verão, o prêto é o preferido para os modelos de depois das cinco. Realmente há nele uma elegância dificilmente superada por outro qualquer tom. O modêlo de Robert Piguet em pesado crepe verde, tem original drapeado na saia e na frente, sôbre o busto, cetim branco todo franzido e camélias. O modêlo é sem mangas. Cobrindo os ombros uma longa estola. Também sem ombros é o modêlo de Jacques Fath, com saia dupla em tule. Ainda em sêda preta são os dois modelos aqui apresentados, um guarnecido de renda branca e o outro com original avental em tafetá quadriculado prêto e branco.



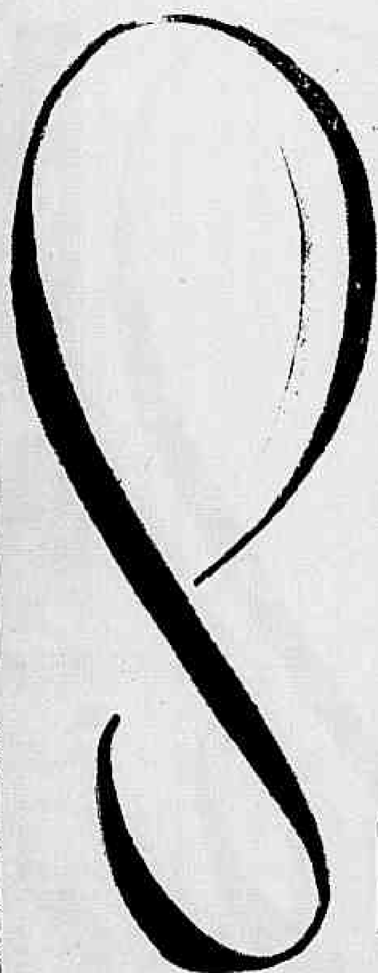




HORA DO "COCK-TAIL"





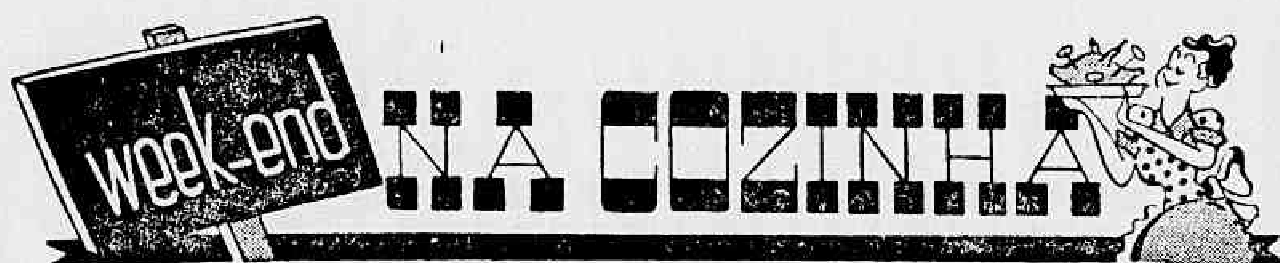


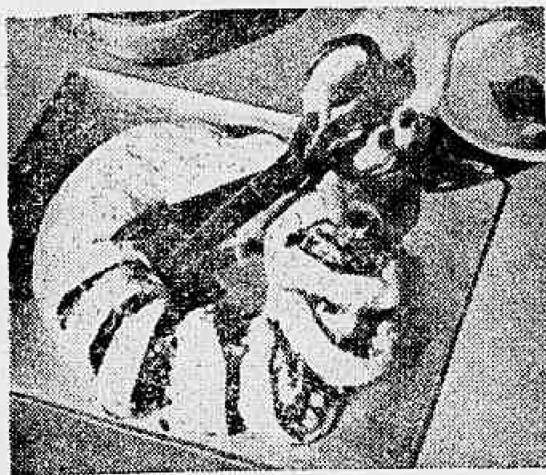
SIMPLICIDADE

Os modelos destas páginas para o verão que se inicia, são encontrados pela sua simplicidade. O primeiro, de Alex Maguy, é em seda preta com pastilhas brancas, com viez branco na gola à maruja e na saia. O segundo, de Jacques Heim, é formado por uma saia de seda branca tôda plissada e uma jaqueta azul marinho com viez branco. O terceiro, de Jean Patou, é feito em gabardine, com recortes e botões. O quarto e o quinto, são de Jacques Fath; o primeiro com parte plissada na frente e reversos em tom contrastante e o segundo em linho, com grande gola e pespontos.









GUANDO COM OVOS

Tome 1 kg. de guandos freccos, descascados e cozinhe em bastante água. Escorra, deite em um bom refogado, leve ao fogo para tomar gôsto; abra 12 poços e quebre 1 ovo em cada um. Tape a frigideira e leve a cozinhar. Tire os ovos com os guandos, por meio de uma escumadeira e arrume num prato. E' preferível fazer em duas frigideiras.

★

FRITADA DE BACALHAU DO NORTE

Ponha de môlho 300 gs. de bacalhau. Faça um refogado com 2 colheres de azeite ou banha, cebola, cheiro, 3 pimentas, 1 galho de coentro. Junte o bacalhau desfiado, deixe refogar e molhe com 3 xícaras de leite. Deixe cozinhar um pouco, adicione 250 gs. de batata cozidas e amassadas, 3 gemas e mexa até engrossar; despeje num prato próprio, cubra com 3 ovos batidos e leve a tostar no forno.

★

COUVE-FLOR COM MÔLHO CREME

Tome uma bonita couve-flor, lave em água fria, depois polvilhe de farinha e leve a cozinhar em água quente e sal, mas não deixe cozinhar demais, para que não se desfaça. Destaque os ramos e arrume num prato como um grande bouquet. Na hora de servir, cubra com o môlho abaixo.

★

MÔLHO CREME

Leve ao fogo uma colher de manteiga e outra de farinha; toste um pouco, molhe com 3 xícaras de leite, leve ao fogo para cozinhar, ligue com 2 gemas e tempere com sal.

★

SOUFLÉ DE SALMÃO

Abra 1 lata de salmão, escorra, tire as peles e as arestas. Faça um môlho branco com 1 colher de manteiga, ½ cebola ralada, 2 de farinha e 3 xícaras de leite, junte 1 colher de ketchup, o salmão aos pedacinhos e 6 claras em neve. Deite em forminhas de porcelana, polvilhe de queijo e leve a assar no forno. Pode também fazer numa fôrma grande untada.

★

BOLINHAS DE BATATA

Cozinhe em água e sal ½ kg. de batatas descascadas. Passe pelo passador, deixe esfriar e amasse com 150 gs. de farinha, 1 ovo e 1 gema. Enrole como cobrinhas de um dedo de grossura e corte em toros de 2 cms.. Faça bolinhas como avelãs, passe em ovos, pó de pão e frite.

★

SALADA DE CHICÓREA E TOMATE

Tome a parte branca de alguns pés de chicórea e 3 tomates grandes sem as sementes, em fatias. Coloque os tomates no centro e a chicórea ao redor, como uma flor. Regue tudo com 2 colheres de azeite, 2 de vinagre branco, sal e pimenta.

★

PUDIM DE BISCOITOS

Esmigalhe numa caçarola 350 gs. de biscoitos palito. Regue com ½ litro de leite a ferver. Junte 200 grs. de açúcar e leve ao fogo, sempre mexendo para ligar. Depois retire do fogo e incorpore 100 grs. de manteiga, 4 gemas, 100 grs. de frutas sêcas picadinhas, 1 punhado de passas sem caroços e que tenha estado de mô-

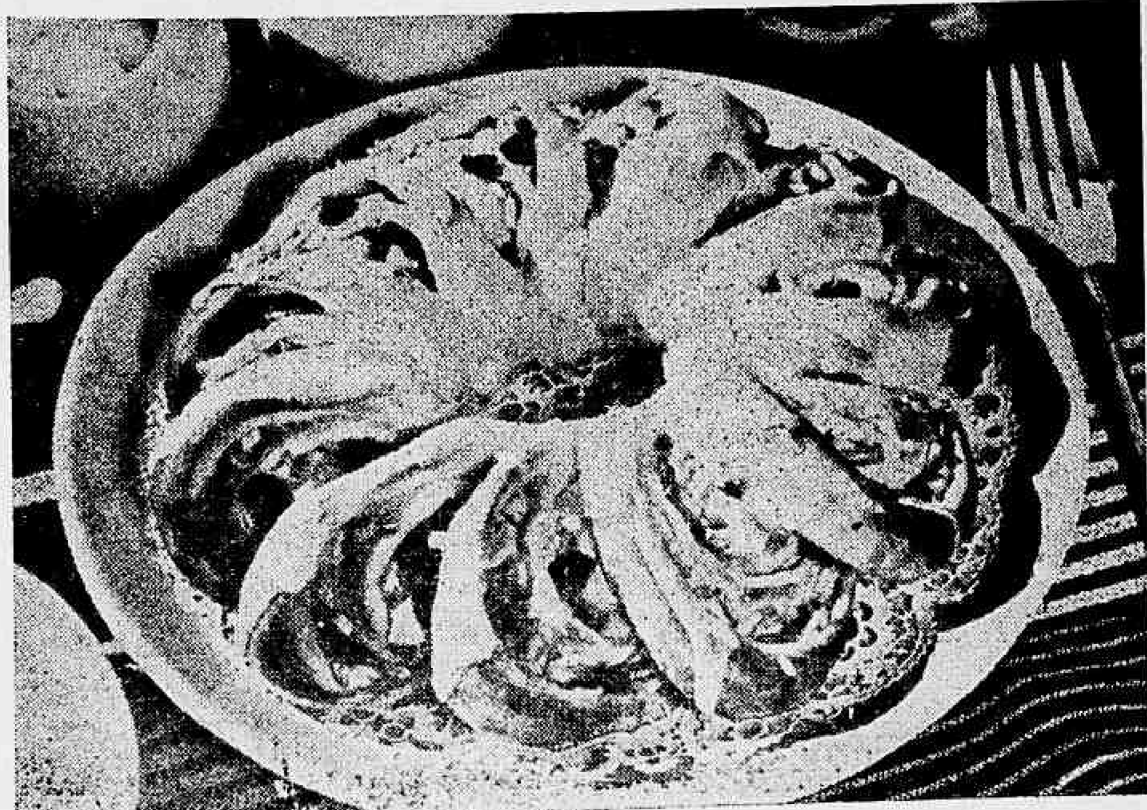


lho em 1 cálice de kirsch ou aguardente. Misture tudo, acrescente 4 claras em neve, despeje em fôrma untada de manteiga e leve a assar no fôrno. Sirva simples ou com o môlho abaixo.

★

MÔLHO DE DAMASCO

Ponha de môlho 50 grs. de damascos secos, depois cozinhe e passe na peneira. Faça uma calda com 1 xícara de açucar, junte os damascos e leve ao fogo para que fique como um creme ralo.



Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA



...e terá uma linda lata para mantimentos

COMPANHIA CARIOCA INDUSTRIAL
Rua 1.° de Março N.° 6 — 10.° andar — Tel. 23-2010

A SAÚDE DO BEBÊ

PRÁTICA NO ALACTAMENTO NATURAL

DR. SABOIA RIBEIRO

CRIADA ao seio, se o leite é farto, e o horário das mamadas respeitado, até fazer seis meses, de outro alimento não precisa a criança, salvo o que se relaciona com a introdução, no regime, das vitaminas, ao fim do primeiro trimestre.

Como saber se o leite é farto? O simples aumento de pêso da criança responde indiretamente a isso. A consulta à tabela esclarecerá cada caso.

Em caso de dúvida, como temos recomendado, o processo da pesagem do bebê, antes e depois da mamada, deixará ver a quantidade de leite deglutido.

Para isso parta-se dos seguintes dados: a criança precisa, nos três primeiros meses, 150 grs. de leite por quilo de seu pêso; do quarto ao sexto mês, 140 grs.

Vejamos um exemplo: Uma criança acha-se no fim do quarto mês e pesa 5.000 grs.; pela tabela deverá pesar 6.000 grs. aproximadamente. Deverá então mamar (quantidade de um dia) 6x150=900 grs. Como, nessa idade, a criança deve mamar seis vêzes (7, 10, 13, 16, 19 e 22 horas, por exemplo) segue-se que em média deverá mamar 150 grs.

A quantidade de leite, sendo esta, e a criança estando com o pêso evidentemente baixo (no fim do quarto mês a criança deve pesar perto de 6.000 grs., não 5.000), a conclusão a tirar é que o defeito não está no leite mas na própria criança (males orgânicos, diáteses, etc.).

Aliás, convém não fazer uma só pesada, porém três em diferentes mamadas, tirando uma média, pois a criança pode mamar menos numa ou outra mamada.

Infelizmente muitas mães fazem o desmame da criança devido a observarem êsse ou aquêle aspecto das dejeções da criança e concluírem mal, com o que resolvem suspender o alactamento ao seio.

A verdade, porém, é que o aspecto das dejeções não significa, por si só, tudo. De um modo geral, salvo a presença de, puz, muco e sangue, característicos de uma infecção, ou sua dureza exagerada obrigando a grande esfôrço na defecção, as fezes, conquanto pastosas, podem assumir diversas modificações dentro da normalidade.

Suspender, portanto, o peito diante de uma observação muita vez imperfeita, importa em grave êrro. Ao contrário, sustentar a criação do petiz ao seio é sempre esfôrço meritório das mães, e sobretudo, dentro do primeiro semestre.

Quanto ao leite escasso, referimos anteriormente que estudos bem conduzidos já demonstraram que 95 por cento das mães possuem suficiente secreção láctea, ao menos, para criar o filhinho até o terceiro mês e máxime, naturalmente, aquelas bem alimentadas.

Não é, portanto, sem uma forte convicção que a mulher deverá deixar de amamentar o filhinho, simplesmente por desconfiar que o seu leite é *pouco* ou *não presta*.

Na prática diária, as evacuações mudam de aspecto, de criança para criança. A evacuação consistente, pastosa, amarela, côr de ouro, sem catarro, emitida uma a duas vêzes em 24 horas, na verdade existe mais, sòmente nos compêndios de pediatria.

Por isso mesmo, um grande especialista aconselhava às mães:

"Quero dar-te um conselho: Se quiseres garantir a tua tranquilidade e economizar muito dinheiro, gasto com o médico, joga as fraldas fora, sem olhá-las; pesa o teu filhinho, de 5 em 5 dias; se êle aumentar de pêso normalmente, se êle conservar o seu bom-humor, dormir bem, não tiver febre, continua a jogar as fraldas fora. Se a evacuação é feia, o teu filhinho é bonito, deixa a fralda sossegada e olha para êle" (Chiaffarelli).

A evacuação *feia*, quando o leite é o materno, às mais das vêzes, deve ser atribuido a certas particularidades da criancinha; mudar de nutriz não resolve, pois a criança continuará a evacuar do mesmo jeito.

Nesses casos, ou a criança é um exsudativo (muitas vêzes reconhecivel pela predisposição aos resfriados) ou um neuropata.

Existe, é certo, a chamada *diarréia de fome*, quando o leite materno é pouco; porém aqui chama logo a atenção o atraso de pêso da criança e pesada esta, antes e depois das mamadas, verifica-se que a criança não totaliza as quantidades necessárias diárias.

Quando não há suspeitar de fome nem de uma infecção (e desta um elemento constante é, sempre, a temperatura alterada) a diarréia poderá ser medicada, dando, após o seio, ½ colher de chá de um coseinato de cálcio (como o Caseon Raul Leite), em um cálice de água Prata. Se há suspeita de fome, então há fazer:

300 grs. de água — 3 colheres de chá de creme de arroz — Ferver 5 minutos e juntar 6 colheres de chá de leitelho. Guardar no gêlo e dar, após cada mamada, 50 grs., juntando 1 colher de chá de um açúcar não fermentescivel (tipo Soxhlet), às colherinhas.

Se o que se verifica é, ao contrário, a prisão de ventre, nada de precipitação. Em primeiro lugar pode tratar-se de uma "falsa prisão de ventre", por escassez de leite ("quem não come não obra"). Também pode ser que o leite seja muito "gordo" (muita gordura e pouco açúcar).

Em qualquer dos casos, nada de purgativos nem lavagens. Se a prisão de ventre pode ser atribuida ao leite muito gordo (e aqui a criança antes excede o pêso normal para sua idade), bastará, entre as mamadas, um pouco d'água bem açucarada, ou algum suco de laranja, lima ou uva (50 - 200 grs.), com bastante açúcar, duas ou três vêzes ao dia.

Se atribuivel ao leite materno escasso, dar-se-á:

300 grs. água — 3 colheres de chá de farinha de aveia. — Ferver 5 minutos e juntar 6 colheres de leitelho.

Guardar no gêlo e dar após o peito 50 grs. com 1 colher de chá de extrato de malte, às colherinhas (as quantidades podem subir a 60 - 70 e por fim 150 grs.).



advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

CORREIO DA REVISTA

V. C. C. (Rio) — Não foi aprovado o seu "Rapsódia da Alvorada".

R. S. F. (Rio) — Seu conto "O Rio" também não póde ser aproveitado.

Anny (R. G. do Sul) — O mesmo com o seu "Assim era ela".

Graça Coelho (Catanduvas, S. Paulo) — Não foi possivel aprovar o seu conto "Afinal, meu amor chegou".

A. B. M. (Rio) — "O circo chegou" não deu resultado.

Lysa Castro (Rio) — Permite-nos mudar para o Brasil o ambiente em que se passa o seu "Estranho caso de amor"? Só assim poderá ser publicado.

F. F. (Rio) — Não foi aprovado o seu "O rochedo do sonho".

A. F. B. (Antonina, Paraná) — Não foi possivel aproveitar o seu "Iracema". Logo no começo escreve o amigo: "A locomotiva corria impetuosa carregando em seu bôjo uma grande série de vagões". Que espécie de locomotiva era essa? Mais parece canguru. Cuidado com o sentido das palavras, amigo!

Luclila de Figueiredo (Niterói) — Ótimo o seu conto; mas pedimos permissão para mudar-lhe o titulo para "Carnaval que não findou". Sairá como novela. Continue a mandar seus trabalhos e receba nossas felicitações.

Belinda (B. Horizonte) — "Mariazinha, a louca do cais", ainda não foi julgado, o que será feito por êstes dias. Quanto ao "Casamento Singular", não está conosco. E' possivel que se tenha extraviado. E muito agradecido pelos cumprimentos.

MÚSICA

DESPEDIDA DE SERGE KOUSSEVITSKY

O CONCURSO DA JUVENTUDE ★ NOVAS INICIATIVAS DO MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO

Roberto Lyra Filho

DESPEDINDO-SE do público carioca, Serge Koussevitsky apresentou um programa especial destinado ao quadro social da Orquestra Sinfônica Brasileira.

Incluiu, neste concerto, a primeira sinfonia de Beethoven e a quarta de Tchaikovski. A primeira constituira grande sucesso quando interpretada pelo mesmo regente, durante a série extraordinária que antecedeu o concerto especial para os sócios, um sucesso, aliás renovado, nessa repetição.

Na partitura, ainda de acentuado sabor clássico, já se nota a vibração romântica que quebraria os moldes antigos, na expansão incoercível do temperamento e da sensibilidade. Sob a forma que revela afinidades com velhos modelos, Beethoven infiltrara a sua poderosa personalidade.

Sob a regência de Koussevitsky, a orquestra atingiu uma limpidez e uma precisão admiráveis, valorizando, na execução harmoniosa, todos os elementos expressivos da sinfonia.

A segunda parte do programa foi reservada para Tchaikovski, cuja quarta sinfonia surgiu numa versão eloquente. O vigor dramático do primeiro movimento, a doçura evocativa do segundo, a vivacidade do terceiro, e a efusão com a qual culmina a obra, no quarto movimento receberam tratamento compreensivo e exteriorização vibrante.

Regendo, Kossevitsky se empenha, literalmente, de corpo e alma, na tarefa de extrair da orquestra disciplinada e bem articulada a tradução mais fiel e a expressão mais comunicativa das peças. O comando do maestro se transmite na mímica sugestiva, pela advertência do olhar, pelo apêlo das mãos, dos braços, até por murmúrios que brotam dos lábios dele, exigindo, numa ou noutra passagem, mais intensidade ou maior precisão do ritmo. E é preciso notar que essa mímica, pela fôrça da personalidade de Koussevitsky, galvaniza o conjunto, prende-o à orientação do mestre. De tal maneira a tarefa de reger absorve as energias de Koussevitsky que, terminada cada peça, êle está exausto, ofegante, rubro, porém vitorioso mais uma vez.

A unanimidade da crítica e o entusiasmo do público acrescentaram, em tributo ao talento de Koussevitsky, nessa breve temporada, um novo capítulo na história de sua consagração como artista, um capítulo brasileiro, glorioso como os precedentes.

Terminado o último concerto, no momento da despedida, a assistência, de pé, aplaudiu, com entusiasmo, numa manifestação espontânea ao regente que lhes proporcionara, generosamente, horas inesquecíveis de arte.

AINDA O CONCURSO DA JUVENTUDE

Já foi anunciado o resultado do julgamento das partituras apresentadas para o Concurso da Juventude, alcançando o êxito esperado a iniciativa do maestro Eleazar de Carvalho. O primeiro prêmio, conferido a Cláudio Santoro, pôs em destaque a Terceira Sinfonia dêste jovem compositor, que mereceu a atenção benevolente de Serge Kossevitsky, presidente da Comissão Julgadora.

Também a respeito do amparo que, através do processo de seleção do concurso da juventude, se pretendeu dar aos músicos nacionais merecedores de estímulo, Serge Koussevistsky falou com simpatia, lembrando que sua obra, nos Estados Unidos, como regente e à frente do Berkshire Music Center tem se orientado, precisamente, no mesmo sentido, isto é, procurando dar uma oportunidade aos novos valores. Seu prestígio internacional tem contribuido para facilitar o lançamento de artistas ainda desconhecidos ou pouco conhecidos.

E' com grande satisfação que registramos o sucesso do empreendimento do maestro Eleazar de Carvalho, inspirado nos apelos da REVISTA DA SEMANA, que deu seu patrocínio ao concurso.

A obra premiada será executada sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, que já assumiu a direção da OSB para a sua série anual de concertos.

O Concurso da Juventude, entretanto, não se inscreverá como uma realização isolada, pois continua a ser preocupação constante do maestro Eleazar de Carvalho, a divulgação da música brasileira e a criação de oportunidades para estudo e aperfeiçoamento dos nossos compositores.

C. V. C. (São Paulo) — O destino em "Praque" não foi aproveitado.

J. K. (Votorantim, S. Paulo) — O mesmo com o seu "História triste".

M. F. C. (Poços de Caldas) — "A aparição de João Luciano" está muito artificial, urdidura defeituosa. Veja se pode refundi-lo e evitar gongorismos poéticos e diálogos vulgares.

P. T. F. (S. Paulo) — "Na garoa do planalto" nem chegou a ser julgado, pois veio escrito em ambos os lados das laudas. Mande-nos outro escrito num só face do papel.

Nisio da Silva Pinto (Rio) — Aprovado o seu "O amor também se reparte".

Um Pseudo (Cristalina — Goiás) — Impossível aproveitar os seus contos. Falta ao "Realidade de um sonho" a necessária técnica literária e ao outro, a primeira lauda.

F. T. H. (Buricá — R G do Sul) — O seu conto "Algo mais virá" não foi possível aproveitar. Quando escrever não use aquêle sistema de separar letras em dois espaços.

G. Gastão Bussamara (Mairinque — São Paulo) — Aprovado o seu conto "Nena".

CORRESPONDÊNCIA AMISTOSA

Os nossos jovens leitores abaixo indicados, desejosos de manter correspondência amistosa e cultural com senhoritas brasileiras, pedem por nosso intermédio que nossas patrícias lhes escrevam para os nomes e endereços seguintes:

Henrique Lucas — Forte de Monsanto, 256, sala F. — Lisboa — Portugal.

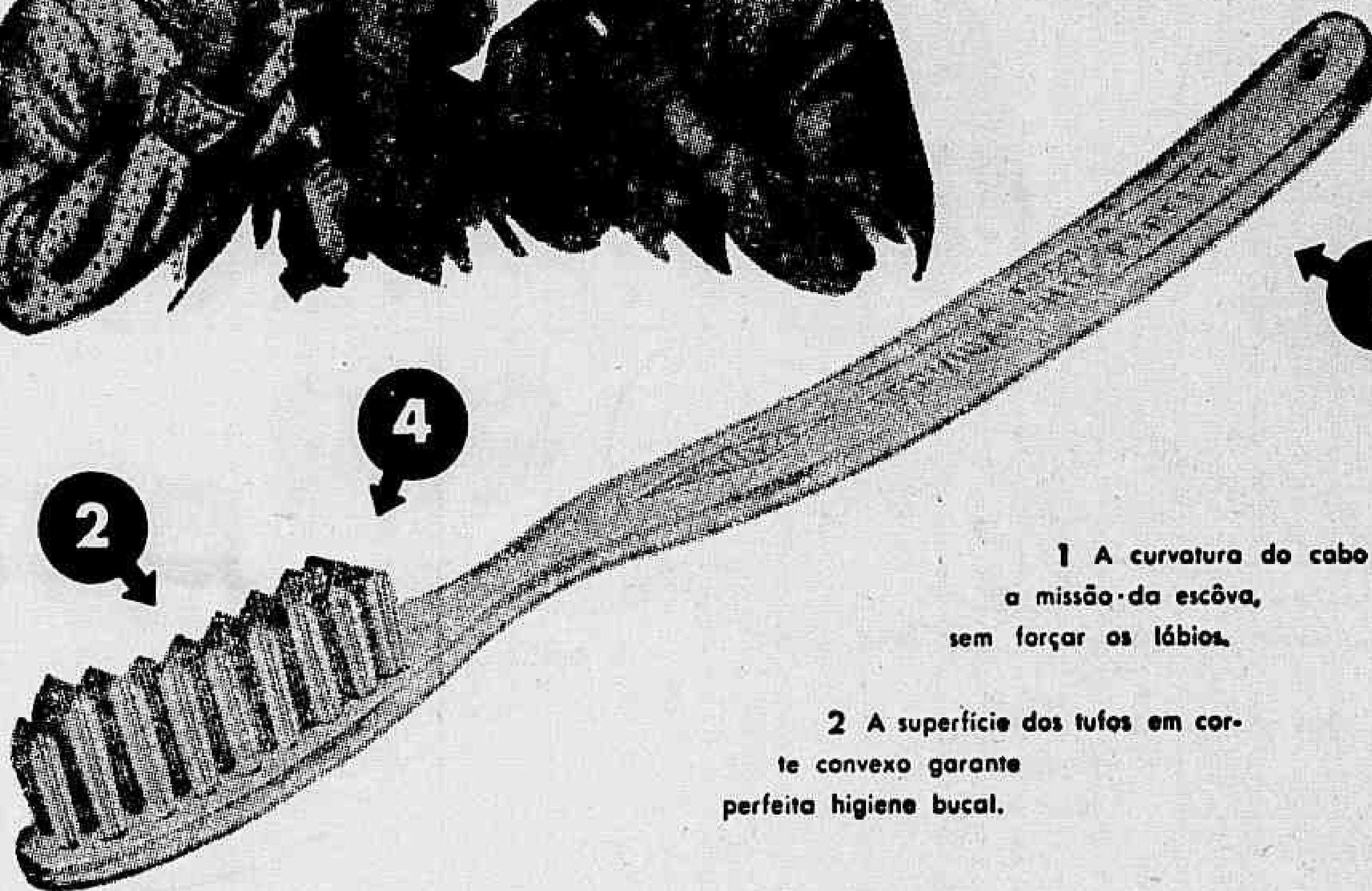
Anibal Janeiro, 475, idem.

Elmano Marques Reis, 55, idem.



A ESCÔVA DE DENTES TÉCNICAMENTE PERFEITA!





1 A curvatura do cabo facilita a missão da escôva, sem forçar os lábios.

2 A superfície dos tufos em corte convexo garante perfeita higiene bucal.

3 Os tufos implantados em base côncava resistem à ação da pasta sempre com a mesma rigidez.

4 Os tufos são pontiagudos, assegurando a perfeita limpeza externa dos dentes e simultâneamente a dos interstícios, ponto inicial das cáries.

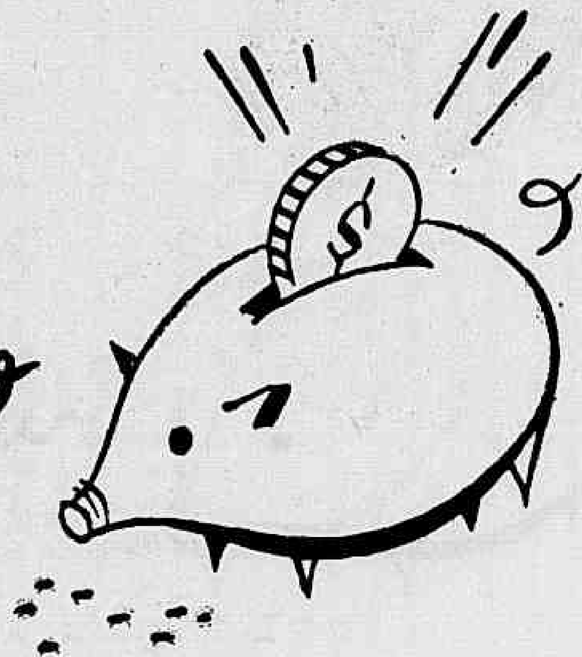


FÁBRICA DE ESCÔVAS DISTINTA E SANIS LTDA.



Antes, era preciso pulverizar diàriamente os inseticidas comuns em grandes quantidades.

Agora, poucas aplicações de **NEOCID EM PÓ** por ano bastam para transformar os esconderijos e caminhos dos insetos em armadilhas mortíferas. Deixando o pó nos lugares, **NEOCID** elimina os insetos durante semanas e mêses... Por isso,



...é mais econômico

Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é mais econômico livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID *em pó*

QUE DEVO FAZER?

(Cont. da pág. 36)

Depois disso, Pierre vinha à nossa casa todos os meses. Eu o acompanhava sempre ao mar ou à montanha. Suas visitas nos davam muita alegria, contrariada pela separação temporária. Isto durou mais de um ano. Nesse interim eu seguia o meu curso de bacharelato, a contar os dias que faltavam para Pierre tornar a ver-me. Já não me habituava mais a tê-lo longe de mim. Êle me havia narrado sua vida cruel em Bordeus, ao lado de sua espôsa orgulhosa e sem coração, dos seus dois filhos ainda muito jovens que ela tudo fizera para separá-los dêle, infiltrando-lhes ódio contra o pai, vitima de tantas hostilidades. Por isso Pierre me chamava "sua linda consolação", assegurando-me, que, apesar de tudo, junto a mim se julgava muito feliz, embora demorasse pouco. Era eu sua felicidade, um refúgio contra seus dias de isolamento em Bordeus, contra as asperezas dos negócios, coisa material, sem atrativo espiritual.

Uma vez, ao acompanhá-lo à estação do trem para Bordeus, êle me disse com voz de homem sincero:

— Não posso mais viver longe de você. A vida é insuportável. Tenho vontade de liquidar tudo e de fugir com você, mas me lembro de meus dois filhos...

Calou-se um instante e disse em seguida:

— E você, minha querida, não poderia vir comigo para Bordeus? Poderei arranjar-lhe uma colocação a fim de tranquilizar sua mamãe. Será você minha fada benfazeja. Estarei ao seu lado tôdas as tardes. Sentir-me-ei sempre alegre, feliz, ao contrário do que sucede hoje, quando me sinto acabrunhado e triste...

Eu não ousava revelar-lhe que justamente isso já eu imaginara antes; mas, da mesma forma, imaginava que isso seria um passo perigoso, uma decisão grave.

— Pierre... esperemos ao menos que eu termine meus estudos...

— Muito bem... mas, quando você diplomar-se ainda aceitará o que lhe ofereço?

Nesse instante o trem entrava na gare. Despedimo-nos. Êle me abraçou e beijou-me. Eu vi, mais uma vez aquêle mesmo comboio levar para longe o meu adorado Pierre, e quando o trem se sumiu na penumbra da noite que caía, senti nalma a mais triste saudade.

Em minha casa, recolhida ao meu leito, não pude dormir com facilidade. Recordava-me da oferta de Pierre. Eu sonhava com os olhos abertos. Pensava em minha vida, no meu futuro, nos meus estudos, em minha mãe, naquela pensão onde crescera e me tornara mulher... Bordeus, grande cidade, cheia de movimento, de grandes lojas, de teatros, de vida noturna, de diversões e onde morava o meu amor... Tive medo. Reagi. Que diabo! Eu já era uma mulher!

Passaram-se meses.

Havia muita gente diante do liceu. O sol de julho ia alto e quente. Colavam-se num quadro os resultados dos exames. Depois de estar ali no meio da multidão de interessados, fui para casa. Ao entrar ensaiava um passo de dança. Haveria festa.

— Mamãe! — exclamei eu ao entrar.

Mas me detive bruscamente. Ao fundo da sala de jantar vi Pierre chegado inesperadamente. Sorriu para mim. Mamãe estava por detrás dêle. Eu então me dirigi a êle:

— Fui aprovada com menção honrosa...

Pierre não me disse nada imediatamente, mas, o pouco que falou depois denunciava sua alegria e me felicitou pela vitória.

À hora do jantar êle disse a mamãe que já era tempo de tratar de meu futuro. Disse ainda que, em nossos dias, deviamos tratar do futuro de uma jovem como eu com o mesmo cuidado e antecipação com que tratávamos de um rapaz.

— Está bem — disse mamãe. — Mas... que posso fazer aqui?

— Foi por isso — voltou Pierre — que tratei de conseguir para ela uma situação em Bordeus.

Mamãe estava confusa, perturbada. Agradeceu êsse cuidado, porém perguntou inquieta:

— Que emprêgo é êsse?

— Secretária particular de um cirurgião meu amigo...

— Oh! Mas Pascale é uma moça...

Pierre não pôde deixar de rir.

— Ora, minha cara amiga! O cirurgião é um homem de cinqüenta anos, pai de três meninos e vice-presidente de três ligas católicas, homem de respeito!

Sem esperar pela resposta de minha mãe, Pierre prosseguiu:

— Consegui excelente lugar para hospedá-a em casa muito calma. E' um alojamento encantador. Quando quiserem é só dizer, pois pertencerá a Pascale.

Mamãe estava comovida e chorava. Murmurou umas palavras de agradecimento e ouvi muito bem esta frase: "Nós lhe devemos tanto"...

Como que conformada, ela decidiu:

— Bem... além de tudo não estará o senhor lá para velar por minha filha?

Eu, um tanto envergonhada, beijei-lhe a testa. Oh! a candura das mães crédulas! Como sempre julgam elas que suas filhas são inocentes e puras!

Um mês depois estava eu em Bordéus, nstalada confortàvelmente num apartamento encantador que Pierre havia instalado com muito gôsto e amor.

Travei conhecimento com o meu patrão. Era um homem excelente, de incrivel gentileza, levando muito tempo a explicar-me tudo sôbre sua clinica, como se seus doentes, seus internos e todos os trabalhos profissionais pudessem perder tempo com essa talvez exagerada atenção à minha pessoa.

O ambiente, os serviços, embora face a face com o espectro da morte, me entusiasmaram ràpidamente. Eu me sentia surpreendentemente feliz.

Pierre vinha constantemente passar seus fins de semana comigo, a menos que algum imprevisto excepcionalmente familiar o impedisse.

Encontravamo-nos constantemente ao almôço. Tôdas as semanas êle me consagrava pelo menos, uma noite. Por uma questão de precaução, evitávamos, ao sairmos juntos, freqüentar os lugares mais comuns e concorridos. Isto não me aborrecia. Eu tinha do mundo uma impressão consolidade de filha das vagas...

Pierre, sempre procurando agradar-me, a cada tarde que saiamos êle tratava de oferecer-me novas sensações, levando-me a lugares ainda não conhecidos por mim.

Iamos a pequenos e poéticos restaurantes, albergues inspiradores, sitios próximos ao pôrto, petisqueiras de ótimo gôsto freqüentadas por gente absolutamente desconhecida. Não era possivel que fôssemos vistos por pessoas de nossas relações.

Ouvíamos tocadores de acordeons melancólicos em casas de pasto populares aonde iam marinheiros rixentos que brigavam por causa de suas "garçonetes" e se mostravam atenciosos para com Pierre.

Depois de alguns meses eu sentia que nosso amor clandestino estava gerando uma fidelidade sólida através de nossa mútua cumplicidade. Nunca tocamos nesse aspecto de nossa união, na irregularidade de nosso amor.

Quanto a mim já eu havia adquirido o hábito de ser tratada por "madame" e isso até me divertia, embora tivesse eu vinte anos e possuisse ares de muito jovem, como, na verdade era.

No intimo nada mais me preocupava que não o nosso amor. Mas um dia, quando almoçávamos Pierre me pareceu preocupado, sombrio, quase perturbado. Percebi que havia qualquer coisa, mas, por uma questão de conveniência, evitei interrogá-lo e permaneci também muito embaraçada com os meus pensamentos.

Enfim, êle me falou com voz muito baixa:

— Minha querida, desde que você chegou aqui, não sonho senão com uma coisa: desposá-la. Tenho vergonha de não poder oferecer-lhe um amor ainda maior do que o que lhe dedico.

— Pierre você bem sabe que eu compreendo muito bem a sua situação e que não exijo nenhum sacrifício seu.

— E' verdade. Reconheço; mas, você compreende, é insuportável essa obrigação nossa de vivermos escondidos... Isso muito me incomoda. Ontem à noite eu falei a...

Pierre havia falado à sua espôsa sôbre o seu desejo de divorciar-se. Disse à mulher que não mais podia suportar a vida que ela lhe dava e que sua felicidade estava noutra parte. Sua espôsa lhe respondeu com violência e disse que não aceitaria o divórcio. Invocou a religião, sua familia, os filhos, mas lhe dava liberdade para que êle vivesse livremente, como entendesse. Sua senhora lhe havia deixado bem claro que não permitiria que uma outra viesse ocupar o seu lugar.

Seu lugar! Isto é, o dinheiro de Pierre que ela reclamava, exigindo despesas supérfluas, criadas, luxo, uma casa cheia de aparatos...

Eu ouvi tudo silenciosamente. Quando êle terminou eu lhe respondi:

— Pierre, uma só coisa me interessa: o seu amor. Na verdade, eu me sentiria muito feliz em ser sua espôsa; mas, pode crer, minha felicidade é maior quando me vejo ao seu lado. Sei que não posso pretender tanta felicidade junta. Vim para cá e aqui ficarei todo o tempo que você me quiser.

— Você é um anjo, minha querida! — respondeu êle beijando-me as mãos.

Não tornamos a falar nisso.

O tempo prosseguia e eu ia também gozando de uma felicidade intermitente, entre o amor de Pierre e entregue ao meu trabalho na clinica.

Posso mesmo dizer que minha função no estabelecimento médico me agradava sobremaneira. Eu fizera vários amigos entre meus colegas de trabalho. Uma viúva, Madame Machere, em particular, velha enfermeira de temperamento anarquista, chegou mesmo a ser minha intima, minha única e exclusiva confidente. E' interessante que ela fôra, há muito tempo, a ama de Pierre e lhe queria como a um filho. Por algumas vêzes nós a convidávamos para jantar em nosso companhia, em nosso apartamento. Ela ia e enchia o ambiente com sua alegria, o que dava muito contentamento a Pierre. Também havia ali Gerard, um jovem auxiliar interno, alto, magro, fronte ampla, olhos pensativos. Tinha um sorriso de grande bondade, quase comovente. Eu sentia grande simpatia por êsse rapaz, que, embora não sendo pròpriamente belo, tornava-se digno de estima, pela maneira de tratar, pelo modo por que tratava os doentes, pela dedicação ao seu oficio. Chegaram mesmo a botar-lhe o nome de "mamãe bisturi", tal a maneira delicada com que agia nas intervenções cirúrgicas.

Eu lhe dedicava muita simpatia; mas sòmente isso. E o meu amor por Pierre continuava sempre vivo, cada vez mais apaixonado, como era vivo e sincero nas tardes de nossos passeios aos tempos de nossas pescarias.

E dois anos se passaram asim. Aos vinte e dois anos eu me sentia como se tivesse trinta. Pierre mantinha sua dupla vida, e parecia estar habituado à mesma. Era sempre o amigo certo para mim, o ser a quem eu amava acima de tudo e a quem devia minha felicidade.

Contudo, após certo tempo, comecei a sentir em meu intimo uma espécie de melancolia insidiosa e torturante. Parece que comecei a sentir isso após o estar em contacto com duas amigas de infância com quem me encontrei com dois dias de intervalos, recém-casadas. Eu as vi, ao meu lado, cheias de ventura, para integrar-se legalmente na sua vida nova. Vi-as partir e senti que iam ao lado de seus verdadeiros amôres, integrados na sociedade, sem nenhuma sombra de temor. Um dia serão as mães de seus filhos... Mãe! Inútil esperança minha de também ser mãe, de dar um filho a Pierre. Felicidade, ventura inaudita que me serão proibidas de sentir. Meus únicos "meninos", meus únicos "bebés", serão as minhas bonecas da infância...

Eu lamentava ser forte e bela, disposta e saudável, se não podia esperar ser mãe, ter filhos, vê-los brilhar como tantas outras jovens mães... E reconhecia que, nem as brincadeiras joviais de Madame Machere, nem a doçura e bondade de Pierre podiam dissipar êstes meus pensamentos. Minha vida tomava um outro aspecto e eu começava a pensar no futuro.

O problema se me deparou bruscamente, inexoràvelmente.

Uma tarde, ao encerrar meu trabalho, mergulhada em tédio e melancolia, pensando em mim e no meu destino, deixava eu o edificio, quando Gerard se vem reunir a mim.

— Pascale... — era a primeira vez que êle se dirigia a mim com êsse tratamento.

— Pascale, você parece fatigada, esgotada; permite que a acompanhe durante alguns momentos?

— Pois, não! — aceitei. — Eu mesma estava desejosa de encontrar um derivativo para minhas tristezas.

Seguimos a conversar sôbre tudo e sôbre nada de sério, como bons colegas despreocupados. Gerard me contou seus planos e esperanças, de colocar sua ciência à disposição do bem público, de ajudar os infelizes, de se bater contra a miséria... Lembrei-me do seu apelido: "Mamãe bisturi". E sorrimos.

Inesperadamente, êle se deteve, parou. Eu também me detive. Olhou-me fixamente nos

ESTA e a unica apresentação de agua de colonia

JEAN MARIE FARINA



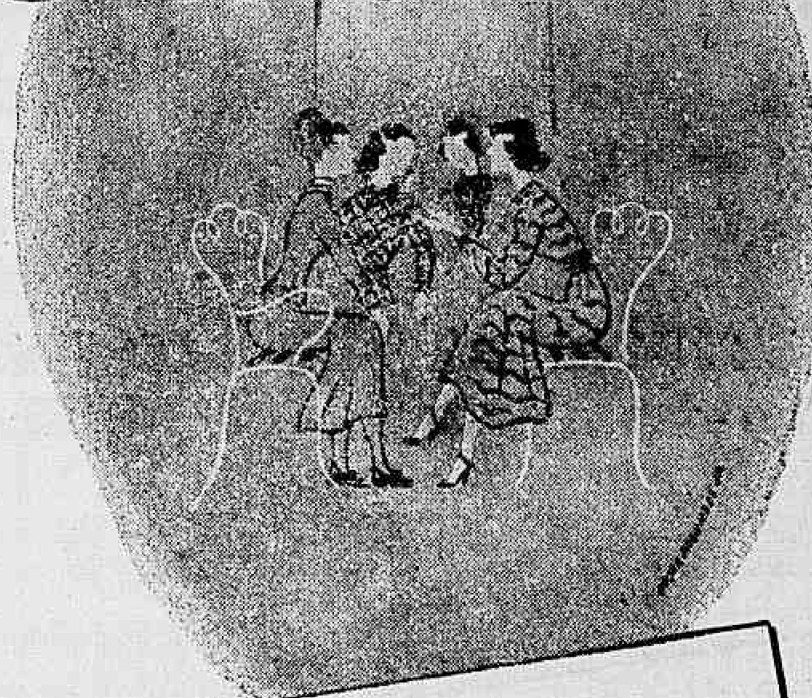
Exijam a marca franceza de

ROGER & GALLET

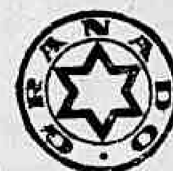
PARIS ★ RIO

SOCIEDADE INDUSTRIAL PRIMÁ LTDA. — CAIXA POSTAL 1344 — RIO

Ginosedol



O assunto particular... e o remédio das senhoras!



UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SIMBOLO DE CONFIANÇA



estará a venda em tôda parte na Primeira Quinzena de Dezembro



ALMANAQUE "EU SEI TUDO" para 1950, o livro dos mil assuntos, custará apenas Cr$ 15,00 em tôdas as bancas de jornais do Brasil



Pedidos pelo Reembolso Postal ou mediante vale do Correio á

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15

RIO DE JANEIRO

A beleza ao seu alcance

LEITE
Belloitan
É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CUTIS SEMPRE LISA BELA E ACETINADA
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
SÓ COM VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS PELO PROCESSO SENUN

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL - HORMON
Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio
BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 59 - Rio de Janeiro
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº .....
CIDADE .... ESTADO..........
Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

olhos, colocou-me as mãos nos ombros e disse:

— Pascale, depois dêsses dois anos em que trabalhamos juntos, eu tive a felicidade de conhecê-la, e também aprendi a amá-la... a amar com verdadeira paixão. Preciso de uma mulher que partilhe de minhas lutas, de minha companhia, de minhas esperanças, me ajude em minhas angústias, e me corrija quando errar, dando-me fôrça para vencer. Preciso de uma mulher que seja todo o meu amor, todo o meu coração, a mãe de meus filhos. Depois que a conheci comecei a sonhar com essa felicidade. Agora que me sinto em situação de falar-lhe sôbre isso, quando chego ao final de meus estudos, posso revelar-lhe o que sinto e pedir-lhe que seja minha espôsa. Que me diz, Pascale? Aceita?

Não pude dizer uma só palavra. Senti em minha garganta um soluço indefinível, um apêrto, uma angústia nalma. Êle então se inclinou para mim, colocou as mãos ao meu pescoço como numa dessas cenas de filmes de apaches, fixou-me bem nos olhos e volveu com voz amiga:

— Eu sei qual é a sua vida aqui, não ignoro nada sôbre sua intimidade com o sr. Desclaves; não a julgo nem a censuro. Acho-a incapaz de um ato mau, de uma perfídia, de uma covardia, de gestos de interêsse. Sei que você é digna de ser minha espôsa. Mas você ainda é muito jovem e não sabe para onde dirigir sua vida.

Reclinei a cabeça sôbre seu ombro e chorei durante muito tempo. Êle me acariciava os cabelos. Eu me senti enternecida diante daquele homem simples e enérgico que me oferecia o direito, a oportunidade de partilhar de sua vida, de seus sonhos, de suas glórias ou dificuldades.

Depois de mais calma lhe pedi que me concedêsse algum tempo para meditar em seu oferecimento, no que êle concordou.

Durante três dias depois daquela cena, passei com grande angústia a mortificar-me a alma, sem nada decidir.

Eu amava Pierre, talvez mais do que nunca. Mas êsse amor não era mais que uma penumbra. Por Gerard não sentia eu mais que amizade e admiração profunda; mas êsse casamento seria a luz em minha vida.

Ficar com Pierre seria fazer de mim mesma uma mulher "à margem" da sociedade. Durante tôda a minha vida nada mais seria do que uma criatura sem destino definitivo. Além disso, apesar de meu coração amante, não chegariam meus nervos a cansar-se? Tôda a felicidade não seria comprometida em futuro próximo? Êsse amor que envolveu minha juventude seria mantido dentro de mais dez anos? Pierre, êle mesmo, um dia... Já não tinha eu pago e bem o meu amor por êle? E quando, mais tarde, já envelhecida, não veria os filhos de Pierre, já crescidos, acusar-me de ter roubado o amor de seu pai?. Mas... como abandoná-lo agora, quando êle pudera alcançar um pouco de felicidade e a quem eu tanto devia? Em vão procurei um caminho, uma luz que me guiasse nessa encruzilhada difícil, uma voz que modificasse o sentimento de meu coração.

E fiquei indecisa, deixando correr o tempo, prêsa às correntes de um amor ilegal, sem coragem para separar-me dêle, sabendo, porém, que nada mais belo e confortador no mundo do que a vida dentro dos preceitos da honestidade. Eu era honesta, mas não tinha coragem de enfrentar uma solução legal com o sacrifício de um amor verdadeiro, sincero e correto, embora ilícito.

OS PEREGRINOS...

(Cont. da pág. 15)

ofícios divinos, em homenagem aos nossos Irmãos Católicos Ecléticos.

— A Sociedade combate alguma religião ou crença?

— A Fraternidade Eclética Espiritualista Universal não combate religião alguma. Se isso fizesse, elaboraria também o comum absurdo de pretender realizar a fraternidade universal através do combate condenável! A nossa luta é sobretudo moralizadora e unificadora; e, mediante o nosso próprio exemplo, compelidora de todos os religiosos ao respeito e cumprimento dos postulados de suas próprias religiões, postulados que, ainda que bem conhecidos, esperam pacientemente o cumprimento de todos os seus adeptos, mesmo dos mais incendiados.

AUTOMÁTICO
e preciso!
CYMA
Automático
- Automático
- Impermeável
- Inoxidável
- Para-choque
- Antimagnético
- Vidro inquebrável
- Preciso
- Elegante

Como aprender a dançar
AGORA EM 3ª EDIÇÃO
Tango
Swing
Rumba
Fox-Trot
Valsa
Samba
Conga
Marcha
Bolero
Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing, Samba, Tango, Rumba e Fox, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando a senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, professor do Clube Militar da Fôrça Pública de S. Paulo
Preço Cr$ 41,00 — A venda nas livrarias e casas de músicas do Rio e S. Paulo — Pedidos pelo Reembolso Postal com o autor
CAIXA POSTAL 649 — S. PAULO

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS
TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal, dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc.
a Cr$ 35,00, o vidro
Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo:
Rua Álvares Penteado, 180, sala 502
Telefone: 3-2649

Pasta Dentifrícia S.S.WHITE

O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

O dia nacional de ação de graças

(Cont. da pág. 20)

ia-se deixando levar pelos imprevistos do destino e, com êle, todo êste grande Brasil.

Diante do próprio domínio holandês, embora os pernambucanos não descansassem na batalha, na guerra terrível contra o invasor, houve um rei português que chegou a reconhecer êsse domínio da Holanda e ameaçar com severos castigos os pernambucanos e os baianos se continuassem a hostilizar os senhores dos Países Baixos.

Em face de tudo isso, nossa unidade de crenças, de língua e de costumes é um milagre.

O sociólogo fica extasiado diante do que observa. Do alto Amazonas ao Chuí, no Rio Grande do Sul, e do Cabo Branco, na Paraíba, às ribanceiras do Javari, no oeste, o Brasil é um só bloco, um monólito inquebrantável, um todo coeso e forte que pode resistir a tôdas as fôrças da dissolução.

Um "Dia de dar Graças a Deus", de caráter nacional, é, pois, necessário ao nosso povo. Diante dos altares, dentro da mata virgem, ao longo dos rios, nas "catas" empedroiçadas dos garimpos, nas grupiaras dos rios auríferos, nas roças sertanejas, nos campos de criação, nas redações e nas fábricas, nos lares e nos ares, sôbre o mar ou nas minas no coração de nossas montanhas, todos nós rendamos Graças a Deus pelas graças concedidas à nossa Pátria e peçamos aos Céus que inspirem os nossos homens de govêrno para que o Brasil e o seu povo continuem na marcha do progresso e jamais percam êsse dom da imortalidade: a coesão, a harmonia, a Fé.

Soldado velho de guerra!

(Cont. da pág. 27)

de Melo; elementos que estiveram entre as chamas do Aquidabã quando os seus paióis explodiram, como aquêle velho marinheiro de 1ª classe, Oscar Meira Guimarães; Leopoldo Barbosa da Silva, ex-combatente de Canudos e, agora, com 89 anos recorda com saudade a sua campanha; o 3º sargento Crispim Gomes dos Santos, que lutou em Canudos, na Ponta da Armação e acabou perdendo uma perna quando foi ferido na revolução da Fortaleza de Santa Cruz. Homens que atingiram uma certa idade sabendo contar um pouco do que fizeram com a sua coragem, o seu sangue e a bravura indomável da juventude, para que o Brasil continuasse unido e forte, para que o solo pátrio não fôsse pisado pelos invasores de outras terras, e para que, o pavilhão auri-verde não tombasse no lamaçal das revoluções partidárias. São êles os soldados velhos de guerra que hoje repousam na bucólica quietude da Ilha de Bom Jesús.

Duas pátrias, um só coração

(Cont. da pág 7)

bara. As matas virgens que criam a esta, envolvendo as massas graníticas, lembram Cintra e Montserrat. E' justo, pois, que os naturais dos dois países não sintam quase diferenças do ambiente.

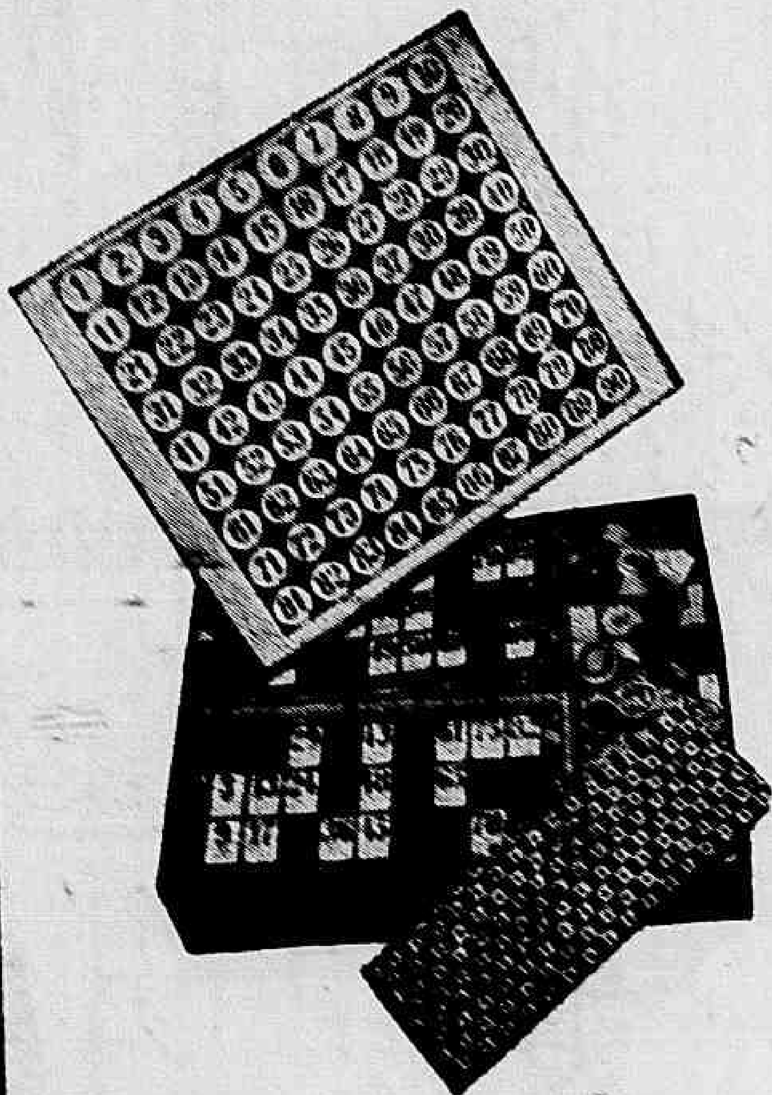
Sob todos os pontos de vista é louvável o esfôrço da Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro e quando ela contar com maior apôio dos dois governos, os benefícios serão mais amplos.

O Sr. Gastão de Bettencourt, como grande cultor da música, sendo sócio ou membro de vários institutos, quadros e círculos internacionais, tem especial predileção pelo folclore e pela música popular. A exemplo do que faz em Portugal sôbre o nosso folclore, trouxe dados e gravações da música popular portuguêsa para ilustrar uma série de conferências subordinadas aos temas: "Como cantam e bailam os portuguêses" e "A música na história de Portugal".

Contou para isso com as gravações feitas pela Emissora Nacional de Lisboa, do grupo coral "Polyphonia" que, desde 1942, vem divulgando as obras dos grandes mestres portuguêses de outrora: Manuel Mendes, D. Francisco de Santa Maria, Felipe de Magalhães, D. Pedro de Cristo, Duarte Lobo, Frei Manuel Cardoso e muitos outros, abordando também, pela primeira vez, o difícil gênero do Madrigal e produções do "Cancioneiro de Masquel Joaquim". "Polyphonia" é dirigido por Mario de Sampayo Ribeiro, musicólogo de renome.

Diante do exposto, pensamos em qual não seria o resultado se o Brasil tivesse organizado serviços semelhantes ao Intercâmbio Luso-Brasileiro, em outros países, não prescindindo da colaboração particular. Pelo menos, não se espalharia a crença de que é uma verdadeira sorte viver alguns anos na Capital da República e não ser mordido pelas cobras...

OPORTUNIDADE RARA! UMA CAIXA COMPLETA CR$ 85,00, APENAS!...



VISPO - BINGO!...

VALE MUITO MAIS

O novo divertimento popular, para casas de famílias, clubes, etc. Grande sucesso em tôda parte!

A caixa contém:
90 cartões de Vispora
10 cartões para BINGO
90 "pedras" numeradas de 1 a 90
1 cartão marcador
1 saco para "pedras"
1 caixa

PREÇO Cr$ 85,00



PAGAMENTO POR CHEQUE, VALE OU REEMBÔLSO



MANDE SUAS ENCOMENDAS POR CARTA AÉREA OU TELEGRAMA A

P. S. GUIMARÃES

AV. RIO BRANCO, 277
SALA 1205 ★ RIO DE JANEIRO
ENVIAMOS O VISPO-BINGO IMEDIATAMENTE

PERFUMES EXOTICA



Lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes CR$ 55,00

Rua Campos da Paz, 165 — Fone: 48-8137
Enviamos catálogos a quem solicitar
Pelo Reembolso Postal sem qualquer outra despesa

Pedidos à "Perfumaria EXÓTICA"

Narciso Negro Delicado perfume, em elegante estojo forrado com finíssimo cetim, constituindo valioso presente Cr$ 45,00



Nº 29

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM







ENQUANTO HUNKY ESTÁ NO HOSPITAL.. SCARLET, POR FIM, EM TEMPO DE EXAMINAR OS PAPEIS QUE APANHOU NO ESCRITÓRIO.



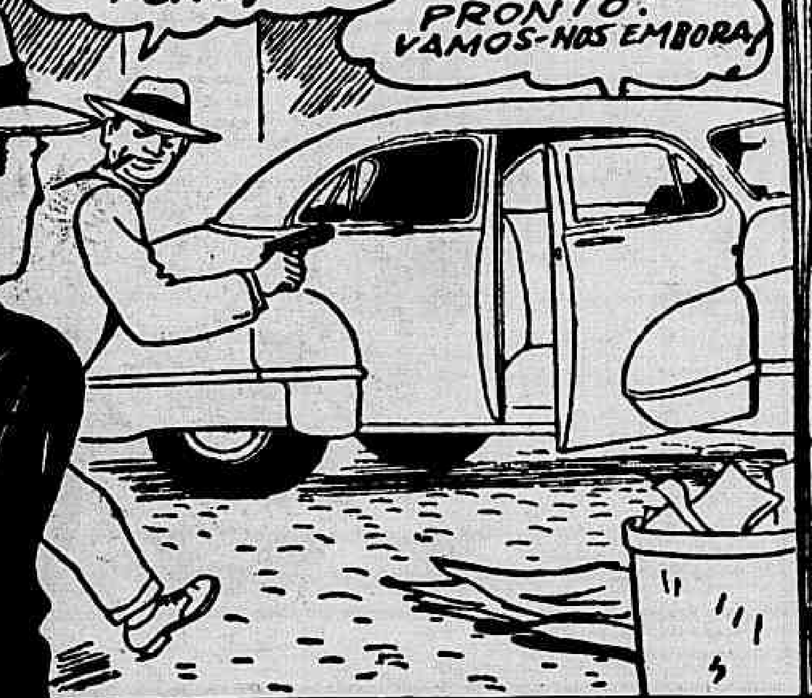


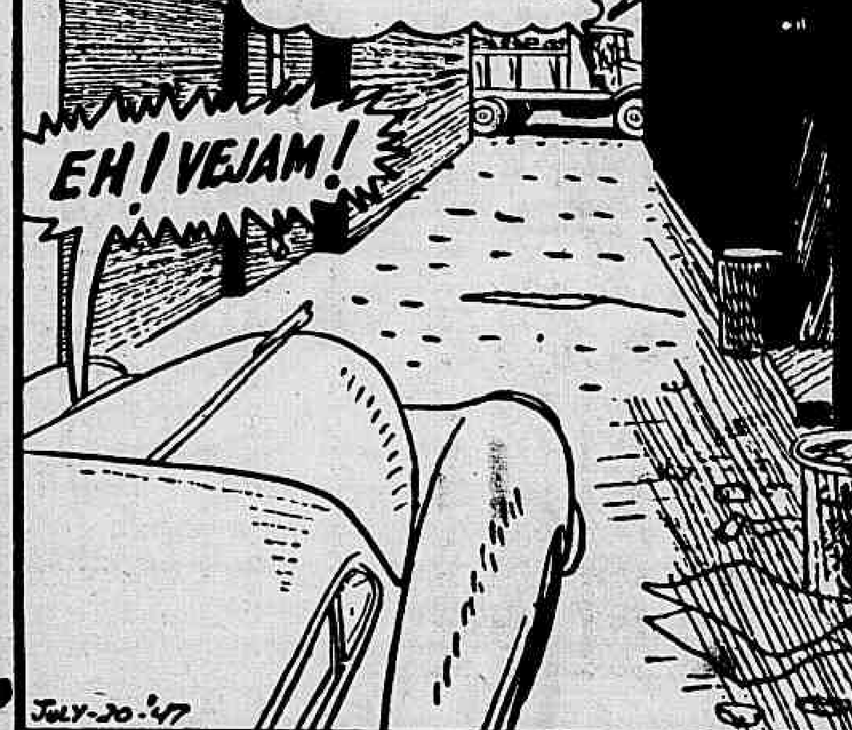












Tudo isto

CONTRA COBRA, DENTADA!

TELEGRAMAS de Londres para a nossa imprensa relatam esta façanha de um caboclo da Guiana Inglêsa:

Jaikaran, pescador daquela possessão britânica da América do Sul, homem de cinquenta e um anos, estava em certo local de um terreno de irrigação próximo de Essequibo, quando ouviu um ruído estranho bem próximo a êle.

Jaikaran se preparava para pescar naquela zona e ficou de ouvido à espreita.

Ao voltar-se viu enorme serpente, gigantesca sucuri que não lhe deu tempo para defender-se ou correr.

Num abrir e fechar de olhos a cobra se lançou sôbre êle e o enlaçou fortemente começando a apertá-lo.

Como sabemos, a sucuri não tem veneno. Ela se enrola ao longo do corpo de sua vítima, aperta-a fortemente até triturar-lhe os ossos. Em seguida começa a operação de deglutição vagarosamente, como se sugasse o corpo já sem vida da prêsa, sempre da cabeça para os pés.

O pescador da Guiana Inglêsa percebeu que sua situação era crítica. Se não pudesse desvencilhar-se da serpente monstruosamente grande e terrivelmente forte, estaria morto dentro de mais alguns minutos. E não era nada agradável ser enterrado assim no ventre de uma sucuri.

Ao ver que a cobra o apertava violentamente a fim de desarticular-lhe os ossos, notou êle que a sucuri se deslocava para o vale. Reagindo com todo o vigor de seu instinto de conservação, o caboclo aproveitou a proximidade à sua bôca de certa parte da cobra e... zas! Deu-lhe tamanhas dentadas que a bicha afrouxou e azulou...

VOCAÇÃO PARA DETETIVE



Belo Horizonte, pelo seu espantoso desenvolvimento urbano, transformada, em poucos anos, de modesta e provinciana cidadezinha numa capital esfusiante de movimento, também possui os seus problemas de natureza policial.

De quando em quando os batedores de carteira de fama mundial visitam a capital mineira. Os lugares mais visados pelos meliantes são os abrigos dos bondes da avenida Afonso Pena, um na parte norte da Praça Sete e outro na parte sul da mesma praça.

Êsses dois sítios são muito movimentados, com embarques e desembarques, mão e contra-mão, para os bondes que tomam suas direções respectivas depois da circular que tem o obelisco como centro.

Senhoras e senhores são objeto de malandros que furtam ali os mais incautos. Um dêsses furtos mais comuns são os de bolsas de senhoras que vêm para as compras no centro e se destinam aos bairros.

Dona Claudemira Maciel Menezes foi furtada pela terceira vez. Deu queixa à polícia, mas não esperou apenas pela ação dos Sherlocks mineiros. Resolveu pegar o ladrão.

Uma tarde ela preparou uns maços de notas de papel de jornal e meteu na sua bolsa, à vista de qualquer um que estivesse a olhá-la no abrigo. O ladrão não apareceu. Dona Claudemira repetiu o processo. Ficou calmamente fingindo que esperava um bonde. Desanimada, ia tomar um elétrico da linha Lagoinha, quando sentiu "peixe" na linha. Virou-se e segurou o ladrão que ia levando sua bolsa. Deu o alarma e o gatuno foi prêso por dois guardas.

Antônio de Oliveira, o batedor de bolsas de senhoras está nas grades achando esquisito tudo o que lhe aconteceu...

LOUCO POR CERVEJA



Não sei se o leitor já leu aquela parte da literatura egípcia que nos conta a luta que mantinham os pedagogos da terra dos faraós, para conseguir que seus discípulos suportassem as aulas.

Aquêle tempo não havia livros, nem cadernos, nem cola. Os estudantes liam e decoravam suas lições em tijolos. Além disso, não havia letras, nem palavras, nem frases; tudo era feito através de símbolos ou sinais, e, para escrever-se uma palavra entrava na superfície do tijolo enorme quantidade de desenhos de bichos, de coisas, de objetos, de figuras humanas. Uma maçada.

Não era sem razão que os estudantes de seis mil anos antes de nossa era, preferissem gazetear as aulas e ir tomar cerveja...

A cerveja é uma bebida milenar, como vemos. Por êsse motivo acabamos de ler num telegrama vindo de Toronto, na Itália, esta notícia reveladora: "Um vulgar ladrão roubou na noite do dia 20 de novembro corrente, um violino Guarnerius avaliado em vinte e cinco mil dólares, vendendo-o em seguida por dez dólares para comprar cerveja.

O valioso instrumento foi fabricado em Cremona, Itália, há 235 anos. A polícia de Toronto recuperou o violino prontamente, devolvendo-o ao seu proprietário, Sr. Gesa de Krez, músico de fama internacional".

Era isto que se continha no telegrama de Toronto para jornais desta capital.

Como vemos, para tomar sua cervejinha, meninos egípcios dos tempos da escrita ideográfica fugiam das aulas, e ladrões roubam um "Guarnerius" para nutrir o mesmo vício. Nada de novo...

ESPERTEZA DE BOIADEIRO



Contam-se nos sertões brasileiros várias anedotas sôbre sabedoria ou sagacidade de nossos matutos nas suas manhas para vender bem seus animais.

Um dêsses episódios é narrado por Leonardo Mota em "Sertão Alegre", livro que narra a vida dos cantadores e dos sertanejos do nordeste.

Querendo vender um cavalo, o matuto fechou negócio com um amigo e entregou o animal. Na feira seguinte, o comprador veio feito uma fera até ao vendedor e lhe censurou a falta de lealdade:

— O senhor me enganou quando disse que o cavalo não tinha defeito...

— E não tem não, senhor...

— Tem, sim! Êle é cego!

— Isso não é defeito. E' infelicidade...

Agora em Droxford, na Inglaterra apareceu um cidadão que é a habilidade em pessoa. Trata-se do Sr. Douglas Frederick Clay, de trinta e seis anos de idade, negociante de gado.

Êsse amigo sabe que uma vaca já idosa não pode dar o preço que oferecem por uma novilha. Mas, como não há registro civil para os bichos, o nosso herói teve uma idéia genial.

Era preciso transformar as vacas velhas ou de meia idade, em vacas moças, novilhotas elegantes que merecessem "fi-fius" dos senhores touros.

E meteu mãos à obra. Extraiu os dentes das vacas e substituiu por outros falsos...

O artifício deu resultado; mas... um dia a casa cai e caiu mesmo na cabeça do espertalhão que foi processado inapelavelmente.

BRINQUEDO MUITO SERIO



O Dr. Grey Walter, do Instituto Neurológico de Bristol, alega haver intentado um brinquedo que tem a faculdade de pensar.

De acôrdo com êsse Dr. Walter, o brinquedo que mede cêrca de 45 centímetros e tem a forma de uma tartaruga, é capaz de aprender coisas simples que ficam retidas numa célula de memória.

A peça, alega ainda o inventor, pode dançar, andar, evitar obstáculos e dormir, quando fatigada.

Não gosta do frio, atemoriza-se com facilidade e tem suas próprias preferências e idiosincrasias.

O Dr. Walter acha que o brinquedo poderá ser pôsto à venda por dez livras, havendo possibilidade de estar no mercado no Natal de 1950.

Acha o inventor que dentro de um futuro muito próximo será possível fabricar um "robot" de brinquedo capaz de caminhar, falar como criança, responder a perguntas e fazer qualquer soma.

Convenhamos que isso já não é mais brinquedo e sim um fim de mundo. Começando assim por essa tartaruga fenomenal que já tem a faculdade de "pensar" e "sentir" como qualquer vivente, o Dr. Walter ou qualquer outro cientista e inventor poderá fabricar gente, gente com todos os requisitos de ser humano.

Se o mundo chegar a tal adiantamento, tudo estará mudado em pouco tempo. Já não mais haverá maternidade, nem fábrica de brinquedos, nem Papai Noel, nem institutos de ensino, nem creches, nem mamadeiras, nem patins, nem proibição de proprietários de apartamentos contra crianças. Tudo será mecânico.

Mas... e quando se acabar a humanidade de carne e osso? Que mundo engraçado não seria êsse!

Aconteceu

SINAIS DOS TEMPOS



Devem estar bem lembrados os nossos leitores daquele burrinho que nos veio do Rio Grande do Norte e fêz sucesso aqui no Rio, chegando mesmo a ser contratado para exibir-se num palco de um dos nossos cassinos.

Era o "Canário", um burro matemático, profeta, adivinho, um fenômeno, embora durasse pouco sua glória. Descoberto o embuste, o burrinho voltou à sua missão legal e natural: puxar carroças. "Sic transit gloria mundi".

Agora nos vem do nordeste, da capital da Paraíba, esta notícia sensacional: um macaco matemático e uma galinha que põe ovos verdes e vermelhos...

Eis o telegrama da Asapress: "No município de Conceição apareceu um macaco que faz contas de somar. Escreve-se numa lousa qualquer parcela e o animal, surpreendentemente, coloca o resultado da soma, em baixo, com rigorosa exatidão.

De tôdas as partes estão vindo curiosos ver o "macaco milagroso" de Conceição.

Aliás estamos vivendo uma época de fatos interessantes. Na vila de Caiçara, no mesmo Estado da Paraíba, uma galinha pôs um ovo verde e outro encarnado".

Não achamos nada de mais. Se o homem sabe contar, não é nada de extraordinário que um macaco resolva um problemazinho de somar. Não somos descendentes deles? Quanto à galinha que põe ovos assim coloridos, quem sabe se o fato não é caso de mimetismo ideológico da casa em que vive? Hoje uns pensam de uma forma, outros de outra, e a galinha, sabida que só ela, acende uma vela a Deus e outra ao diabo...

VELHACO E ESPIRITUOSO



Nos Estados Unidos, como todos sabemos, há a instituição do divórcio a vínculo, isto é, a separação do casal, podendo ambos convolar novas núpcias.

Mas, de acôrdo com a lei, muitas vezes é o esposo condenado a manter uma verba mensal a título de subsistência a favor da mulher, a que dão lá o nome de "alimony".

Para isso, entretanto, é necessário que a culpa dessa separação caiba judicialmente ao esposo e que a mulher divorciada mantenha regular linha de conduta e não se case, fato êsse que resultaria na perda de sua mesada.

Há, porém, certos esposos que não compreendem muito bem estas coisas de justiça e pouco lêem o direito de família na parte que trata do casamento, do divórcio e suas consequências.

Por êsse motivo acaba de suceder uma muito boa lá nos Estados Unidos.

Um cidadão casou-se, houve presentes de noivado, sonhos, arroz sôbre suas cabeças, uma bela lua de mel nas cataratas do Niagara, mas...

Um dia a mulher não suportou nem por um dia mais o esposo. Êle não prestava como esposo. Entrou a cara metade com uma ação em juizo e requereu divórcio, solicitando que lhe fôsse marcado o "alimony". Êle era um ébrio, jogador, espancava-a e a deixava morrer de fome. Foi concedido o divórcio e, quando o juiz disse que ia providenciar uma pensão para ela de 50 dólares semanais para o seu sustento, o marido sorriu e declarou: "Obrigado, Sr. Juiz. Eu também darei alguns dólares..."

TOMARAM A FORTALEZA

NÃO se trata de "fortaleza" do jôgo do bicho, e sim de uma verdadeira, embora vetusta e sem qualquer segurança.

O fato se passou em Ghent, segundo nos diz uma notícia telegráfica de responsabilidade da United Press.

Cêrca de duzentos estudantes assaltaram no dia 17 de novembro último a velha fortaleza conhecida como "Chateau des Consorts", mas o fizeram por brincadeira.

Quando estavam arremetendo contra os muros do forte, se viram envolvidos por uma fôrça policial de trezentas praças que não concordaram com aquêle ataque.

Da pugna inesperada resultou grande número de feridos entre os estudantes, sendo muitos dêles hospitalizados.

Diz a polícia que os rapazes se infiltraram na fortaleza medieval em turmas de uns vinte e, lá dentro, dominaram os guardas, depois levantaram barricadas dentro do forte e começaram a soltar foguetes e fogos de artifício por cima das muralhas. Era um autêntico S. João fora de tempo, só para chatear os vencidos.

Os primeiros policiais enviados contra os "inimigos" foram recebidos a ovos goros e tomates podres.

Em virtude dessa munição antipática e pouco cheirosa, foram solicitados mais reforços e correram ao forte grupos de choque, sendo recebidos pilhericamente com cartazes que se erguiam lá de dentro, muito bem visíveis lá fora, dizendo isto: "Queremos que os nossos policiais usem vasos noturnos como capacetes". Para acabar com o carnaval, bombeiros lançaram jactos de água gelada nos rapazes. As portas foram forçadas e os brincalhões presos. Dormiram na cadeia, mas foram soltos no dia seguinte. Belo "trote"!...





★

A SEGUNDA CONVENÇÃO DA INDÚSTRIA TEXTIL BRASILEIRA

★





Acaba de ser realizada nesta Capital a II Convenção da Indústria Têxtil Brasileira, convocada pelo Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro. Reunindo delegados de todos os Estados do Brasil, o grande conclave marcou indiscutível êxito, tendo sido alcançados os principais objetivos visados quando de sua convocação, consubstanciados nas medidas de proteção e amparo a serem adotadas, de que tanto necessita no momento a maior indústria nacional, que é a de tecidos.

A cerimônia inaugural do congresso foi presidida pelo sr. Paulo Lira, representante do presidente da República, tendo à sua direita o sr. Honório Monteiro, ministro do Trabalho, e à sua esquerda o sr. Carlos T. da Rocha Faria, presidente da Convenção e do Sindicato que a convocou. Viam-se ainda à mesa os srs. Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria; Humberto Reis Costa, presidente dos delegados de São Paulo; Manuel Veloso Borges, vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem no Rio de Janeiro; Vicente de Paulo Galliez, secretário geral da mesma entidade; o representante do sr. ministro da Fazenda, sr. Orlando Gello, e o sr. Azeredo Pena, representante do sr. ministro da Agricultura.

A solenidade de encerramento, realizada no dia 26 de novembro último, foi presidida pelo sr. Carlos T. da Rocha Faria, revestindo-se do mesmo brilhantismo da de inauguração. Nessa ocasião foi lido o "Manifesto à Nação" já amplamente divulgado pela imprensa, documento que obteve justa repercussão no seio das nossas classes produtoras e nos meios oficiais.

São do ato inaugural da II Convenção da Indústria Têxtil as fotografias que ilustram êste registro, colhidas especialmente pela REVISTA DA SEMANA.



EXPOSIÇÃO BÍBLIO-ICONOGRÁFICA

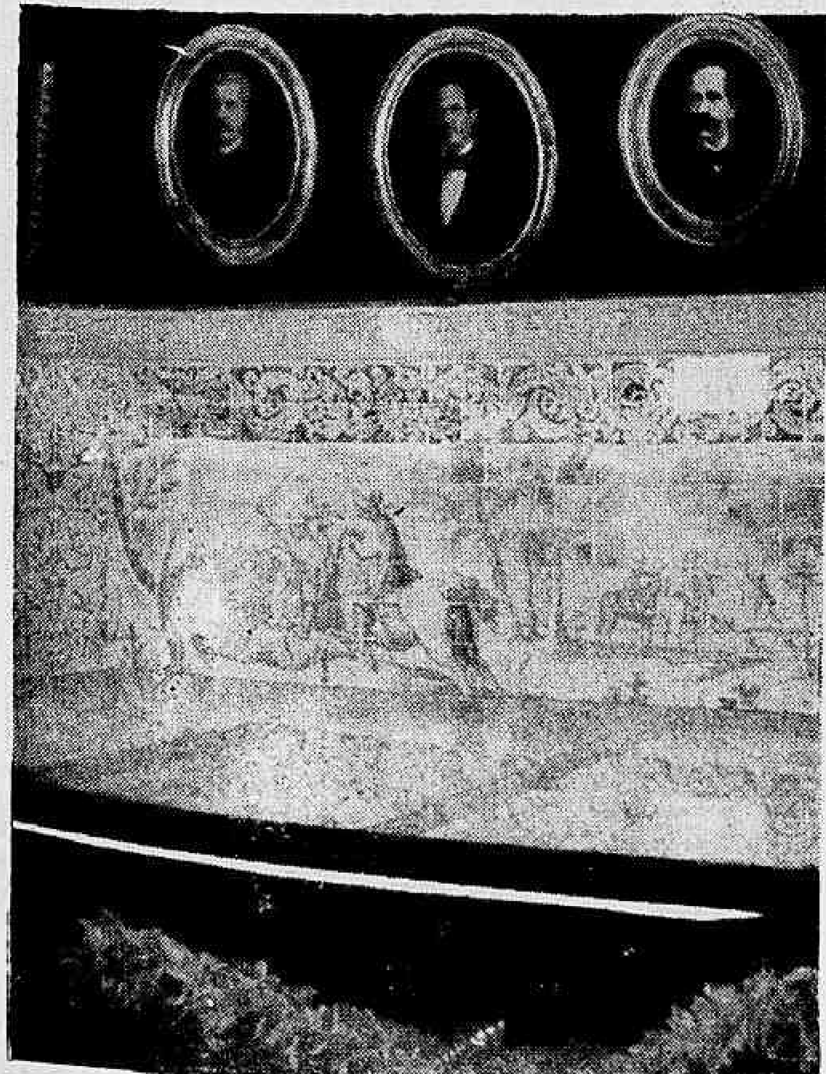
Um certame de alto valor histórico na Cidade do Salvador

Prossguindo na obra de difusão cultural que se propôs realizar no decorrer dêste ano dos centenários, a Prefeitura da Cidade do Salvador, a cuja frente se encontra o sr. Wanderley Pinho, inaugurou em princípios de novembro último, no Edifício do Liceu de Artes e Ofícios, uma interessante exposição biblio-iconográfica, constituída de fotografias antigas, plantas da cidade, mostrando a evolução por que tem passado durante êsses quatrocentos anos, ilustrações diversas, aspectos do "folk-lore" baiano, cenas típicas da cidade, aspectos paisagísticos, documentários de fortalezas e templos, solares, etc., bem assim mostruários de livros baianos, notadamente os editados na Bahia no século passado por firmas como Silva Serva, Poggetti, Serva & Carvalho, Tipografia do "Diário da Bahia" e outras mais.

Na aludida exposição encontram-se ainda várias gravuras de Ouscely, de Montamis, de Ribeyrolles, de Victor Fronde e outros. Há painéis onde se notam gravuras da invasão holandesa, cenas das lutas então travadas, tais como o episódio de Pietrs Heyn, a retirada dos invasores, etc. Uma viva lição de história da Bahia, em boa hora instituída pelo prefeito Wanderley Pinho, com a colaboração dos diversos órgãos municipais, notadamente do Arquivo, à frente do qual se encontra o sr. Antônio Loureiro de Souza, autor do recente livro de biografia "Baianos Ilustres". E' de salientar-se, ainda, a grande cooperação dos particulares, que muito concorreram para o êxito da exposição, tais como o prof. Marques dos Santos, o sr. Frederico Edelweiss, o sr. Deraldo Souza e outros.

As fotografias que ilustram esta página mostram diversos aspectos dessa esplêndida realização, sem dúvida um dos mais interessantes números do grandioso programa com que foram comemoradas êste ano as magnas datas dos centenários baianos.







HOMENAGEANDO A IMPRENSA

No último domingo de novembro, o Centro dos Excursionistas levou a efeito animada festa desportiva no aprazível e pitoresco recanto do Bom Retiro, em homenagem à Imprensa, revestida de excepcional brilhantismo. Esmerado programa de atrações foi organizado, com doze interessantes provas, uma delas dedicada a esta publicação: a "Corrida Cega de Obstáculos", que teve como patrono o sr. Carlos Gerin Isnard. Além de excursionistas membros daquela agremiação, também alunos da Escola e do Instituto Profissional Quinze de Novembro, e do S.A.M., nela tomaram parte. A gravura inferior reproduz um momento dessa divertida brincadeira, com os candidatos de olhos vendados, no momento culminante da corrida e na superior vê-se o sr. Jaime Quartin Pinto, presidente do Centro dos Excursionistas, que foi, em companhia dos demais membros da diretoria, pródigo de atenções e fidalguias aos jornalistas presentes. As cerimônias foram iniciadas às dez horas da manhã, com o hasteamento do Pavilhão Nacional, estendendo-se até o cair da tarde, com distribuição dos prêmios aos vencedores, quando se deu o regresso dos excursionistas e seus convidados.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Visita a Pôrto Alegre (Celestino Silveira) 3/5
Duas pátrias num só coração (Sabino Canalini) 6/7
Os peregrinos da boa vontade (Vinicius Lima) 11/15
O Dia Nacional de Ação de Graças 17/20
Soldado velho de guerra 24/27
Sol e praia na Riviera italiana 28/31

ATUALIDADEE

Turismo e Navegação Aérea .. 22/23
Os Cadetes da Aeronáutica .. 32/35

LITERATURA

Que devo fazer... (N. Pierre 36
A Tal Lucrécia (Luiz Canabrava) 16

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 8
Puxe pelo cérebro 9
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Filho) 47
Tudo isto aconteceu 54/55

HUMORISMO

A opinião do doente (Theo) 21
O bicho-homem (Nicodemus) 10
Policlínica (Rafael) 55

FOLHETIM

Scarlet 53

FEMININAS

Dominemos nossos impulsos (O. B.) 40
Para a praia 41
Vestidos bordados 42
Hora do "cock-tail" 43
Simplicidade 44
"Week-End" na cozinha 45

TEATRO

Hipócrita 37/39

★

FOTOGRAFIAS:

Arnaldo Vieira
Vinicius de Lima
Keystone
Avulsas

ILUSTRAÇÃO

Luiz Canabrava

★

NA CAPA

Shirley Temple
(20th. Century Fox)

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Em Antióquia (sôbre o Oronte)
2 — Comprador de diamantes
3 — 6.500 gráus centígrados
4 — Escrita sagrada
5 — Vinte anos
6 — Era completamente analfabeto
7 — Ambos foram tentados pelo demônio
8 — De Buda
9 — De Confúcio
10 — Em três: Inferno, Purgatório e Paraíso
11 — De Musa, deusa das Artes
12 — Aparelho de fins musicais
13 — Luís Carlos Alfredo de Musset
14 — Os irmãos Van Eyck
15 — Maria Dorotéia Joaquina de Seixas
16 — Por ser mestiço
17 — Ao romance "O Guarani", de José de Alencar
18 — Acidente de tiro numa caçada
19 — S. José do Rio Pardo
20 — Uma freira chamada Lucrécia Buti

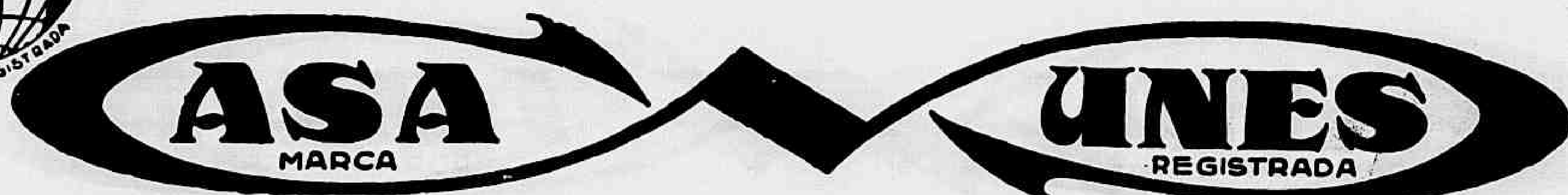


MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

Orçamentos e sugestões por técnicos decoradores

Tapetes e **passadeiras** de tôdas as partes do mundo, fabricados especialmente para a





65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO

A moda varia...





...mas a preferência pelos cigarros Continental permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — o colarinho duro e muitas outras coisas já sairam de moda... mas a popularidade absoluta dos cigarros Continental permanece inalterada. Os cigarros Continental sempre se mantiveram uniformes em qualidade e paladar. Hoje, melhores do que nunca, os cigarros Continental crescem na preferência do público — e, hoje como ontem, Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil.



Cigarros **Continental**

Lisos ou com ponteira

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ** — **uma preferência nacional**